OS ASSENTAMENTOS ALEMÃES EM TORRES, NA CORRESPONDÊNCIA DE SEU INSPETOR

Ruy Ruben Ruschel

1. INTRODUÇÃO

Em 1820, a Guarda e Registro das Torres foi reforçada com a construção de pequeno reduto, capaz de artilharia. Passou a ser classificada de Presídio, recebendo mais expressiva guarnição. Assumiu o comando o Tenente-Coronel **Francisco de Paula Soares**, sucedendo ao Alferes **Manoel Ferreira Porto**, então reformado.

Por mais de dez anos permaneceu o novo Comandante na localidade e administrou o distrito com proficiência. Ultimou a construção da igreja São Domingos (1824) e conseguiu erigi-la em Capela Curada (1826). Abriu estradas para o interior, inclusive comunicação com o planalto – campos de Vacaria – ao longo do Rio Mampituba. Atraiu moradores vindos de Santa Catarina e estimulou a produção agrícola e a pesca. Cuidou dos armazéns e transportes militares destinados à Guerra Cisplatina. E providenciou a eleição do primeiro juiz de paz. Mas sua obra de maior repercussão consistiu em receber e assentar os imigrantes alemães que formaram a Colônia das Torres, da qual exerceu a função de Inspetor.

Os poucos pesquisadores que se detiveram no estudo específico dessa colonização alemã[1] deixaram de levar em conta a maior parte da correspondência do Ten.-Cel. Soares a propósito do assunto. Limitaram-se a examinar seu "mapa demonstrativo", de 1830, e sua "memória das Torres", de 1847, fontes que haviam sido publicadas na antiga Revista do Archivo Público do Rio Grande do Sul[2]. Ou apenas utilizaram umas cartas de 1826 acerca do preparo da caravana de imigrantes e seu deslocamento a Torres.

Considerando que a análise minuciosa do conjunto dessa correspondência proporciona detalhes relevantes sobre a evolução do plano e do processo de as-

(1) Destacam-se, sobretudo:
TRUDA, F. de Leonardo – Colonização Alemã no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Typografia do Centro, 1930.
HUNSCHE, Carlos Henrique – O Ano 1826 da Imigração e Colonização no RGS. Porto Alegre, Ed. Metrópole, 1977.

(2) Rev. Arch. Publ. do RGS. Porto Alegre, Set.-Dez. 1924, nº 15-16, pp. 60-7 (rodapé).

sentamento dos colonos, o presente trabalho pretende destacar alguns desses aspectos.

Ao todo, preservaram-se cinqüenta e oito cartas de Francisco de Paula Soares aos sucessivos Presidentes da Província (maioria) ou a outras autoridades (poucas). Desse total, cinqüenta e cinco acham-se no Arquivo Histórico do Estado, com datas entre 1822 e 1838[3]. As outras três, de abril de 1825 e endereçadas ao Presidente José Feliciano Fernandes Pinheiro, estão sob a custódia deste Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. A correspondência que interessa à colonização (entre 1825 e 1832) distribui-se de modo desigual no tempo. São dezoito cartas de 1825, sete de 1826, sete de 1827, oito de 1828, uma (o referido "mapa demonstrativo") de 1830, três de 1831 e uma de 1832. Esta última, aliás, já não se caracteriza como documento oficial relativo à sua administração e sim como um protesto privado, frente ao juiz de paz de Torres, contra o esbulho de uma terra sua por um dos alemães assentados. Mas está assinada por Soares como "Coronel Inspetor da Colônia" e traz informes sobre o assentamento.

Na sua grande maioria, essas cartas continuam inéditas. Com certa paciência – porque há trechos quase ou inteiramente ilegíveis – foram copiadas por este pesquisador.

Além da mencionada correspondência, há que acrescer três documentos da década seguinte, quando Soares já era Brigadeiro. Trata-se de duas cartas, de 03-10-1844 e de 07-10-1844, conservadas no acervo do Visconde de São Leopoldo, neste Instituto, sob o nº 324, transcritas na p. 123 da Revista do I.H.G.R.G.S. nº 131, e da "memória das Torres", de 01-11-1847, guardada no Arquivo Histórico do Estado. Nessa época, ele já não era Comandante ou Inspetor nas Torres, e residia em Porto Alegre, cidade de cuja defesa havia participado contra o sítio dos farrapos.

2. PLANEJAMENTO DA COLÔNIA

Ao passar em Torres para assumir a Presidência da Província, em fevereiro de 1824, o Des. **José Feliciano Fernandes Pinheiro**, futuro **Visconde de São Leopoldo**, conversou com o Ten.-Cel. Soares sobre seu projeto de ali instalar uma "pequena colônia". Nessa oportunidade, parece terem cogitado de um terreno específico para tanto. É o que se deduz da carta de José Feliciano escrita à Corte (Ministério das Relações Exteriores) em 22-04-1824: "Há pouco, na minha passagem por aí [referia-se a Torres, a que considerava "a chave propriamente da Província da parte do norte"] recomendei a um oficial que levantasse a planta do espaço de terreno que me pareceu azado para uma fundação"[4].

Uma carta de 01-04-1825 do Comandante Soares constitui razoável indício de que o terreno escolhido fora o "Espigão do Brito", propriedade que estava na

(3) Lata 298, maço 72, bem como em "Autoridades Militares e outros fundos.

(4) Rev. do Arch. Publ. do RGS, Porto Alegre, Set.-Dez. 1924, nº 15-16, pp. 13-5. Também em: Truda, op. cit., p. 49.

iminência de ser seqüestrada pela Justiça. Em resposta a questionamento direto do Presidente José Feliciano acerca do caso do terreno, fornece-lhe dados desanimadores sobre sua imediata liberação e capacidade de receber colonos: "Resta-me só responder a V. Exa. sobre o Espigão do Brito cujo seqüestro vai fazer nele o Vintenário deste distrito por mandado do juiz de Santo Antônio, e por isso não espere V. Exa. desta diligência resultado nenhum bom. As terras que o Brito tem no tal Espigão é para extensão de um quarto de légua de frente ao norte beira Rio Mampituba, e meia légua de fundos no sul com um faxinal; aquela frente já tem uns intrusos que vivem nela e outros que só se banham. É a sua figura um retângulo, o qual se pode dividir em quatro quadrados de 375 braças de face, em cada um pode morar uma família; esta é a capacidade das terras do Brito dividida segundo se fez na extinta Feitoria, porém V. Exa. pode diminuir aquele de braças e por isso acomodar maior número de casais"[5].

Ainda no mesmo mês o Presidente recebeu esta carta, como anotou de próprio punho à margem de outra: "Neste mesmo ofício [referia-se ao de 01-04-1825] me dá uma noção da extensão e configuração do Espigão chamado 'do Brito' para se acomodarem cultivadores"[6].

Porém, no dito ofício de 1° de abril, o Com. Soares não se limitou a desvanecer o projeto de acomodar colonos no Espigão do Brito. De imediato acrescentou proposta alternativa, a qual foi a responsável pela mudança de planos do governante, como se verá. Escreveu: "Lembramos agora dizer a V. Exa. que neste distrito há infinidade de terras devolutas e que melhor e mais vantajoso para este lugar se estabelecesse uma colônia pelas vizinhanças da nova estrada para Vacaria ? Ali há terras para toda sorte de lavouras, para cana as de barro, para mandioca as de areia, para arroz e linho terras baixas, para algodão e mantimento as altas. Matos os milhares, tudo isto com navegação para aqui. Há um grande Espigão 'do Jacaré', outro do 'Morro do Forno' tudo isto beira Lagoa e esta, comunicada com o rio: tudo isto está inculto pelo reino do gentio; mas entrando porção de gente já desvanece aquele"[7].

A uma leitura atenta, verifica-se que são duas as opções contidas na nova proposta:

1ª) Terras devolutas à beira do Rio Mampituba, dispostas de leste para oeste, ao longo da estrada de penetração que o Ten.-Cel. Soares estava abrindo desde 1820 ou 1821[8].

2ª) Terras devolutas escalonadas de norte a sul, nos espigões entre as Lagoas do Jacaré e do Morro do Forno.

Na segunda sugestão já vinham referidos o inconveniente de estar a área coberta de floresta virgem e o risco de situar-se na vizinhança dos bugres ("gentio").

(5) Carta de 01-04-1825.

6.Carta de ?-04-1825, com o dia do mês destruído pela traça. (Nota ao pé da 2ª p.).

(6)

(7) Mesma carta de 01-04-1825.

(8) No item 1° da carta de ?-04-1825 informa que começou a abri-la desde o "tempo do Governo Triúnviro" (que foi entre 22-09-1820 e 20-08-1821).

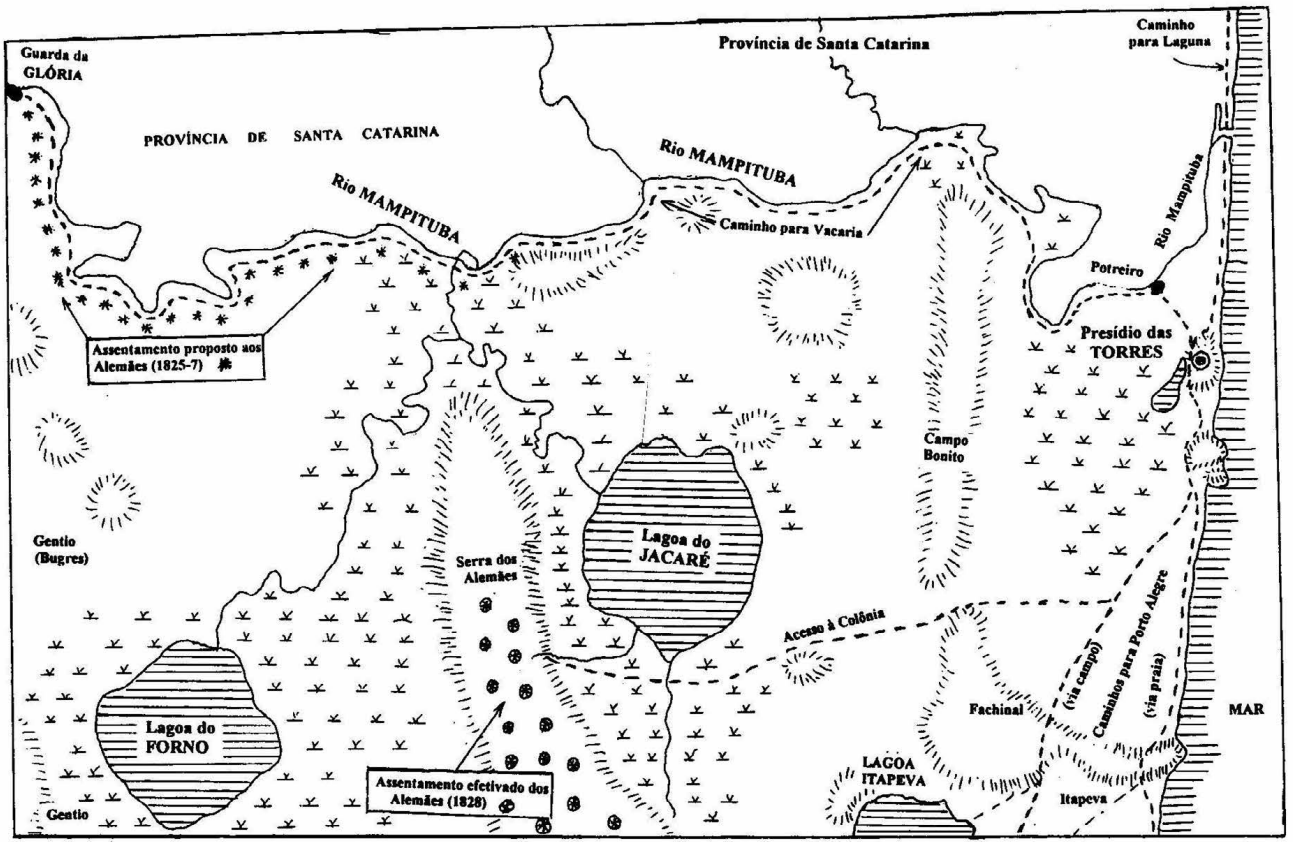


Fig. 1 - Colônia Alemã das Torres - Bacia do Mampituba.

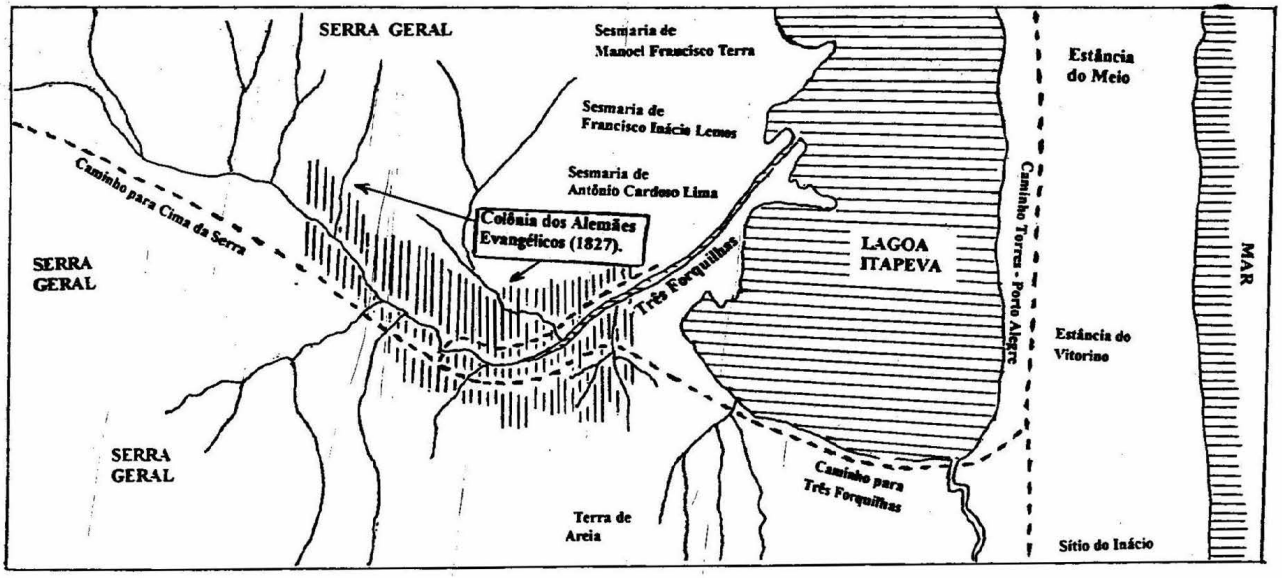


Fig. 2 - Colônia Alemã das Torres - Bacia do Três Forquilhas.

Por mais de um motivo, a primeira opção representava ser a mais razoável. É que as matas da margem do rio já vinham sofrendo desbaste pelos que abriam a estrada, afora a circunstância de a corrente fluvial adjacente assegurar outra via de ingresso. Ademais, em ponto estratégico adequado dessa margem, com navegabilidade fluvial até Torres, estava por ser erigida uma guarnição militar para garantir os futuros colonos contra possíveis incursões dos bugres. Tratava-se da Guarda-Paliçada "do Presidente", assim denominada por Soares[9], mas cujo nome foi logo trocado por "da Glória", por ordem de José Feliciano[10].

Em outra carta de abril de 1825[11], o Ten.-Cel. Soares procura realçar o valor econômico da estrada que construía, comparando-a vantajosamente com os acessos existentes à Serra – o do Rio Tramandaí (atual Serra do Maquiné) e o do Araranguá (atual Serra da Rocinha). Ao que tudo indica, o Comandante das Torres já havia feito propaganda verbal dessa estrada a seu superior, tanto que este averbou à margem desta carta o seguinte comentário de próprio punho: "Asseverou-me vocalmente o mesmo Com. Soares que quando ali chegou uma das Divisões, parece-me que me lembro ser a comandada pelo Cel. Calmon, achou ali socorros de ovelhas, queijos, porque havia descido da Serra e que, além do que lhe ministrou a Administração Pública, deixou ali o melhor de 800$000."[12]

Os elementos informativos propiciados pelo Ten.-Cel. Soares convenceram o Presidente José Feliciano acerca das vantagens em assentar os alemães na margem meridional do Mampituba. Ao oficiar à Corte, em 22-05-1825, o Presidente já adotara a proposta de seu subordinado, pois pedia autorização expressa para acomodar os alemães que vinham chegando "beirando a estrada nova que se trabalha por fazer praticável entre o Presídio das Torres e os habitantes de cima da Serra, para descerem por ali os animais e mais produtos que se exportam para a Província de Santa Catarina, e cujas terras consta-me que são tão píngües"[13]. Parece evidente que acatou os termos da primeira opção oferecida por seu subalterno.

No ensejo em que o Presidente escreveu o ofício supra-mencionado ao Ministério das Relações Exteriores, 22-05-1825, o Ten.-Cel. Soares estava em Porto Alegre, como se deduz de suas cartas de 25-05[14] e de 10-06[15]. Seria só coincidência ? O mais provável é que o Comandante fora chamado à Capital por seu superi-

(9) Ainda na carta de 01-04-1825.

(10) Ao pé da 2ª p. da carta de ?-04-1825, José Feliciano anotou que havia determinado, em 21 do mesmo mês, que o Com. Soares adotasse o nome "Glória", como homenagem à Princesa Imperial D. Maria da Glória. Na carta de 29-04-1825 vê-se que Soares acatou a ordem de seu superior. Tal nome veio até nossos dias, embora tenha sido alterado por decreto para Pirataba: é a sede do 3° distrito de Torres.

(11) Carta de ?-04-1825 (o dia está dilacerado).

(12) Carta de ?-04-1825, nota à margem da 2ª página.

(13) Rev. Arch. Publ. do RGS, cit., pp. 40-1.

(14) A carta de 25-05-1825 foi escrita no "quartel da Estância do Meio", por onde o Comandante transitava sul-norte, na direção de Torres, vindo da Capital.

(15) A carta de 10-06-1825, datada de Torres, declara expressamente que fora escrita (a anterior) "em marcha para aqui".

or, para que este pudesse melhor tomar a decisão expressa no ofício à Corte. Havia perfeita consonância de objetivos entre a autoridade provincial e a local. Ainda na carta anterior a sua ida a Porto Alegre, de 29-04-1825, Soares manifestara seu entusiasmo pelo povoamento de Torres, citando as reflexões de um "amigo do Brasil na Filadélfia": "Vosso imenso e inculto terreno é riqueza que sobra para grangear-vos pronta e numerosa povoação. Aliciai estrangeiros com hospitaleiro agasalho, que tanto vos caracteriza, fomentai-lhes o gosto de viver convosco"[16].

Ao estar de volta em Torres, o Comandante procurou acelerar as obras de infra-estrutura para a prometida colônia estrangeira. Na carta de 10-06-1825 comunica a José Feliciano:

a) que "a estrada está aberta e as quatro pontes igualmente mal construídas";

b) que doze soldados guaranis já estavam guarnecendo o Forte da Glória e o Passo dos Paulistas, enquando levantavam as defesas necessárias; e

c) que os primeiros contatos comerciais com o alto da Serra já haviam sido entabolados e o próprio Comandante preparava-se para ir "desafiar aqueles serranos, afim de quanto antes gozarem das vantagens desta estrada"[17].

Em outubro de 1825, o Comandante já esperava os alemães, como se constata da carta do dia 19[18]. Porém, no resto do ano o assunto passa a ser esquecido, cuidando as cartas apenas de outras rotinas[19].

3. TRANSPORTE DOS IMIGRANTES

O Presidente da Província foi substituído pelo Brigadeiro José Egídio Gordilho de Barbuda em janeiro de 1826. Entretanto, José Feliciano se tornou Ministro do Império e neste novo posto diligenciou para que seu plano de colonização alemã em Torres se concretizasse.

A correspondência do Ten.-Cel. Soares relativa à seleção e ao transporte dos imigrantes alemães foi bem estudada por Carlos Henrique Hunsche[20]. Nada há que acrescentar. Através de suas sucessivas cartas[21], as primeiras ao Presidente Barbuda e as demais ao Presidente Salvador José Maciel, é possível acompanhar as providências do Ten.-Cel. Soares, agora como Inspetor da Colônia, no sentido de buscar os alemães e arranchá-los "do modo possível" na sede do Presídio, onde chegaram no dia 17-11-1826, a tempo de assistirem a passagem e pernoite em Torres do "Kaiser" D. Pedro I (05-12-1826).

(16) Carta de 29-04-1825.

(17) Carta de 10-06-1825. A ida de Soares para a Serra deve ter ocorrido em 13-06-25, com diz nesta carta; estava de volta em 06-07, como se vê na carta de igual data.
Como revela Soares no 4° anexo ao relatório de 07-10-1844, foi por esse caminho que Bento Gonçalves subiu aos campos de Vacaria, em dezembro de 1840.

(18) Carta de de 19-10-1825, em que pede a remessa de pólvora "quando venham os alemães".

(19) Cartas de 11-11-1825, 03-12-1825 (duas), 09-12-1825 e 19-12-1825.

(20) Hunsche, op. cit.

(21) Cartas de 14-08-26, 24-09-26, 07-10-26, 10-10-26, 05-11-26, 07-11-26 e 22-11-26.

4. DIFICULDADES DO ASSENTAMENTO. BIPARTIÇÃO.

Chegados na sede do Presídio em fins de novembro de 1826, em número superior a 420 pessoas, os imigrantes tiveram de aí acampar (ou acantonar), aguardando que o tempo melhorasse[22]. As cartas de 1827 e anos posteriores demonstram os obstáculos que o Inspetor teria de enfrentar para obter o assentamento dos colonos segundo o plano elaborado ao tempo da Presidência de José Feliciano.

Na ausência dos documentos epistolares dos meses iniciais de 1827, há que recorrer a relatórios posteriores mais genéricos[23] para reconstituir as primeiras tentativas de assentamento. A demarcação dos lotes à margem meridional do Mampituba teve início no verão de 1827. O perito era João José Ferreira, vindo para essa tarefa da sede da Comarca, Santo Antônio da Patrulha. Mais tarde, para auxiliá-lo como "ajudante-de-corda", foi buscado em São Leopoldo o prático alemão Frederico Carlos Voges, mas parece que só chegou em abril[24].

A idéia era instalar os imigrantes em etapas. Os primeiros seriam os protestantes[25]. Além de mais numerosos, seu pastor Carlos Leopoldo Voges[26] precisaria erigir na Glória – sede prevista da Colônia – um lugar para "exercitarem a sua religião"[27]. Sob a chefia do piloto (agrimensor), deslocaram-se alguns sentenciados para as obras de infra-estrutura e um grupo de quarenta colonos, estes a se revezarem semanalmente. A cada domingo (na hora do rodízio) chegavam a Torres as reclamações dos colonos, não conformados com o estado paludoso daquelas terras marginais. Na época havia chovido muito, e o vale, ainda coberto de abundante mata ciliar e atlântica, retinha as águas por longas temporadas. Passaram-se três meses, mas o Inspetor insistia que as ocupassem. Por fim, o próprio Soares percebeu que a margem meridional do rio era insuficiente e enviou o perito a Porto Alegre na busca de uma solução[28].

Foi então – e só então – que apareceu a idéia de separar a Colônia em duas. Por algum tempo os historiadores, iludidos pelo modo sintético da narrativa da "memória das Torres", de 1847, acreditaram que a separação fora preconcebida. Essa falsa impressão havia sido desmentida até pelo planejador José Feliciano Fernandes Pinheiro em documento de 1844[29].

O Governo da Província decidiu colocar os protestantes "ao longo da estrada do Rio das [Três] Forquilhas, e que os católicos, que necessitavam dos socorros espirituais, ficassem próximos às Torres, onde existe a igreja, capelão e cemité-

(22) Carta de 22-11-1826.
(23) Principalmente a carta de 20-04-1828, que rememora um histórico da problemática.
(24) Veja-se a carta de 28-04-28: "entrou para a colônia seis meses depois dos primeiros".
(25) Isto já consta da carta de 22-11-1826.
(26) Mencionado na carta de 10-10-1826. Além do pastor, acompanhava os evangélicos um médico, o Dr. Zinckgraff.
(27) Carta de 20-04-1828.
(28) Carta de 20-04-1828: "mas não bastando uma só margem do rio..."
(29) Ver "Imigração e Colonização Alemã". P. Alegre, Esc. Sup.de Teologia, 1980, p. 225: O Visc. de São Leopoldo atribui a outros o "desvio" da Colônia para Três Forquilhas.

rio"[30]. Não há razões, portanto, para inferir discriminação contrária aos confessores de uma fé religiosa não oficial do Império. O motivo foi de natureza prática, pois os evangélicos tinham consigo pastor e médico próprios, nisso não dependendo das proximidades do Presídio. Aliás, no novo sítio escolhido ficariam mais perto de Porto Alegre e São Leopoldo e teriam a seu dispor solos tão ou mais férteis do que os outros. Outrossim, poderiam entreter equivalente acesso ao planalto (atual estrada da Serra do Pinto, futura Rota do Sol, utilizada por eles desde logo).

5. O ASSENTAMENTO DOS PROTESTANTES

Em junho de 1827, o Ten.-Cel. Soares esteve em Porto Alegre. Já então os dois agrimensores estavam demarcando as terras no vale do Três Forquilhas, em ambas as margens[31]. Ao retornar pela estrada do campo litorâneo (que se utilizava então), o Inspetor encontrou em Estância do Meio as primeiras trinta famílias de imigrantes evangélicos, a caminho do assentamento. O trajeto de Torres a Três Forquilhas se fazia, na época, pelo campo do litoral até Estância do Meio; aí se dobrava para o interior, atravessando o canal natural entre as Lagoas da Itapeva e dos Quadros, para atingir dito vale. Foi aí realizado o sorteio dos lotes demarcados[32].

Ao chegar no Presídio, o Comandante preparou transporte para o resto dos protestantes, "que se vai passando morosamente pela falta de meios"[33]. Ainda no começo do mês seguinte havia em Torres "alguns protestantes que não tenham passado para as Três Forquilhas, por falta de transporte. Logo que chegarem duas carretas que espero para semelhante fim, nelas pretendo conduzir o dito [subsídio] para o fim de pagar aos protestantes e ultimar o sorteamento das terras"[34]. Segundo se vê da carta subseqüente, o transporte dos protestantes "o têm feito a sua custa", "conduzindo cada carreta três famílias e pagando entre si o frete de 4.000 réis"[35].

Em agosto estavam todos assentados "em sua nova colônia muito satisfeitos"[36]. O próprio Inspetor visitou-os mais tarde, como narra: "Também passei à Colônia Protestante e depois de, em nome de V. Exa., louvá-los pela assiduidade de seu trabalho, encomendar-lhes a continuação deles, lhes li o convite que V.

(30) Carta de 20-04-1828. Igual justificação consta na "Memória das Torres", de 1847.

(31) No anexo à carta de 10-11-1828, o piloto João José Ferreira menciona a data de 27-05-1827 como da medição de uma colônia da margem setentrional desse rio.

(32) Carta de 26-06-1827.

(33) Mesma carta.

(34) Carta de 02-07-1827.

(35) Carta de 18-07-1827.

(36) Carta de 20-04-1828. Confirma-se tal satisfação pela carta em francês, datada de 31-12-1827, na qual os colonos evangélicos de Três Forquilhas se declaravam agradecidos ao Imperador pelas terras de seu assentamento (Hunsche, op. cit., p.148).
A resposta do Ministro Pedro de Araújo Lima, de 28-03-1828, encontra-se anexada à correspondência de 03-10-1844, de Soares (doc. 324 do acervo Visc. S. Leopoldo).

Exa. lhes fazia da parte do Exmo. Sr. General-em-Chefe, ao que responderam que não se animavam a deixar suas colônias"[37]. Pelos termos desta carta, infere-se o real motivo da visita – transmitir aos colonos a proposta do Gen. Carlos Frederico Lecor, Visconde de Laguna, de se alistarem para a Guerra Cisplatina, então em curso...

6. O ASSENTAMENTO DOS CATÓLICOS

Terminada a demarcação de Três Forquilhas, o perito veio a Torres e o Inspetor lhe determinou que seguisse ao Mampituba para medir os lotes para os católicos[38]. Enquanto isso, esses imigrantes já haviam escolhido seis deles "para irem ver as terras, se já estão desocupadas das águas que aqui têm sido excessivas"[39]. O Inspetor, prevenido pela frustrante experiência do começo do ano, advertiu ao Presidente Maciel: "e quando eles não queiram as terras na margem deste rio (porque eles o que querem é ganhar tempo), V. Exa. tenha paciência que os empurro para a fralda da Serra, onde não há águas"[40].

De fato, aconteceu o previsto. Os seis emissários voltaram com más notícias, fazendo com que vinte e oito chefes de família e solteiros redigissem um abaixo-assinado ao Governo da Província em que se queixavam da distância e da deficiência dos caminhos: "as mais perto estão a três léguas e as mais perto não têm caminho de carreta para levarmos nossas famílias"[41]. Por isso pediam "terras em outro lugar no Tramandaí".

Ao encaminhar o requerimento, o Inspetor esclarece outras pretensões dos colonos – mais seis meses de subsídios e transporte às custas da Nação. Deixou a critério superior resolver "como achar justo"[42].

Pelo jeito, nada foi resolvido, tanto que três meses depois o Com. Soares comunicou que "os colonos católicos sairam do mato pela segunda vez, dizendo que não querem as terras, só constrangidos poderão recebê-las..."[43]. Argumentavam eles que "se haviam dado as melhores terras aos protestantes, e se aquelas [do Mampituba] não serviram para estes, também não serviriam para eles"[44].

Finalmente, em outubro ou novembro de 1827[45] o Presidente da Província "ordenou que entrassem para onde se achavam os protestantes, ou que eu [Soares] lhes desse em outro lugar terras"[46]. Em face disso, o Inspetor encarregou o agri-

(37) Carta de 12-02-1828. Essa visita deve ter ocorrido em janeiro ou fevereiro de 1828, quando Soares voltava de P. Alegre, onde fora buscar ferramentas e dinheiro.
(38) Carta de 02-07-1827.
(39) Mesma carta.
(40) Mesma carta.
(41) Anexo à carta de 18-07-1827.
(42) Carta de 18-07-1827.
(43) Carta de 23-10-1827.
(44) Carta de 20-04-1828.
(45) A mesma carta diz que foi em novembro, mas o redator deve ter-se equivocado, como se deduz da carta seguinte. Talvez fosse em outubro.
(46) Mesma carta.

mensor alemão de percorrer a área mais alta que se estendia para o sul, a partir das margens do Mampituba, à procura de terras devolutas. O laudo foi positivo. Em linguagem um tanto confusa, o perito Voges esclareceu: "Participo a V. Sa. que eu fui ver, segundo a sua ordem, aquela terra devoluta da Glória até embaixo do Rio das Três Forquilhas, e achei neste lugar terra boa, que serve bem para agricultura; mas com aquela condição, que se componha primeiramente um caminho para lá. Ditas terras dão mais de quatrocentos casais. Todas estas terras são altas"[47]. Tratava-se, justamente, das "terras entre as Lagoas do Jacaré e do Forno"[48], as mesmas que o Ten.-Cel. Soares oferecera como opção subsidiária ao ex-Presidente José Feliciano dois anos e meio antes[49]. Formam um espigão de cerca de 8 km de comprimento norte-sul, larguras de 2 a 3 km, a começar da margem do Rio do Forno (afluente direito do Mampituba e desaguador da Lagoa do Morro do Forno), mais conhecido por Rio Monteiro, e a findar, na extremidade meridional, no sítio onde hoje está a sede da Colônia São Pedro de Alcântara. Tem altitudes de até 100 e 200 m, sendo seu ponto culminante o Morro dos Leffas, de 247 m. O espigão está limitado a leste pela planície da Lagoa do Jacaré e a oeste, pela planície e banhados da Lagoa do Morro do Forno[50]. Muito a propósito, em mapa traçado em 1860 pelo engenheiro belga Charles Pompée Démoly, recebeu a denominação de "Serra dos Alemães"[51].

Quatro colonos foram examinar ditas terras. Depois, postos a escolher, pelo Inspetor, entre o juntar-se aos de Três Forquilhas (os melhores lotes já tinham donos) e o receber essas terras virgens, os católicos preferiram a última opção, embora ainda reticentes.

Em janeiro ou fevereiro de 1828, o Ten.-Cel. Soares viajou a Porto Alegre. No retorno, conduziu a Torres mais alguns presos-sentenciados (para empregar em obras), dinheiro para pagar subsídios em atraso e ferramentas. Com tais elementos, procurou convencer em definitivo os colonos católicos, anunciando-lhes a indignação do Presidente da Província ante as protelações e ameaçando "tratá-los como inimigos do Brasil, para o que me sobravam meios"[52]. Assim coagidos, os colonos aceitaram. Sorteou entre eles os quarenta e oito lotes já demarcados. Dezesseis chefes de família deslocaram-se para suas terras afim de construir seus ranchos. Enquanto isso, o piloto continuou demarcando as demais colônias e os presos iniciaram a abertura da "estrada de carretas para transportarem suas mobílias"[53]. Parecia ter ocorrido "o desatamento deste nó górdio alemão que por quinze meses conservou-se em uma luta continuada"[54].

(47) Anexo à carta de 03-11-1827.
(48) Vide carta de 20-08-1828.
(49) Veja-se a carta de 01-04-1825, comentada no item 2 do texto.
(50) Mapa do Exército, Folha SH-22-X-C-III-3 (Três Cachoeiras), escala 1:50.000, Região Sul do Brasil. Ministério do Exército, Diretoria do Serviço Geográfico.
(51) Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Iconografia 4,3,21 – CEHB 2508.
(52) Carta de 12-02-1828.
(53) Carta de 12-02-1828.
(54) Mesma carta.

Mas o processo não estava esgotado.

Entre os colonos correu um boato, trazido por alguém de Santo Antônio da Patrulha. O juiz da comarca, Marcos Fioravante, teria dito que a Província se preparava a criar nova colônia, em Rolante, "e que ali havia campo"[55]. Recomeçaram as exigências "que não têm outro objeto mais que vencerem subsídio eternamente, mudando sempre de colônia, sem cultivarem as florestas do Brasil, que para isso é que os convida com tantas vantagens"[56].

O Ten.-Cel. Soares, atribuindo a liderança da rebeldia ao colono Louis Boudier, prendeu-o e o enviou a Porto Alegre para ser entregue às autoridades superiores, escoltado pelo Alf. Manoel Ferreira Porto[57]. Na carta de apresentação esclarecia que Boudier era "de nação francesa", e estava "empregado na polícia da Colônia", tendo sido preso "porque é o instrumento de que os outros se têm valido para fazer-lhes requerimentos em sua língua". E acrescentava, dramático: "Este homem é solteiro revolucionário, bem podia V. Exa., mandando-o para o exército, aliviar-nos de semelhante peste"[58].

Outra medida para esfriar os ânimos consistiu em remeter junto a Porto Alegre o agrimensor alemão Voges, por constar que andava estimulando os rebeldes. Em relação a ele recomendou ao Presidente Maciel: "Enfim, digne-se V. Exa. (porque me não fio do piloto) ordenar-lhe que há de quanto antes fazer entrar para suas terras os colonos católicos, pela qual responderá a V. Exa., e de mim receberá os auxílios, e que é preciso que mostre mais interesse e zelo pelo serviço de uma Nação que lhe está pagando"[59].

Nesta mesma carta, o Inspetor informou que só quinze colonos católicos já se haviam assentado, os dèmais teriam sido desorientados pelo alemão Paulo Magnus, "o móvel desta sedição"[60]. Passado um mês, a situação do assentamento católico continuava a mesma: "Alguns fizeram casa, e mesmo plantaram feijão, e quando já trinta e cinco estavam em suas colônias, um tal Magnus os desorientou ao ponto que V. Exa. vê, que só quinze querem as terras, porém os outros ameaçam-nos de queimar-lhes as casas, e espancá-los"[61]. Nessa época o agrimensor Frederico Carlos Voges já tinha voltado da Capital e se dirigido ao assentamento "encarregado de arranjar os católicos nas suas colônias"[62].

O término da rebeldia só ocorreu em julho de 1828, segundo consta na peça judiciária de 14-12-1832, encaminhada pelo agora Coronel Soares ao juiz de paz Hipólito Antônio Rolim, a propósito da queixa de esbulho interposta pelo colono Johannes Jacobs[63]. Conforme a versão do Inspetor, os derradeiros colonos rebel-

(55) Carta de 08-03-1828.
(56) Mesma carta.
(57) Mesma carta.
(58) Carta de 09-03-1828. É provável que a sugestão fora aceita, visto que o nome de Boudier desapareceu dos registros...
(59) Carta de 08-03-1828..
(60) Carta de 08-03-1828.
(61) Carta de 20-04-1828.
(62) Carta de 28-04-1828.

des finalmente aceitaram e ocuparam os lotes a eles destinados quando sentiram suspensos, em junho, os subsídios que esperavam continuar recebendo. Ainda tentaram reclamar e para isso se dirigiram a Porto Alegre, "em assuada". Porém, como o Governo prendesse dois deles na "Presiganga" (navio-prisão) e mandasse evacuar a Capital em 24 horas, retornaram a Torres e conformaram-se em receber os lotes[64].

Dessa maneira, cerrou-se o difícil processo de assentamento dos colonos católicos. A demora de um ano e meio, as incompreensões mútuas e os conflitos sérios com as autoridades, por certo contribuíram, em grau ainda não perquirido, para o relativo atraso econômico inicial dessa colônia. Somente ao fim da Guerra dos Farrapos é que conseguiram instalar sua sede própria – a localidade de São Pedro de Alcântara – onde fizeram cemitério (1845) e construíram igreja (1847 a 1853). Presentemente, esse lugar está em vias de constituir município novo. [Observação: em 01-01-97 foi instalado, com o nome de D. Pedro de Alcântara].

7. CONCLUSÕES

A análise do acervo epistolar do Ten.-Cel. Francisco de Paula Soares não deixa de oferecer certas dificuldades. Dentre estas há que pôr em relevo o estilo quase hermético de algumas declarações suas, fundadas em informes que o missivista deixa subentendidos. Esta maneira de escrever se torna ainda mais obscura quando não se possui a correspondência de seus interlocutores, ou quando ocorrem falhas na seqüência das próprias cartas a serem interpretadas.

Mas o óbice maior é de natureza substantiva. As cartas do Inspetor da Colônia retratam uma visão unilateral, onde freqüentemente é manifesta a má-vontade em relação aos imigrantes. O trabalho de interpretação deve ser crítico, para evitar introduzir na história a versão de apenas um dos envolvidos.

Mesmo assim, examinada em conjunto representa fonte muito preciosa – até agora insuficientemente utilizada – para resgatar detalhes objetivos quanto à formação da Colônia Alemã de Torres, em particular no que tange a seu planejamento e sua implantação.

Algumas conclusões básicas puderam ser colhidas neste trabalho:

a) O plano inicial era modesto – uma "pequena colônia" num único terreno escolhido – mas foi amplificado graças à proposta de Soares de servir-se de terras devolutas à margem da estrada do Mampituba.

b) A execução do plano mostrou a deficiência da área devoluta alternativa escolhida e obrigou a divisão da Colônia em duas.

c) O assentamento dos alemães evangélicos no vale do Três Forquilhas foi menos penoso e ultimou-se em meados de 1827.

d) Quanto ao assentamento dos alemães católicos, ante sua resistência ao

(63) Documento de 14-12-1832.
(64) Mesmo documento.

plano inicial e as dificuldades burocráticas das autoridades para superar a crise, só foi concluído, em lugar diverso do planejado, em julho de 1828, isto é, passados mais de ano e meio de sua chegada.

ALGUNS REPAROS FEITOS À HISTORIOGRAFIA MISSIONEIRA, SOBRETUDO À NOVA EDIÇÃO DA "RELAÇÃO ABREVIADA"

P. Arthur Rabuske, S. J.

INTRODUÇÃO

Como se acentua desde logo no cabeçalho do presente artigo, trata-se apenas de alguns dos muitos reparos, que se poderiam facilmente fazer com respeito à historiografia missioneira do Rio Grande do Sul.

Dirigem-se eles sem mais, como que em sucinta comunicação escrita, aos ilustres confrades o IHRGS e aos historiadores do ramo, podendo contudo interessar, outrossim, a outros estudiosos ou leitores do assunto em pauta.

É que, na citada historiografia, aliás tão vultosa entre nós como mal se teria esperado em decênios idos, percebem-se com facilidade não poucos dados, que denotam conhecimento insuficiente, consideram-se de menos ou até importam em equívocos clamorosos.

Se, por conseguinte, aqui a eles se chama a atenção especial, embora apenas de maneira sucinta e rápida, em absoluto se pretende sustentar uma polêmica estéril e quase sempre odiosa, mas tão-somente contribuir, como que a título informativo, para o esclarecimento de alguns pontos de interesse histórico e "missioneiro".

De acordo com a dupla divisão, que forçosamente se impõe ao histórico das Missões do Uruguai e do Tape de antanho no que hoje é território do RS brasileiro, oferecemos algumas observações relativas à sua 1ª fase (1626 a 1639) e outras no concernente à 2ª fase (1680 a 1768), própria dos assim-chamados "sete povos", para deter-nos por fim um pouco mais na recente edição da "Relação Abreviada", que apareceu entre nós curiosamente sob os dizeres de "República Jesuítica Ultramarina", em nova edição.

I. Reparos atinentes à 1ª fase

Apresenta-se ela desde logo bastante curta, pois apenas se estende de 1626 a 1639, aproximadamente. Não abrange portanto nem sequer três lustros ou qüinqüênios completos, sendo seu fundador inicial o P. Roque Gonzales de Santa Cruz, hoje mártir canonizado. Tem contudo esse pequeno lapso de tempo um du-

plo interesse especial até hoje, sendo religioso um e econômico o outro. Eis porque lhe dedicamos outrossim estas mesmas atenções, como segue.

(a) Interesse religioso. As "reduções" guaranis da então "Província do Uruguai", como São Nicolau do Piratini, Nª Sª da Candelária do Caaçapá-Mirim, Assunção de Nª Sª, em Pirapó, Todos os Santos do Caaró ou Mártires, São Carlos de Caapí e Santos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo (entre os dois Ijuís), bem como as reduções no Tape ou na "Província do Tape", como São Tomé, São Miguel, São José e São Cosme e Damião, localizadas no Alto-Ibicuí, e Santa Teresa, Sant'Ana, São Joaquim, Natividade ou Natividade de Nª Sª, Jesus-Maria e São Cristóvão, sitas estas últimas na Bacia do Jacuí, foram as missões "primitivas" fundadas em solo hoje gaúcho e importaram nos inícios da Igreja Católica entre nós, sendo ela desde logo ao mesmo tempo missionária e mártir.

Deve notar-se que cada uma das mesmas tinha, logo que possível, a estrutura de uma paróquia, embora seus "curas" ou missionários estivessem sob a jurisdição eclesiástica da diocese de Buenos Aires, Argentina. Aliás os poucos sacerdotes castelhanos, que em inícios do século XIX, ou até por volta de 1830, ainda trabalhavam na região missioneira dos sete povos, tinham também eles a sua jurisdição canônica do Prelado de Buenos Aires. "Mutatis mutandis", valia o mesmo dos padres lusos, que de 1737 a 1853 estiveram pastoreando o resto do Rio Grande de São Pedro daqueles tempos e tinham a sua provisão eclesiástica da diocese do Rio de Janeiro... Nem por isso havemos de afirmar que, antes de 1853, quando Dom Feliciano tomou posse como 1° bispo da então única diocese do RGS, não houve em solo hoje gaúcho e brasileiro Igreja Católica.

Certo é que essa Igreja primitiva em solo hoje gaúcho e brasileiro se apresenta desde logo essencialmente missionária e ainda, já em 1628, mártir. É que ela já teve em novembro daquele ano os seus primeiros mártires, qualificados por isso mesmo de "proto-mártires", sendo a partir do martírio cruento de Roque Gonzáles de Santa Cruz, Afonso Rodrígruez e João del Castilllo. Que se chamassem também e precisamente de "Mártires Rio-Platenses" deve-se ao fato de então os lugares de sua ação e martírio haverem pertencido, tanto no civil como no eclesiástico, ao "La Plata", mais de perto a Buenos Aires. Retiveram eles esse nome principal até começos deste século, quando, talvez menos corretamente, passaram a chamar-se entre nós de "Mártires Rio-Grandenses", "Mártires de Caaró e Pirapó", "Mártires do Ijuí"ou simplesmente "Os Três Mártires". Entende-se que tal nomenclatura, tão diversificada, causasse confusão internacional e até intercontinental. Por isso mesmo, em 1978, os bispos reunidos do Brasil Meridional, da Argentina e do Paraguai, estabeleceram que, daquela data em diante, oficialmente houvesse para os três nomes citados a única denominação de "Mártires das Missões". É que os três países em questão tinham a ver com a pessoa de Roque Gonzáles de Santa Cruz, que sucessivamente havia fundado "missões" ou reduções indígenas no que hoje é Paraguai, Argentina e Brasil. A própria onomástica geográfica nestas três repúblicas vizinhas atuais ainda lembra esse fato histórico, tendo nós, no RS, a "Região Missioneira"e tanto o Paraguai como a Argentina sua respectiva "Provincia de Misiones", portanto Província de Missões.

Mas, mesmo que aceitemos por boas razões e nome oficial coletivo de "Mártires das Missões", hoje prescrito e obrigatório, com que se procurou fazer justiça a cada um dos países citados no concernente a seus direitos, esses Três Mártires das Missões, declarados Santos pelo Papa João Paulo II em "Asunción" do Paraguai a 16 de maio de 1988, pertencem ainda hoje de modo principal à Igreja no RS brasileiro. E por quê? – Porque, segundo uma tradição mais que milenar, vigente na Igreja Católica, felizmente superior a quaisquer nacionalismos, consideram-se tais heróis da fé como pertencentes antes de tudo ao lugar de seu martírio e ação pastoral-missionária. Assim, por ex., os Mártires e Apóstolos S. Pedro e S. Paulo são de Roma e não respectivamente da Galiléia ou de Tarso, seus lugares de origem.

Mas, ficando ainda com o assunto de nossa Igreja Mártir, a partir dos primeiros missionários martirizados em solo hoje gaúcho e brasileiro, cabe-nos lembrar aqui mais duas outras figuras de mártires "nossos", sendo elas Cristóvão de Mendoza, o "Herói do Ibia", trucidado em 1635, e Diogo de Alfaro, morto por bandeirantes em Caaçapá-Guaçú, a 17 de janeiro de 1639, quando ele conduzia os últimos índios retirantes para a banda ocidental do Uruguai. Infelizmente, apesar da boa-vontade de alguns dos nossos historiadores, como abaixo se dirá, não sabemos hoje o lugar exato do martírio deles, nem ainda o de seus três antecessores...

Ainda ficando, porém, com esta mesma Igreja Missionária e Mártir, aqui nos cabe lembrar o que hoje poucos entre nós saberão, isto é, que ela, para além dos cinco nomes citados, possuiu, mesmo antes de 1639, algumas centenas de mártires índios, batizados ou neófitos, que foram imolados "em ódio da fé" por feiticeiros e antropófagos. Este fato, atualmente como que ignorado, não foi esquecido, contudo, pelo saudoso historiador P. Carlos Teschauer, S.J., que já lhes fez a devida menção no 1° quartel deste século, sendo através de seu trabalho explícito "Os Veneráveis Mártires do Rio Grande do Sul" (Editora Globo, Porto Alegre, 1925, sendo o manuscrito datado de 1924). Nessa brochurinha, hoje apenas guardada em exemplares raros, a erudição daquele autor, após biografar sucintamente os cinco Mártires acima aludidos, apresenta um cacique mártir, uma mulher guarani mártir e, sobretudo, muitos "meninos mártires", que calcula terem sido algumas centenas. Indica Teschauer, para além disso, o principal lugar de execução, apontando para tanto um sítio próximo à atual praça fronteiriça à igreja matriz de Encruzilhada do Sul, RS.

De passagem observamos que, lendo-se atentamente a "Conquista Espiritual' de Montoya, não será difícil descobrir a existência de outros Mártires da Antiga Província do Uruguai e na do Tape. Pois bem, todos eles, embora oficialmente não canonizados, são verdadeiros Mártires e pertencem à atual Igreja Católica no RS e brasileiro. Por tudo isso pôde constatar desde logo Teschauer, ao introduzir o livrinho precioso:

"No Rio Grande do Sul existem tesouros ocultos e desconhecidos, não menos de ouro e diamantes do que de jóias do mais subido valor e importância social: os nossos Veneráveis Mártires" (Op cit., p. 3).

Aqui se lembre que o mesmo autor já dera, em 1906, à nossa hagiografia "Vida e Obras do Venerável Roque González de Santa Cruz", que nos decênios seguintes se reimprimiu por diversas vezes e que importou na primeira obra científica escrita sobre aquele grande missionário e civilizador no Conesul, hoje Santo canonizado.

Resultado semelhante pode augurar-se hoje ao último dos grandes textos de Padre Teschauer. Leva por coincidência um título idêntico ao outro, ou seja, "Vida e Obra do Preclaro Padre Ruiz do Montoya, S.J.: Apóstolo do Guaíra e do Tape". Hoje, em vez de "Preclaro", já se pode dizer "Venerável", como se explicará abaixo. Curiosamente esse manuscrito, elaborado entre os anos de 1928 e 30, ficara inédito até 1980, quando "Pesquisas", do Instituto Anchietano, em São Leopoldo, RS, finalmente o publicou em volume de 269 páginas de texto. A obra ainda em nossos dias se considera a melhor e mais completa elaborada quanto a Montoya, cujo processo de canonização foi encetado em 1993, como iniciativa conjunta de bispos peruanos, argentinos e sul-rio-grandenses. Esta nova pode ir aqui em primeira mão, pois dificilmente alguém em nossos meios a conhece. Chegamos a sabê-la recentemente, porque a postulação da causa nos solicitou alguns exemplares do livro citado de Pe. Teschauer, para fazerem parte do "processo" recém-iniciado. É por isso que, segundo a terminologia canônica em voga, Montoya hoje é "Servo de Deus", e com isso "Venerável" para uso particular ou extra-oficial. Merece-o, esse grande filho de Lima do Peru, um dos grandes missionários dos guaranis, autor da "Conquista Espiritual" e "Pai da Filologia Guarani"!

Neste contexto coloca-se a pergunta oportuna relativa ao nº das reduções, fundadas desde 1626 a 1637 na "Província do Uruguai" (somente na sua banda ocidental) e na do Tape, sabendo-se que na primeira foram seis em questão de uns quatro anos, e na segunda nada menos do que dez. Por que no último caso uma quantidade tão grande? A resposta é simples, ou seja, a de que, de 1632 em diante, o Tape pôde contar com a experiência de uns nove missionários, procedentes do Guaíra, hoje território parcial do Estado Paranaense. Deram eles de início, sobretudo, no que hoje é a Província de "Misíones", da Argentina, donde a partir de 1632 vieram ao nosso Antigo Tape. De seu êxodo das barrancas do Paranapanema, quando, tendo à frente Montoya e Mendoza, conduziram perto de 12.000 índios de todas as idades tão longe para o sul, pode dizer-se que resiste sem favor a uma comparação com a "Anábasis" de Xenofonte ou com "A retirada da Laguna", descrita por Taunay. Pois uma coisa é dirigir a retirada de soldados e outra a de mulheres, crianças, jovens e adultos em tão grande número. Oportuno se faz ler sob este mero aspecto a "Conquista Espiritual" de Montoya, impressa em 1639.

Voltando, porém, a falar de novo mais explicitamente dos cinco Mártires Jesuítas de nossos tempos reducionais primitivos, pareceu-nos oportuno ressaltar que ao menos dois deles – González e Mendoza – foram "criollos", isto é, filhos de pais espanhóis na condição de nascidos na América, aos quais o uso da língua guarani já era corrente antes de sua entrada para a Companhia de Jesus. Roque González de Santa Cruz, natural de Assunção do Paraguai, fez parte da minoria populacional hispânica a preferir falar o guarani, sendo, pois, bilíngüe. Para ele,

contudo, a situação ainda era mais especial, pois, como se descobriu recentemente, viera a ser sua genitora índia guarani... Por falta de outro sobrenome, dera-selhe o de "Santa Cruz", que mais cobria do que desvendava sua procedência indígena.

Do Pe. Cristóvão de Mendoza, filho de Santa Cruz de la Sierra, hoje na Bolívia, consta, outrossim, que desde sua meninice viveu rodeado em casa por criançada "chiquita" , cujo idioma também era o guarani.

Outros três, a saber Rodriguez, Castillo e Alfaro, nasceram de certo na Espanha. Vieram eles, contudo, para a América do Sul durante sua juventude religiosas e passaram a ter sua formação teológica em Córdoba de Tucumán, na Argentina. Aqui importa recordar que naquele tempo ali, como aliás em Lima do Peru, se dava uma grande importância aos estudos especiais de línguas indígenas, sendo tanta que, dominando alguém uma ou duas das mesmas, além de ser chamado "lengua" (intérprete!), por vezes era dispensado de um curso completo de Teologia, admitido sem mais à ordenação sacerdotal e até à profissão solene de quatro votos na Companhia de Jesus. Foi decerto por duvidar-se entre nós, em inícios deste século, dos conhecimentos lingüísticos dos missionários, que o Pe. Carlos Teschauer, S.J. houve por bem escrever um artigo especial sobre essa problemática, enunciando-o assim: "A Língua Guaraní e o Ven. Roque González ou Não compreendiam bem os jesuítas a língua indígena?" (Vide "Anuário do Estado do RS", 1906, p. 278-296, e "Revista do Inst. Hist. e Geogr. do RS", 1921, 2ª edição, p.418 a 440).

A partir do acima dito entendemos que Antônio Ruiz de Montoya como que não tivesse estudado Teologia. Aliás nos parece valer o mesmo de nosso hoje Beato José de Anchieta, autor da nossa 1ª gramática tupi mais antiga, o qual também não teve um curso teológico regular.

Aqui ainda se impõe uma palavra específica sobre os diversos lugares de martírio, apontados para os cinco Mártires em pauta. Ora, quanto a eles confessamos, bem sumariamente, que hoje não sabemos com precisão de nenhum dos mesmos e conosco afimaria outro tanto, se vivesse, o Pe. Arnaldo Bruxel, S.J. E acrescentamos ainda que hoje como que será infrutífera qualquer busca a seu respeito. Assim, os lugares indicados por Aurélio Porto, P. Luís Gonzaga Jaeger, S. J e ainda outros, não resistem a um exame rigoroso e científico. Vale esta constatação quanto a Caaró, Pirapó, Caaçapá-Guaçú e "Água Azul", em Santa Lúcia do Piaí, nos ex-confins do mun. de Caxias do Sul, RS. Mas, dir-se-á, os citados Mártires se veneram nalgum dos lugares indicados!... Tudo bem, mas que seja sob a condição de não se afiançar que foi exatamente ali que verteram o seu sangue.

Estudando-se hoje, v.g., com afinco o martírio de Cristóvão de Mendoza no "Ibia" e sabendo localizar, como atualmente é possível, a redução "Jesus Maria" na margem direita do Rio Pardo, ou seja, numa roça existente entre o Botucaraí e a cidade de Candelária, bem como conhecendo-se a distância que dali vai até "Água Azul", Arnaldo Bruxel e o autor deste artigo, um independente do outro, chegaram à conclusão de que esse "Ibia" ainda ficava à margem direita do Taquari ou, se muito, do Rio das Antas, não excluída para nós a Serra de Mariante. Tal constatação,

porém, em absoluto nos diz que um dia teremos a chance de descobrir precisamente o lugar "Ibia", indicado para o martírio de Mendoza. De resto lembramos que, para os índios tape, "Ibia" tinha o mesmo sentido que o de "Costa ou Encosta da Serra", estendendo-se esta desde o que hoje vem a ser Taquara até Santa Maria da Boca do Monte. Talvez, segundo querem alguns, a própria origem do nome geográfico "Viamão" tenha a ver com o "Ibia" guarani. É ao menos uma hipótese.

Outra questão – e esta mais em perspectiva eclesiástica! – é a da possibilidade que tanto Mendoza como Alfaro têm de serem um dia canonizados? ! Para tanto ainda se faz preciso aguardar, pois como causa prévia, faz-se indispensável a veneração popular deles entre nós, sobretudo no RS. Razões aduzidas em contrário não nos convencem, sinceramente falando. Refere-se para tanto a suposta reação simulada de ataque ou defesa em ambos os casos. É que assim teria procedido Mendoza em 1635 face ao índio assaltador, e Alfaro a 17 de janeiro de 1639, resistindo aos bandeirantes, quando conduzia os últimos índios fugitivos em Caaçapá-Guaçu para a banda ocidental do Uruguai. A este último respeito relê-se com interesse o que Teschauer, na citada brochura, escreveu nas págs. 61-62, donde apenas tiramos para cá o testemunho do Pe. Oreghi, o qual assim se dirigiu a seu Provincial:

"Tenho por certo que é (o Pe. Diogo de Alfaro) glorioso mártir e como a tal todos os dias me recomendo a ele... O ofício e missa as (os!) digo para cumprir a minha obrigação e não por julgar que precisa delas (deles!). Morreu para conservar nesta terra a fé, morreu pela justiça, defendendo estes pobres de tantos agravos. Não há que pôr dúvida nisto, que consta com tanta verdade e claridade" (Op. cit., p. 62).

Quanto ao martírio de Mendoza, a que Porto e Jaeger fizeram desde já "padroeiro dos tropeiros gaúchos", lembramos aqui, com bastante senso, um pormenor significativo, ou seja este: -Teve Mendoza seu coração arrancado do peito, dia 26 de abril de 1635, no Ibia, da mesma forma como ocorrera a 15 de novembro de 1628 a Roque Gonzáles na região (!) de Caaró. Essa preciosa relíquia, contudo, não chegou a conservar-se, como de modo maravilhoso sucedeu ao Padre Roque Gonzáles, cujo coração se conserva até hoje e como tal se encontra atualmente na "capilla do los mártires", em "Asunción" do Paraguai. Faz-nos isso pensar até que nossos índios tiveram uma praxe semelhante à dos antigos aztecas, no México, e nos lembra os grandes sacrifícios rituais dali, antes da conquista de Cortés.

(b) Interesse econômico. Este, que se fez extensivo a diversos séculos no Rio Grande do Sul, reside para nós antes de tudo na introdução de gado vacum em grande escala, nos anos de 1632 a 34, e na sua multiplicação "prodigiosa", ocorria em decênios posteriores. Colocamos o qualificativo "prodigiosa" propositalmente entre aspas, porquanto tal aumento de rezes em absoluto se deu por mero acaso ou qualquer outro prodígio, mas sim a partir de uma clara providência e de um severo controle, dir-se-ia "superior" e responsável em extremo. A experiência anterior do Guaíra e das duas margens do Paraná, as fomes e epidemias ocorridas em tais aglomerados e projetos a longo prazo têm neste sentido a razão explicativa principal e última.

Assim entendemos que já em 1645, uns poucos anos depois da vitória de Mbororé, alcançada sobre os bandeirantes em 1641, o Pe. Ferrufino, Provincial, ordenou ao Superior das Reduções que "pusesse mais vacas nos campos dos povos, que os bandeirantes haviam destruído na banda oriental e no Tape". E este projeto tinha de realizar-se aos poucos e gradualmente, para garantir a alimentação dos índios metidos entre os dois rios Uruguai e Paraná de 1631 a 1640, pois para tanto não bastava a agricultura e a caça ou pesca. Nenhuma surpresa, pois, que, em 1670, já estivesse constituída a Vacaria do Mar, precisamente a partir de tais reforços e outros.

Mas tudo isso apenas se pode compreender, tendo-se em vista todas as reduções guaranis ou jesuíticas de então. Certo também é que, "querendo ou não querendo", desta forma os mentores das missões colocaram ou criaram a base sólida para a economia futura dos sete povos, nascidos à margem oriental do Uruguai de 1687 em diante, e do próprio Rio Grande, feito luso, para vários séculos.

Neste contexto apraz-nos lembrar mais explicitamente as introduções de gado vacum, feitas sobretudo nas reduções do Alto Uruguai e do Tape entre 1631 e 1634. Óbvio que em sua seqüela se cuidasse, outrossim, da introdução suficiente e da necessária procriação de cavalos, pois sem estes seria impossível vencer as distâncias, e sobretudo ilusório querer lidar com o gado vacum semichucro. Indicaram para tanto os historiadores Aurélio Porto, Luís Gonzaga Jaeger e Arnaldo Bruxel o ano de 1634, apontando ao mesmo tempo como introdutor inicial ao P. Cristóvão de Mendoza ou ainda ao P. Pedro Romero, então Superior das Missões em foco. Com isso a citada 1ª introdução se teria feito no Antigo Tape e não, por exemplo, no complexo das reduções anteriores na Província do Uruguai, como São Nicolau, Caaró e outras. Hoje, salvo melhor juízo, parece-nos que o normal teria sido que, cronologicamente falando, a 1ª introdução se fizesse, como veremos, junto à banda oriental do Uruguai. E nisso nos baseamos na carta ânua de 1632-34, recentemente descoberta na Espanha e ultimamente impressa em Resistência, capital do Chaco Argentino, pela competência de um Dr. Ernesto J. A. Maeder. Sabemos que Jaeger, Porto e Bruxel sentiram demais a falta precisa dessa ânua, e assim as suas conclusões na época tiveram que ser outras que a nossa. Seu equívoco excusa-se com facilidade, precisamente porque não tiveram em mão o documento desejado e decisivo, de que, ainda antes de sua impressão argentina, o Instituto Anchietano de Pesquisas tinha conseguido uma cópia transcrita por um especialista espanhol.

Assim sendo, estando de posse da carta ânua de 1632-34, o autor deste artigo elaborou um sucinto trabalho, sob os dizeres "A 1ª introdução jesuítica de gado bovino em grande escala na antiga banda oriental do Uruguai, segundo a carta ânua de 1632 a 34", apresentando-o a título de comunicação às " III Jornadas Internacionais sobre Missões Jesuíticas" , realizadas na PUCRS. Posteriormente aparece esta como notícia em "Estudos Ibero-Americanos", vol. XVI, nº 1, 1989, p. 285-295. Nela julgamos ter mostrado que, em tal sentido, os primeiros grandes introdutores de gado vacum na banda oriental do Uruguai foram os PP. José Oreghi, e Francisco Ximénez. O ensejo/causa para tanto fora uma grande epidemia da

redução de Caaró, "novamente" fundada em 1629. O número de rezes introduzidas então, ou seja, por volta de 1631 a 32, equivaleu mais ou menos àquele levado por Mendoza e/ou Romero, em 1634, nas reduções recentes do Tape.

Verdade de certo é que esses padres pioneiros assim tiveram como finalidade principal a de debelar a fome e epidemia em Caaró e arredores. Mas nem por isso deixaram de pensar no futuro, cuidando que não se abatessem indistintamente as vacas prenhes e suas respectivas crias...Se o tivessem feito ou permitido, tal gesto ou omissão simplesmente seria uma inominável irresponsabilidade. E diga-se o mesmo quanto ao aproveitamento do leite!

Da existência desse gado sabiam os índios do Tape e assim, para conseguirem de 1632 em diante missionários para si, trataram de erguer de antemão currais para vaquinhas em seus povoados, futuras sedes de reduções, como nos consta de vários exemplos concretos.

Para além disso nos consta que, já em 1628, Roque González tinha seu cavalo e, em 1635, Mendoza possuía o seu...A primazia de tal e semelhante gado coube, porém, às reduções da "Província do Uruguai" em sua banda oriental, simplesmente pelo fato de elas serem anteriores às do Tape e se acharem mais próximas daquelas do lado ocidental.

Duas outras observações aqui se revelam oportunas, a saber: A 1ª, que os mamelucos, aliás presentes nos confins do Tape antes dos missionários jesuítas, até 1640 se sentiram atraídos, em suas entradas ou descidas para o Sul, precisamente pelo índio tape, sendo para fins de comércio e aquisição de escravos. A 2ª, que mais tarde a atração principal para bandeirantes e lagunenses tornou-se neste sentido a existência de gado vacum, dito "teatino" ou jesuítico-missioneiro, encontrado, sobretudo, na enorme "Vacaría del Mar" e, ao depois, na "Vacaría de los Piñales", de mais ou menos 1710 em diante até 1730.

Um dado interessante não deixa de ser aquele que, já em 1657 (!), a redução de "San Javier" estabeleceu na banda oriental do Uruguai a sua 1ª estância, como nos indica Rafael Carbonell de Masy em sua recente obra "Estrategias de desarrollo en los pueblos guaraníes (1609-1767)", impressa por Antoni Bosch Editor, em Barcelona, 1992 (Veja-se op. cit. p. 123). Ora, isso se deu exatamente no que hoje vem a ser o nosso "Porto Xavier" e arredores.

De passagem observamos aqui que essa obra do ilustre professor jesuíta da Gregoriana e da Unisinos hoje seja um livro obrigatório para quem quiser "atualizar-se" em tais e semelhantes assuntos missioneiros. Consta seu volume impresso de 512 páginas de texto e o enfoque especial que lhe dá esse autor, oferece precisamente a visão geral e vasta, que em geral falta à nossa bibliografia "ad hoc". Não é por nada que "Estrategias..." faça parte da "Colección Economía Quinto Centenario", naturalmente da descoberta da América.

Visto, como por boas razões suspeitamos, serem raros os exemplares deste importante trabalho entre nós, passamos para cá os dizeres impressos na capa final da obra, traduzindo-os ao vernáculo:

"A obra de Rafael Carbonell constitui um rigoroso estudo retrospectivo sobre as reduções guaranis, administradas pelos jesuítas, em que, longe de condenar

a jesuítas ou índios, consideram-se múltiplos fatores de tipo sócio-político e econômico, em ordem a efetuar uma valoração das diversas estratégias de desenvolvimento seguidas pelos povos guaranis.

Um enfoque microeconômico domina o presente horizonte de publicações que, a partir da segunda década de nosso século, se inicia com as obras do Pe. Pablo (Paulo) Pastells, Pablo Hernández, Guillermo (Guilherme) Furlong, Hugo Storni, Oreste Popescu e Magnus Moerner.

Um bom número de documentos inéditos foram utilizados para a elaboração da obra, entre os quais se destacam as atas das Congregações Provinciais da Província Jesuítica do Paraguai e os relativos aos Ofícios de Missões" (Tradução nossa do espanhol).

II. Reparos relativos à segunda fase (1682-1768)

Temos nesta fase – e apenas nela – os assim chamados dos "sete povos", cuja fundação vai de 1682 a 1706, segundo esta ordem cronológica: São Francisco de Borja, hoje São Borja, em 1682; São Nicolau em 1687, como 2ª fundação e em lugar diferente da 1ª; São Luís Gonzaga, em 1687, embora algo mais tarde que S. Nicolau; São Lourenço Mártir, em 1690, que, por ser fundada por ex-guairenhos, teve este seu nome de uma das do Guaíra; São Miguel Arcanjo, em 1687, como 2ª fundação, pois primeiro, a partir de 1632, estivera em Itaicecó, hoje perto da Vila de São Martinho; São João Batista, hoje S. João Velho, em 1697, desde São Miguel; e Santo Ângelo Custódio, hoje Santo Ângelo, em 1706, como último dos sete povos.

Referindo-nos agora a estas sete reduções da banda oriental do Uruguai, limitamo-nos a três reparos, ou aos seguintes:

1°. Não poucos dos nossos historiadores e estudiosos dos sete povos, como que ignoram o histórico das reduções restantes, em número de mais ou menos 23, sem o qual se torna difícil entender o seu surgimento em fins do século XVII e/ou começos do século XVIII. Para eles deve tomar-se em consideração o Antigo Guaíra e o êxodo dali, a 1ª fase das reduções na Província do Uruguai e do Tape, e as estâncias de gado surgidas de 1657 em diante na banda oriental do Uruguai. Note-se que estâncias sempre já exigiam determinada presença e até algum assentamento de gente. Por outra, também é verdade que nem de longe todos os índios, que de 1637 a 40 se retiraram do Antigo Tape, voltaram para cá ao depois. Assim encontramos ainda hoje, no outro lado do Uruguai ou junto ao Paraná, os nomes conhecidos das nossas primitivas reduções, como São ou Santo Tomé, São Carlos, São José, Natividade, (para a ex-Apóstolos São Pedro e São Paulo). Apóstolos, Santa Ana e São Cosme e São Damião. Isso antes de tudo nas atuais Províncias Argentinas de Corrientes e "Misiones", mas também, com respeito à última, portanto ao menos a uma, no interior do atual Paraguai.

Isso estabelecido, principalmente quanto à existência de estâncias, entre 1657 e 1680, na banda oriental do Uruguai, torna-se pouco pausível e convincente afirmar que tal retorno tenha ocorrido "tout-court" por causa da fundação de Colônia

do Sacramento em 1680, ou então que neste mesmo ano os lusos fundaram Laguna, hoje em Santa Catarina, para apoio especial da mencionada "colônia" ou fortificado. Certo é que a própria Laguna tinha, já em 1634, boa presença paulista, de sorte que nos consta que naquele ano já havia ali um sacerdote capuchinho residente e administrador de pequena capela.

2°. Quer uma tradição historiográfica nossa, claro que insuficientemente documentada, que foi Ir. Giovanni Primoli, S.J. o arquiteto e construtor da igreja de São Miguel, cuja monumental ruína foi declarada Monumento da Humanidade em anos recentes. Quanto a isso deve dizer-se que Primoli, aliás renomado arquiteto no La Plata e em outras reduções guaranis, sobretudo na de "Trinidad", de fato não foi o construtor principal da igreja em pauta. Esta glória deve atribuir-se ao P. Francisco Rivera, S.J., que viveu em São Miguel desde 1714 a 1747, quando ali faleceu. Consta que foi desde 1714 a 1735 o cura dessa redução, e depois deste ano "2° companheiro" no mesmo povo. Sabendo-se que o essencial da construção dessa igreja incidiu no período citado, perguntamos com acerto pelo porquê de uma presença tão longa e excepcional?! Isso, porque, segundo a praxe missionária, os curas eram transferidos com certa freqüência, em geral após três ou, no máximo, seis anos de administração, para outra redução... A resposta a essa pergunta apresenta-se simples e coerente no caso de Padre Francisco Rivera: – Coube-lhe a iniciativa, a confecção da planta e a direção geral e principal da obra. Além disso era ele filho de renomado arquiteto espanhol e arquiteto ele mesmo. Em/ para certos trabalhos, porém, teve o auxílio esporádico do Ir. Primoli, de escola italiana e mais prático em questão de construções no Novo Mundo. Viu este que, devido à falta de cimento e até mesmo de cal em suficiente abundância, a planta, que tinha as pretensões de imitar ao "Gesù" de Roma, era irrealizável quanto a todos os seus pormenores. Neste sentido até se sabe a propósito de divergências entre o espanhol e o italiano, brigando eles fraternal e jesuiticamente entre si... Já o P. Guillermo Furlong, S.J., em sua monumental obra "Misiones y Sus Pueblos de Guaraníes", di-lo em 1962 com bastante clareza na pág. 177, 2ª coluna, em suas duas primeiras alíneas, para as quais remetemos o leitor e interessado.

3°. Diz respeito este reparo à nossa "Cruz Missioneira", à qual consagramos uma pesquisa especial em 1984, dando ela numa conferência ilustrada por "slides", feita nas Faculdades Integradas de Santo Ângelo, e em sua posterior publicação por "Cadernos FUNDAMES, ano I, n° 2, junho/1984", 28 págs. de texto. Examinamos então, e já em hora anterior, os contornos exatos (as pontas!) dessa cruz, seus eventuais nomes e sua possível origem. A sinceridade científica nos levou naquele ensejo a concluir que dita cruz não correspondia àquelas, que os mais diversos autores indicaram com onomástico especial. Neste ínterim, para nossa surpresa, ofereceu-se-nos uma nova pista, capaz de nos levar a outra hipótese mais provável. É que em 1988 saiu do prelo italiano, pasme-se!, em alemão, a grande obra de Johann Mayr sob os dizeres "Anton Sepp – Ein Südtiroler im Jesuitenstaat" (Antônio Sepp, um tirolês sulino no Estado dos Jesuítas), impresso quase como

livro de luxo pela Editora Athesia, de Bozen (Bolzano), e somando 480 págs. de texto com inúmeras ilustrações. É, sem favor, até hoje a obra mais completa, que se tem sobre o fundador da redução de São João Batista. Pois bem, para nossa grande surpresa, encontram-se nessa obra duas ilustrações européias que trazem precisamente nossa cruz missioneira, dir-se-ia tal e qual, ou seja no topo fronteiriço do mosteiro beneditino "Marienberg" no Vinschgau Superior (Veja-se à pág. 38) e na cumieira da igreja colegial dos jesuítas em Altötting, na Baviera (Veja-se pág. 319). Além disso nos consta que também a antiga igreja dos jesuítas em Innsbruck, onde Sepp fizera parte de seu ginásio, tinha essa cruz. Em Marienberg morava Alfonso, o beneditino irmão de Pe. Antônio (Sepp), que cuidou em parte da edição da obra de seu mano. Em Altötting fizera ele sua 3ª provação, que é o último da formação jesuítica. Isso constatado, examinamos o plano da Redução de S. João Batista, do Arquivo de Simancas, onde na entrada aparece uma cruz de haste dupla estilizada, a qual no mínimo tem o condão de lembrar a nossa "cruz missioneira" e a que Antônio Sepp conhecia desde sua fase de vida européia.

Perguntando nós, em carta, ao autor da obra supramencionada sobre a origem precisa da cruz de haste dupla no Tirol, respondeu-nos ele que era de procedência espanhola e que, em séculos idos, se tinha transferido para a região em foco. Talvez pensasse o Dr. Johann (João) Mayr na cruz de Caravaca, a qual, porém, se de fato o fosse, teve no seu novo habitat uma mudança não desprezível nas bordas ou nos trifólios.

Visto o considerado, isso permite-se-nos concluir, ao menos hipoteticamente, que foi Antônio Sepp o introdutor dessa cruz precisa nas reduções por onde passou. Sabemo-lo bastante "patriota", pois na escolha do orago para sua redução ou a fundada em 1897 por ele, não duvidou em tomar S. João Batista, visto ser este o prenome ou padroeiro de seu pai. Note-se de passagem que esse dado não se encontra na tradução luso-brasileira, feita a partir do texto latino incompleto, mas foi tirado do original alemão. Além disso também é possível, que ele quisesse homenagear a seu irmão beneditino, que publicara parte de sua obra e residia em Marienberg, cujo mosteiro estava com essa cruz.

Seja, porém, como for! Em todo o caso, como constatamos em nossas diversas viagens ao Antigo Paraguai das Reduções, acha-se ou se achou essa cruz ali onde um dia também esteve o Padre Sepp; assim, no topo de um grande altar, hoje encontrado no Museu de Santo Inácio Guaçú e, segundo documentação escrita à mão em nosso poder, essa mesma cruz se achou, ainda em 1845, na praça de Itapúa, hoje "Encarnación" (Paraguai), como assinalamos em nosso ensaio "A cruz missioneira", pp.12-13. Quem sabe, escavações e descobertas futuras ainda apontem outros exemplares dela?! Indicamos, para tais e semelhantes fins, as reduções, por onde passou ou se demorou o Padre Sepp, sendo elas as seguintes: Yapeyú, Santa Maria de Fé, San Carlos, San Ignacio Guazú, San Javier, San Miguel, San Juan, San Xavier, San Luís, La Cruz e San José. Não é por mero acaso que neste ano de 1994 em San José, a última das reduções em que o padre esteve até 1733, se tenha inaugurado um museu sob o nome de "Sala Padre Sepp", sendo por iniciativa de Virgile Alexandre Chavannes, um suíço-francês...

III. Reparos à nova edição da "Relação Abreviada"

Em 1989 apareceu impressa, respectivamente reimpressa, na capital gaúcha, a mundialmente conhecida "Relação Abreviada...", sendo sob o novo título de "República Jesuítica Ultramarina", atribuída sem mais a Sebastião José de Carvalho e Melo (Marquês de Pombal). Deve-se a iniciativa da publicação, que é conjunta, a Martins Livreiro, à FUNDAMES de Santo Ângelo, RS e à SMEC de Gravataí, RS. Tem de louvar-se, sem dúvida, semelhante empenho, que ocorreu sob a responsabilidade de Júlio Ricardo Quevedo dos Santos. Adquirira ele o texto em causa da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, incumbira Célia Fagundes de sua adaptação ortográfica renovada e escrevera ele mesmo a "apresentação" editorial. Valeu de certo a experiência tanto da transcritora como do apresentador, E os reparos, que abaixo faremos a essa reimpressão, não lhes tiram o mérito, mas pretendem contribuir como pequeno serviço prestado à ciência historiográfica e a uma eventual revisão, para outra tiragem do texto. Na verdade, a reedição de um documento tão antigo como o da "Relação Abreviada..."é uma tarefa bem mais complexa do que à primeira vista se poderia pensar. Pretendem mostrá-lo nossos reparos, que por isso mesmo e a título de clareza enumeramos como segue.

1°. O novo título, encontradiço na capa, veio a ser o de "República Jesuítica Ultramarina". Não se acha justificada, contudo, tal escolha precisa. Encontra-se, entretanto, na página-rosto sem mais indicado o título original, verdadeiro e completo, que é o de "Relação abreviada da República, que os religiosos Jesuítas das Províncias de Portugal e Espanha estabeleceram nos Domínios Ultramarinos das duas Monarquias, e da Guerra, que neles têm movido, e sustentado contra os exércitos espanhóis e portugueses".

A sublinha das três palavras é nossa, pois parece-nos que constituem elas os elementos do novo título. Pergunta-se, porém, se era necessária, oportuna ou acertada tal inovação?! A isso respondemos que, sob o ponto de vista editorial, talvez sim; não, contudo, sob o aspecto tradicional-científico, visto que o título "Relação abreviada" há mais de dois séculos tem a sua consagração historiográfica invariável e como tal sempre se menciona e cita. Por isso mesmo, para não sermos enganados, ao menos se teria esperado uma justificação expressa de semelhante mudança.

Veja-se também a ficha de catalogação, que "coerentemente" confunde o novo título com parte do antigo! Assim diz ela "República Jesuítica Ultramarina, que os religiosos jesuítas das províncias de Portugal e Espanha estabeleceram nos domínios ultramarinos". Assim procedendo, mal se vem a saber que se trata de fato da "Relação abreviada".

2°. A fotomontagem da capa, apresentando o Marquês de Pombal e um detalhe alegórico da expulsão dos jesuítas, revela-se duplamente anacrônica em relação ao texto, pois, em 1757, Sebastião José de Carvalho e Melo ainda não era o Conde de Oeiras e muito menos o Marquês de Pombal, e a expulsão dos jesuítas portugueses revela-se posterior a 1759, ou então apenas foi começada nesse fim de ano.

3°. Para autor da "República Jesuítica Ultramarina", propriamente da "Relação abreviada", indica-se sem mais Sebastião José de Carvalho e Melo (Marquês de Pombal). Ora, conhecendo-se outros autores, que em sua bibliografia mencionam a "Relação abreviada", percebe-se que eles são bem mais cautelosos quanto a esta suposta autoria, informando por ex., que "se atribui" ao futuro Marquês. Certo é que a "Relação abreviada" foi escrita, impressa e divulgada sob os auspícios de Carvalho e Melo, mas nem por isso é segura sua autoria. Consta que o livrinho, libelo ou panfleto, simplesmente apareceu de forma anônima, embora se diga, logo após o seu título Barroco, que a "Relação abreviada" foi "formada por registros das secretarias dos dous (!) respectivos Principais Comissários e Plenipotenciários e por outros documentos autênticos". Além disso parece-nos que esse Ministro era inteligente bastante, bem como cauteloso que chega, para não subscrever um texto como este, por vezes ingênuo, eivado de erros crassos e, além disso, mentiroso – conscientemente – e caluniador.

4°. As constatações impressas de "1ª edição, Lisboa, 1757 e 85 págs." estão a merecer-nos reparos em toda a linha ou seja em todos os seus componentes, a começar com a indicação numérica das páginas textuais. Acertado é sem dúvida, que a edição de 1989 aponte, em sua transcrição e edição, as páginas – cada uma das mesmas – próprias da brochura original do ano de 1757, ou seja, do exemplar usado e procedente da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O número preciso de 85 páginas acha-se indicado, outrossim, na reimpressão feita em 1842 (!) pela revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o que nos leva a pensar que num e noutro caso foi usado o mesmo exemplar. Efraim Cardozo não confirma, contudo, em sua "Bibliografía Paraguaya. I. Paraguay Indígena, Español y Jesuíta" (México, 1959, pág. 373-380) esse número, mas assinala 88 páginas. Baseia-se ele, aliás, nos dados oferecidos por Roberto Streit. O.F.M em "Biblioteca Missionum" terceiro volume, ano de 1929.

Guarda-se, porém, da "Relação abreviada" no Brasil um outro exemplar, que cremos ser de outra edição ou tiragem que a primeira (!), achando-se ele no Arquivo Público do Estado da Bahia. Temo-lo em cópia xerox e nele não existe a indicação de 85 ou 88 páginas, nem de outra forma. A título de informe vai aqui a notícia de que essa precisa versão de "Relação abreviada", também encontrou recentemente sua reimpressão, sendo sem a indicação do ano, através da "COHIBA" (Comissão Histórica Província Jesuítica da Bahia), como número 3° "Cadernos de História S. J.". Comparando as duas recentes edições brasileiras, verifica-se que a baiana, quanto ao texto propriamente dito, seja melhor e menos eivada de erros que a gaúcha. Além disso, apresenta aquele algo a mais, ou seja, o que, no capítulo final está sob os dizeres "Pontos principais a que se reduzem os abusos, com que os Religiosos da Companhia de Jesus têm usurpado os Domínios da América Portuguesa e Espanhola" (Op. cit. p. 33-40). Isso nos diz que a "Relação abreviada", depois de seu 1° aparecimento em 1757, teve acréscimos em suas novas tiragens. A razão nos parece residir no fato de a 1ª edição, indicada ou não indicada como tal, e talvez nem feita sequer em Lisboa, donde contudo procedeu o manuscrito, não teve a aceitação esperada. Neste sentido, mostrar-se-á abaixo que a edição

feita na Itália (!) em 1757, talvez cronologicamente a 1ª, suscitou risos em Roma e desagradou ali sobretudo a jansenistas, que acharam o conteúdo da "Relação abreviada" muito fraco e inepto para a finalidade pretendida de atingir ou prejudicar a todos os jesuítas de então, e não apenas aos de Portugal e Espanha e de seus respectivos domínios ultramarinos.

Por isso mesmo relemos aqui, não sem proveito, a observação do P. L. Gonzaga de Azevedo, S. J. em "O Jesuíta – Fases duma lenda", informando ela o seguinte:

"À Relação abreviada ajuntou Carvalho duas 'Instruções', datadas de outubro de 1757, e de 10 de fevereiro do ano imediato "(Op. cit., tomo II, p. 69 infra e 70 supra, apud E. DAEM, Bruxelas, 1913).

Assim sendo, o exemplar existente na Bahia não terá a data de 1757 explicitamente, por ter sido uma edição posterior àquele ano. No exemplar do Rio de Janeiro há, na pág. 57, a referência aos "dias 28 de janeiro, 28 e 29 de maio deste presente ano de 1757 e , na seguinte ou 58, indica-se a "data de 18 de junho próximo precedente", "em que se termina esta relação, por não haver notícias posteriores à data do referido dia "(Vejam-se, em "República Jesuítica Ultramarina", as págs. 26 e 27, em cujo topo "p. 56" se deve corrigir por "p.58").

Embora tudo isso não se revele excessivamente claro, parece-nos ser lícito concluir que o manuscrito da "Relação abreviada" encontrou-se ultimado, em sua 1ª redação, por volta de meados de 1757, sendo remetida uma cópia do manuscrito algo depois a Roma, onde terá tido, se não a 1ª edição, ao menos outra impressão, como se provará abaixo. Entendemos também assim o alcance da expressão "ajuntou duas Instruções" do Pe. L. Gonzaga de Azevedo, S. J. no lugar citado e somos informados de que, em nova tiragem ou edição, houve acréscimos, que apenas devem ter ocorrido no ano seguinte ou no de 1758.

Assim sendo, duvidamos por boas razões que, na edição de 1757, tenha constado a indicação explícita de "1757" e a de "1ª"edição. A cópia xerox do exemplar "baiano" em nosso poder não o faz, nem ainda a Revista do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro, que, outrossim, não menciona qualquer autor, como seria Carvalho e Melo. Mas, consta acaso o lugar da edição, ou seja, Lisboa? Em resposta prévia, baseados nas duas versões citadas, podemos dizer de antemão que Lisboa ali não consta. Se, porém, constasse no exemplar da Biblioteca Nacional, então seria apenas para fins de indicação da origem do manuscrito ou simplesmente "para inglês ver"... Pois naqueles idos muitas vezes se recorria a tal expediente, despistador das mais diversas finalidades. Veremos abaixo que a "Relação abreviada" teve sua primeira impressão de fato na Itália, mais de perto em Lucca, da Toscana, pensando-se até inicialmente em fazê-la em Roma ou nos Estados Pontifícios...Além disso tivera Lisboa, em inícios de novembro de 1755, sua terrível catástrofe de terremoto, e não sabemos ao certo se, nem dois anos mais tarde, a reconstrução avançara tanto que já pudesse ali funcionar de fato uma boa tipografia?!... Pelo sim ou pelo não, decisivo era no caso o destino a dar-se ao libelo "Relação abreviada" ou seja sua entrega primordial à Santa Sé, e isso em previsão do que Carvalho de Melo planejara conseguir para fins de expulsão dos jesuítas de Portugal e até da Espanha, bem como de sua destruição no mundo inteiro.

Dê-se uma atenção especial ao que consta, em "República Jesuítica Ultramarina", pág. 27, supra, onde se indica a data de "18 de junho precedente (!), em que se termina esta relação"! Efraim Cardozo, na "Bibliografia"citada, fala quanto à "Relação abreviada" de "1ª edição, 4° (seu tamanho!), 88 págs., s.l., sa"(Cfr. op.cit. pp. 370-380). As abreviações "s. 1" e "sa" significam respectivamente "sin lugar"e "sin año", evidentemente não indicados.

5°. A "Apresentação" é de Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, aliás indicado este também como autor da "Transcrição", embora se deva a Célia Fagundes a responsabilidade pela "ortografia portuguesa atual", como afirma na 1ª alínea: Diz-se em seguida:

"O setor de pesquisa da SMEC de Gravataí... recupera com enorme satisfação, após 232 anos de esquecimento editorial brasileiro, uma das importantes obras de Sebastião José de Carvalho e Melo" (Veja-se o verso da página-rosto, infra).

Quanto a isso duas observações especiais, oportunas como cremos: A primeira, que o próprio apresentador, a SMEC de Gravataí, RS e os funcionários da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, ignoraram a iniciativa do Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro do ano de 1842. Veja-se para tanto a Revista do IHGB, n° 15, out. de 1842, p.34. Assim o esquecimento editorial de fato não se revela tão longo como o 232 anos. Além disso teria sido mais fácil a "leitura" de textos de 1757, se fosse confrontado este com a versão de 1842. Por fim recordamos hoje com proveito a iniciativa editorial de COHIBA, à qual se pode eventualmente recorrer sob o seguinte endereço: Av. Leovigildo Filgueiras, 683 – 40.100-000, Salvador, Bahia.

A segunda observação refere-se naturalmente à assertiva de a "República Jesuíta Ultramarina", propriamente a "Relação abreviada", importar numa "das importantes obras de Sebastião José de Carvalho", apenas aqui com o acréscimo acertado e oportuno "antes de cognominado Marquês de Pombal" (Loc. cit., p. 3). Muitos reparos se poderiam fazer neste lugar com respeito à importância da "Relação abreviada", sobretudo querendo saber-se em que sentido ela foi importante em si mesma e no parecer do próprio Ministro português. Não o fazemos, contudo, aqui, pois levaria muito longe; mas no fim deste artigo lhe daremos alguma atenção especial, embora sucinta. Neste passo, porém, lembramos o que poucos hoje saberão, a saber: – Carvalho e Melo, em seguida ao aparecimento da "Relação Abreviada", houve por bem decretar a pena capital (!) para quem ousasse refutar por escrito essa importante obra...

6°. Os propósitos do apresentador/transcritor acham-se expressos nestes termos, para além dos já indicados:

"A transcrição é realizada detalhada e minuciosamente, procurando manter a fidelidade de redação atualizando a ortografia" (Op. cit., 2ª alínea, p.3).

Passe o fato de que este período não peque por excessos de clareza, pois uma atualização ortográfica ainda não garante fidelidade à redação original. Se por isso se dissesse "procurando manter a fidelidade de redação, mas atualizando a ortografia", o propósito seria bem mais evidente. Deixando, porém, de lado isso, cabe-nos perguntar se a transcrição e ortografia atingiram de fato tal propósito ou

nível científico?! "Grosso modo", e com alguma generosidade, pode dizer-se que sim, mas não em toda a linha. Exemplifiquemos!

– Já o "tem" no título completo da "Relação abreviada" devia ter acento circunflexo, por tratar-se da 3ª pessoa do plural: o que de resto ao depois se repete por diversas vezes.

– Na pág. 7 está por duas vezes "Uraguai" em vez de Uruguai, sendo que depois sempre ocorre esta versão. Mesmo assim tem ao menos "Uraguai" o condão de nos lembrar o poema notável de Basílio da Gama no Brasil-Colônia. Escrito em 1769, apresenta-se este poema com pretensões historiográficas. Oxalá não o tivesse feito seu autor, pois assim já mereceu uma refutação, em1786, pela pena do ex-missionário da Amazônia P. Lourenço Kaulen, S.J., sendo precisamente através da obra "Refutação das calúnias contra os jesuítas", impressa em Lugano, Itália, no ano de 1786, e reimpressa, em 1907, pela Revista do IHGB (págs. 95-224). Moacyr Flores teve a respeito desta obra um trabalho apreciável no VI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros (Santa Rosa, RS), em cujos Anais apareceu publicado em 1985, pp. 183-192.

– Na pág. 27, ao se iniciar uma série de quatro documentos, falta, antes de "Num I (nº1), o título geral "Documentos", como por ex. consta na RIHGB. Tem-se na mesma página 27 um espaço desocupado de, por assim dizer, três linhas: o que faz supor a falta ou omissão de uma parte textual, mas não é o caso.

– À pág. 10, lê-se: "Quando no dia 28 de fevereiro lhes cominaram (!) a indignação de seu soberano". Segundo a leitura da Revista do IHGB deveria ser "comunicaram" pro "cominaram".

– A 1ª alínea da pág. 11 traz este teor verbal: "Obrigando enfim os destacamentos que fugiam, os ditos Comissários, a se retirarem à Colônia e a Montevidéu". A pontuação, aliás curiosa no século XVIII, nem sempre se deveria seguir ao pé da letra; assim o "enfim", estaria muito bem entre duas vírgulas. Parece que por "fugiam", deveria ler-se e colocar-se "seguiam". Como está, parece que os destacamentos dos próprios aliados fizeram com que os Comissários dos mesmos se retirassem aos pontos indicados. Não era, porém, o caso, pois então ninguém "fugiu" de fato. Sentido, ao que parece, faria a seguinte versão redacional: "Obrigando, enfim, os destacamentos que seguiam aos ditos Comissários a se retirarem à Colônia e a Montevidéu".

Discutíveis são as maiúsculas empregadas para expressões como "os Religiosos jesuítas", os "Padres", "Exércitos", "Fautores", "Religiosíssima boa fé" ou então El-Rey pro "El Rei", etc.

Mais escabroso se torna o problema ortográfico no concernente a nomes próprios, sobretudo de pessoas; assim temos "Bulhoens" pro Bulhões (p. 18), "P. Lamp... e ... Padre Tedêo" pro P. Limp e P. Tadeu Enis, (p. 15), "o crime de Lesa Majestade" pro "lesa-majestade" (p. 23), ou a expressão latina "excomunhão 'Late Sententiae' pro "latae sententiae", etc. Os nomes espanhóis deveriam ficar como tais, v.g. "Martín García", "Valdelirios", "Andrés", etc.

– Pergunta-se o que haja de significar o verbo "desirnir", na p. 24, 2ª linha, sob artigo IX? Pelo jeito teria de ler-se "devem ir". O termo latino "vicissim", que

aparece logo abaixo, poderia ter a indicação de seu sentido vernáculo ou seja o de "por sua vez" e até mesmo "alternadamente", pois não muitos leitores o entenderão.

– Na p. 26 aponta o nome do "Padre Anselmo Eckwt", pro Eckart, cujo livro "Memórias de um Jesuíta Prisioneiro de Pombal", originariamente redigido em latim sob o título "Historia Persecutionis Soceitatis Jesu in Lusitania" (História da Perseguição da Companhia de Jesus em Portugal), recentemente foi traduzido ao vernáculo por Joaquim Abranches, S. J. e impresso assim por Edições Loyola (S. Paulo) e Livraria A. I (Braga) em 1987, com 297 págs. de texto, tendo sido a edição do texto latino em Nürnberg, 1779-1780.

– Na pág. 30 aparece de novo "o bom do Padre Thedeo" (sic!). Bastem estes poucos reparos feitos à edição da "República Jesuítica Ultramarina" ou propriamente à reedição da "Relação abreviada" de 1989. Talvez, já devido à indicação dupla das edições na Revista do IHGB e da COHIBA, se aponte um roteiro certo de revisão textual futura, porque nos interessa antes de tudo um bom texto, a ser lido, compreendido e assimilado. Erros como que clamorosos para um entendido no assunto, talvez sejam dignos de uma imediata nota corretora. O alcance pretendido por Carvalho e Melo, ou quem quer que seja, já se encontra implícito no título completo da Relação Abreviada. Por que estaria ele falando de uma só "república", quando de fato, se fosse verdade, eram duas?! Outro exemplo de correção imediata, ou ao menos em nota, seria a afirmação, na pág. 7, de que "Nos sertões dos referidos rios Uraguai (!) e Paraguai, se achou estabelecida uma poderosa República". Ora, visto que os jesuítas do Antigo Paraguai nunca tiveram qualquer redução sediada junto ao Rio Paraguai, seria oportuno substituir ali Paraguai por Paraná, etc.

7° e último. Diga este respeito ao impressor e lugar de impressão da "1ª" edição em 1757 da "Relação abreviada"! Ora, sucintamente, foi isso o sr. Nicolau Pagliarini em Lucca, de Toscana, Itália. Para confirmar a um e outro, temos em tradução inglesa diante de nós, embora impresso, um memorial que N. Pagliarini endereçou, depois da morte de José I e do afastamento de Pombal do seu posto, à princesa Maria do Brasil, recém-subida ao trono luso. É que nesse documento, que até 1877 se encontrava no Arquivo dos Jesuítas em Roma, o impressor da "Relação abreviada" justifica seu pedido em favor de um sobrinho, lembrando entre outras coisas o seguinte:

"Sua Excia. Dom Francisco de Almada, (primo de Sebastião José de Carvalho e Melo) recebera, em 1757, ordens da Corte (Portuguesa), para que mandasse imprimir a RELAÇÃO ABREVIADA, que houvesse de apresentar ao Papa Benedito XIV e aos Cardeais. Mas, como não conseguisse obter a licença para fazê-lo em Roma, o Cardeal Alberico Achinto, Secretário de Estado, sugeriu-lhe a idéia de não apenas consegui-la impressa fora dos Estados Pontifícios, mas o que é mais, de servir-se de Nicolau Pagliarini, que, tendo relações com/em Toscana, poderia colocar-se a serviço da Corte de Sua Majestade Fidelíssima com toda a exatidão e cuidado desejados.

Em conseqüência disso, foi enviado Pagliarini pelo Secretário de Estado a Dom Francisco (Xavier) Almada, que, embora pelas mãos de Pe. Antônio

Rodrigues, lhe confiou o manuscrito, o qual, em questão de quinze dias, voltou de Lucca impresso de todo.

As cópias foram distribuídas ao Papa e aos Cardeais, e o célebre "Breve de Reforma" (da Companhia de Jesus em Portugal a seus Domínios), endereçado ao Cardeal Saldanha apareceu brevemente depois.

Benedito XIV faleceu no dia 3 de maio de 1758 e, durante o conclave, as novas do "Breve" chegaram de Lisboa, e também este foi impresso por Pagliarini sob as ordens do Embaixador Almada... "(Tradução nossa de inglês, isto é, da obra "History of the Suppression of the Society of Jesus", da autoria de Alfred Weld, S.J., Londres, Burns and Oates, 1877, sob o capítulo "Libellous Pamphlets", p. 236). Observamos que aqui esse memorial, do tamanho de 5 págs. impressas, apenas foi traduzido quanto a seus inícios, pois trazem estes o suficiente daquilo que nos interessa quanto à "1ª edição, em Lisboa, de 1757".

A título de conclusão

São estes alguns reparos feitos à historiografia missioneira entre nós. Fizeram-se de modo informativo, e talvez tragam alguma luz relativa a diversos assuntos ou problemas. Ao menos foi este o nosso objetivo, ou seja o de contribuir de alguma forma esclarecedora. Julgue o confrade ou companheiro, se o conseguimos. Para concluir, oferecemos ainda, em versão vernácula, duas citações referentes diretamente à "Relação Abreviada", sendo as seguintes:

1ª. "Em 1757 apareceu em Portugal (!) um panfleto, atribuído (!) ao Ministro Pombal, que alcançou grande difusão na Europa e foi traduzido para diversos idiomas. Nele, apresentando como exemplo a guerra guaranítica, atribui-se aos jesuítas do Paraguai a criação de uma verdadeira república (!), independente de Espanha e Portugal (!), onde os índios eram ensinados a odiarem os europeus e os jesuítas se enriqueciam pingüemente" (p. 374)... "A campanha panfletária, depois da expulsão dos jesuítas de Portugal em 1759, continuou de modo intenso na França, com a publicação de libelos e recopilações documentais, em que o tema paraguaio, sempre mencionado com provas, sobretudo mediante a utilização de dados da RELAÇÃO ABREVIADA, contudo já não era o motivo principal das acerbas críticas à Companhia de Jesus. A campanha produziu como resultado a expulsão dos jesuítas, em 1764, da França e de seus domínios ultramarinos "(E. Cardozo, em "Bibliografia...", p. 374 e p. 379-380).

2ª. "Enquanto recolhia e estudava os documentos sobre a expulsão e supressão da Companhia de Jesus para a 'História dos Papas', escrita pelo Barão von Pastor, por muito tempo, e cada vez mais insistente me acossou uma idéia que, pouco a pouco, se converteu em convicção de que, se não as causas últimas, ao menos a ocasião imediata da catástrofe que se precipitou sobre a Ordem de Inácio, foi o Tratado de Limites Hispano-Luso (1750) com todas as suas conseqüências..." (Guillermo Kratz, S.J., em "El Tratado Hispano-Portugués de Límites de 1750 y Sus Consecuencias – Estudio sobre la abolición de la Compañía de Jesús

"(Roma, Institutum Historicum S. J., 1954), sendo a citação traduzida por nós a 1ª alínea do "Prólogo".

Enquanto nos consta, é a obra de Kratz até hoje o melhor e mais competente livro sobre o que chamamos de Tratado de Madri. Ao lerem a "Relação Abreviada", ou sua reedição sob o título discutível "República Jesuítica Ultramarina", pode ser que a gaúchos atuais sobrevenha a mesma idéia que a este articulista ou a seguinte:

– Em solo hoje brasileiro, do RS, sobretudo a partir de Rio Pardo, RS, teve seu começo decisivo o processo que deu nas expulsões dos Jesuítas de Portugal, França e Espanha, por fim, na supressão da Companhia de Jesus, como que no orbe todo.

Bibliografia Principal

AZEVEDO, S. J., P. L. Gonzaga de. *O Jesuíta – Fases duma lenda.* Bruxelas, Tip. E. DAEM, 1913, tomo II.

CARBONELL DE MASY, S.J., Rafael. *Estrategias de desarollo en los pueblos guaraníes (1609-1767).* Barcelona, Antoni Bloch Editor, 1992.

CARDOZO, Efraim. *Bibliografía Paraguaya. I. Paraguaya Indígena, Español y Jesuíta".* México, 1959.

CARVALHO E MELO, Sebastião José de. *Relação Abreviada,* reedição in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro 1842, nº 15, bem como em "Cadernos de História S.J", nº 3, pela COHIBA, Bahia s\d indicada, mas foi por volta de 1993.

República Jesuítica Ultramarina, nova edição conjunta de Martins Livreiro, FUNDAMES de S. Ângelo e SMEC de Gravataí da "Relação Abreviada", a cargo de Júlio Ricardo Quevedo dos Santos. Porto Alegre, RS, 1989.

ECKART, Anselmo (S.J.). *Memórias de um Jesuíta Prisioneiro de Pombal.* Co-edição de Livraria A.I, Braga (Portugal) e Edições Loyola, São Paulo, 1987. Trata-se da tradução vernácula de "Historia Persecutionis Societatis Jesu in Lusitana", impressa em Nürnberg, 1779-1780, por Joaquim Abranches, S. J. com a colaboração de Ana Maria Lago da Silva.

KRATZ, S.J., Guillermo. *El Tratado Hispano-Portugués de Límites de 1750 y Sus Consecuencias – Estudio sobre la Abolición de la Compañía de Jesús.* Roma, Institutum Historicum S. J., 1954.

MAYR, J. (Johann).*Anton Sepp – Ein Südtiroler im Jesuitenstaat.* Bozen (Bolzano), Itália, Verlagsanstalt Athesia, 1988.

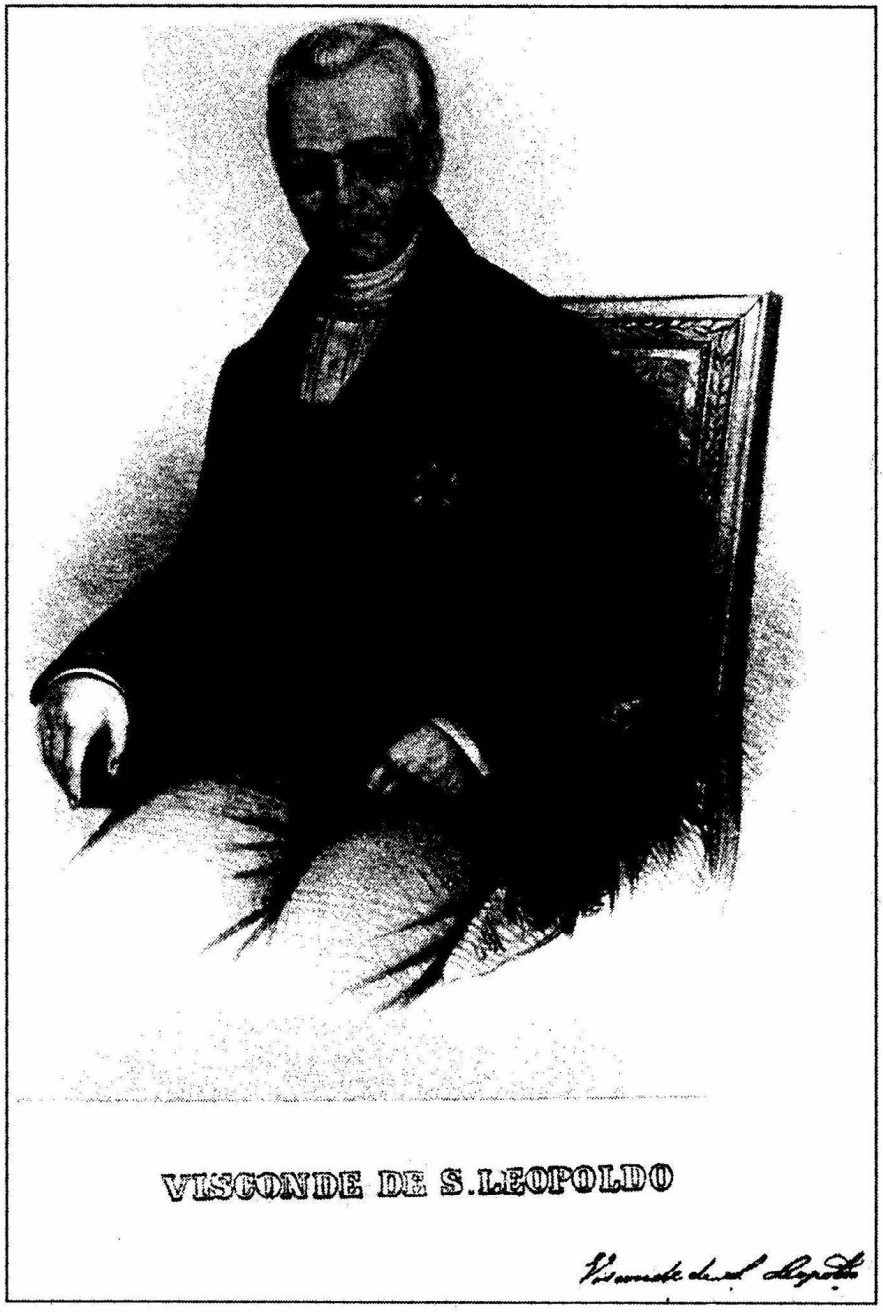
RABUSKE, S.J., Arthur. *A cruz missioneira.* Santo Ângelo, RS, Cadernos FUNDAMES, 1984, ano I, nº 2.

A 1ª introdução jesuítica de gado bovino em grande escala na Antiga Banda Oriental do Uruguai, segundo a carta ânua de 1632 a 34. Porto Alegre, PUCRGS, "Estudos Ibero-Americanos, vol. XV, nº 1, 1989.

TESCHAUER, S.J., C. (Carlos). *Os veneráveis Mártires do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre, RS, Editores Barcelos, Bertaso & Cia., Livraria do Globo, 1925, edição popular.

A Língua Guarani e o Ven. P. Roque G. ou Não compreendiam bem os jesuítas a língua indígena? Porto Alegre, RS, in "Anuário do Estado do RGS", 1906 ou "Revista do Instituto Hist. e Geogr. do RGS", 1921, 2ª edição.

WELD, S.J., Alfred. *The Suppression of the Society of Jesus in the Portuguese Dominions*. London, Burns and Oates, 1877.



VISCONDE DE S.LEOPOLDO

DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

FUNDO APOLINÁRIO PORTO ALEGRE

Doc. s/nº

Bartolomeu Lopes de Azevedo, Vigário de Viamão. 1827

[fls.1r.]

Princípio da Fundação desta Freguesia de **Nossa Senhora da Conceição de Viamão.**

Haverá oitenta anos, mais ou menos, que a Capital deste Continente era a **Vila da Laguna**, e estando de posse **Francisco Carvalho da Cunha**, de três léguas de campo no lugar chamado a **Estância Grande** possuídas por uma sesmaria concedidas pelo Exmo. Sr. Cap. General da Capitania de **São Paulo** Dom **Luís Mascarenhas**, e confirmada por sua Majestade El-Rei Nosso Senhor **Dom José Primeiro** em o ano de 1741, e querendo o mesmo **Francisco Carvalho da Cunha** erigir uma capela nesta sua fazenda com invocação Nossa Senhora da Conceição, pela longitude em que ficava para qualquer administração de Sacramentos e requerendo ao Exmo. Reverendo Sr. Dom Frei **João da Cruz**, bispo do **Rio de Janeiro**, a graça para ele poder fazer a referida capela. Sua Exa. Reverendíssima duvidou o concedê-la sem que ele fazendeiro aplicasse patrimônio suficiente para a fábrica da mesma capela, ornamentos e o mais necessário dela. Passou o mesmo à **Vila da Laguna** e lá passou em pública forma uma escritura em o mesmo ano de 1741. Doando uma légua de terra que desmembrou da mesma sua fazenda, e alguns animais tudo para rendimento e conservação dela, em cujo terreno está estabelecida a Igreja e algum do mesmo campo anexo à povoação, e foi sempre esta capela filial à **Vila da Laguna** e alguens que paroquiavam como capelães curados e sendo apresentada a Sua Exa. Revda. a escritura de doação foi servido conceder por Provisão em o mesmo ano de 1741 licença para se erigir a capela, e entrando o Espanhol em o ano de 1761[1] **[sic]**, pouco mais ou menos, em a **Vila do Rio Grande**, aqueles moradores que saíram fugitivos para cá fizeram parada nesta Freguesia, residindo nela os Senhores Governadores e Justiça e Povo que dela veio enquanto o mesmo Senhor Governador **José Marcelino de Figueiredo** que

(1) A data correta é 1763

então era e se passou a Justiça formar a Capital em a Cidade que é hoje de **Porto Alegre**, e em o tempo que aqui residiram era aqui a Capital com Vara na Igreja que deixou de ser mais sujeita à **Vila da Laguna**, e no tempo presente é sujeita à Vara geral do mesmo **Porto Alegre**. E como com a grande freqüência do povo que aqui estava, e para haver algum rendimento de poder subsistir a Igreja do seu preciso, determinaram Senhores Governador e Visitadores por provimentos que se acham em que aforassem as terras do Padroado de Nossa Senhora aos moradores para fazerem suas casas a vinte réis por cada uma braça[2] anualmente e o que forem rincões e para chácaras e plantarem se lhe deu os seus valores na forma de suas extensões, pois é o único rédito[3] que há para compra do necessário e conservação da Igreja, e todo o mais terreno que a Freguesia tem a exceção da légua de cada são campos comprados aos possuidores primeiros de lei os que se quiseram estabelecer.

[fls. 1v.]

Declaração dos limites e sua extensão que pertence a esta Freguesia **de Nossa Senhora da Conceição** da **Capela de Viamão** as quais são pelas divisas e rumos abaixo declarados.

Pela parte do Norte se divide com o **Rio Gravataí**, o qual fez divisão com a Freguesia de **Nossa Senhora dos Anjos da Aldeia**[4], seguindo pelo mesmo rio até onde deságua o arroio chamado Dornelas, seguindo por este mesmo arroio acima e vai dividindo a Freguesia da Cidade de **Porto Alegre**, ficando este a rumo do Este, e seguindo por cima da cordoeira de morros ou serra, a finalizar com o **Rincão da Ponta Grossa** e costa da Lagoa, e seguindo sempre para baixo o rumo do Sul aonde costa da mesma lagoa deságua o Rio chamado **Capivarí**, que o rumo de Leste vai dividindo a Freguesia de **Nossa Senhora da Conceição do Arroio**[5]; seguindo vai dividindo por aquelas extremas que faz a Freguesia de **Santo Antônio da Patrulha**; e seguindo sempre a finalizar à costa de um pântanos que nele principiam às cabeceiras do dito **Rio Gravataí** aonde principiou esta separação. É o que realmente sei.

Declaração dos princípios e fundação das confrarias que há nesta Freguesia

A confraria do Santíssimo Sacramento unida com **Nossa Senhora da Conceição** teve princípio em o ano de 1752 por Provisão do Exm° Reverendíssimo Sr. D. Frei **Antonio do Desterro**, Bispo do **Rio de Janeiro**, e por esta ser incompe-

(2) Braça = 2,20m.
(3) Lucro ou ganho
(4) Gravataí/RS
(5) Osório/RS

tente se alcançou confirmação por Provisão da Augusta Soberana Rainha Sra. **Dona Maria 1ª** em o ano de 1786. Os Anuais e Jóias dos Irmãos de Mesa se aplicam para a Capela Anual de uma Missa cada semana pelos vivos e falecidos Irmãos; e para oito Missas pela Alma de cada um Irmão que falece; e para cera e Azeite da Luz que atualmente está acesa ao Santíssimo Sacramento; porque os réditos dos foros são impostos pela repugnância que a maior parte da terreira têm de os pagarem e a despesa atual que tem para a conservação da Igreja e a festa da Padroeira é feita à custa da Mesa que em aquele ano serve.

A confraria de **Nossa Senhora do Rosário**, formada de brancos e pretos, teve seu princípio em o ano de 1751 por Provisão [fls. 2r.] do Exmº Reverendíssimo Sr. D. Frei **Antonio do Desterro**, Bispo do **Rio de Janeiro**, e por esta ser incompetente se alcançou Confirmação por Provisão da Augusta Soberana Rainha Nossa Sra. **Dona Maria 1ª** em o ano de 1785 – os Anuais e Jóias dos Irmãos são aplicados para a Capela anual de uma Missa em cada semana pelos vivos e falecidos Irmãos – e para seis Missas pela Alma de cada Irmão que falece – para se gastar com a festa de Nossa Senhora que se faz todos os anos, e algumas alfaias[6] para a mesma confraria.

A confraria de **São Miguel e Almas** teve princípio em o ano de 1756 por Provisão do Exmº Reverendíssimo Sr. D. Frei **Antonio do Desterro**, Bispo do **Rio de Janeiro**, e por esta ser incompetente se alcançou Confirmação por Provisão do Augusto Soberano Rei Nosso Senhor **Dom José 1º** em o ano de 1772 – os Anuais e Jóias dos Irmãos são aplicados para a Capela anual de uma Missa em cada semana pelos vivos e falecidos Irmãos – e para oito Missas pela Alma de cada Irmão que falece – para cera e alfaias da mesma Irmandade, e pela falta que esta tem de Irmãos, por terem falecido os que havia, e as pessoas do tempo presente não se querem alistar na confraria, que já desde o ano de 1815 se não faz eleições para servirem de Mesa porque os não há, só se recebe de algum Irmão que ainda exista, 160 de anual é aplicado para a Capela anual de uma Missa cada semana pelos Irmãos vivos e falecidos e cera e alguma alfaia.

Não tem tido até o presente Capelas Filiais a execução de sua que agora estão construindo a **Nossa Senhora de Belém**[7].

Tem um Oratório com invocação de **São Caetano** concedido por Sua Exa. Rma. ao Reverendo falecido **João Dinis Álvares de Lima**, e hoje está de posse ao Reverendo **João Crisostimo [sic] da Silva**.

[fls. 3r.]

Pessoas que faleceram nesta Freguesia de **Nossa Senhora da Conceição** da **Capela de Viamão** desde o 1º de Janeiro até o último de dezembro do ano de 1822.

Homens Zeferino de idade de um ano – de Malina[8]
José Correia Pinto – idade de 80 anos – moléstia desconhecida

(6) Paramento de Igreja
(7) Belém Velho, atualmente.
(8) Febre

Ricardo de Bitancurt [**sic**] – idade de 28 anos – moléstia desconhecida
Albino – idade de um ano – de Malina
Bento – idade de um ano – de Malina
Nicolau – Nação Guaranim [**sic**] – ida de 12 anos – de Malina
Joaquim – idade de 2 anos – moléstia desconhecida
Pacífico – idade de 18 meses – de garrotilha
Bento – idade de 7 anos – repentinamente
Justino – idade de 2 anos– Pardo livre – moléstia desconhecida
José – idade de 15 anos – de Malina
Inácio Luís – idade de 30 anos – Idrópico [**sic**]
Joaquim – idade de 1 ano – de Malina
Francisco Ferreira – preto livre – idade de 70 anos, atacado do peito
Inácio – Nação Goaranim [**sic**], idade de 6 anos – de Malina

Mulheres
Catarina Tavares – idade de 80 anos – moléstia desconhecida
Generosa – idade de 2 meses – de Malina
Maria – Parda livre – de idade de 3 dias, de Malina
Maria – Parda livre – de idade de 6 dias, de Malina
Tomásia – idade de cinco meses – de Malina
Laurina – idade de 3 anos – de Malina
Maria – idade de 6 meses – de Malina
Ana Maria de Jesus – idade de 16 anos de Poplexia[9] [**sic**]
Angélica – idade de 7 dias – de Malina
Maria – idade de 1 mês – de Malina
Felicidade – idade de 13 dias – de Garrotilho[10]
Hormina – idade de 2 anos – moléstia desconhecida
Josefa Joaquina de Lemos – idade de 70 anos – moléstia desconhecida
Cesária – idade de 20 dias – moléstia desconhecida
Maria – idade de 1 dia – moléstia desconhecida
Brígida – idade de 2 anos – Afogada com um poço de água
Emerenciana Maria – preta livre – idade de 70 anos, de Malina
Maria – idade de 7 dias, de Malina
Maria – idade de 11 anos, de Malina

Homens Escravos
Antonio – idade de 20 anos – Idrópico [**sic**]
Joaquim – idade de 20 anos – Idrópico
Baltazar – idade de 1 ano – de Malina
Francisco – idade de 10 anos – moléstia desconhecida
Januário – idade de 2 anos– de uma queimadura
Joaquim – idade de 20 anos – atacado do peito
Antonio – idade de 20 anos – de Malina

(9) Possivelmente *Apoplexia*: acumulação, derrame de sangue ou linfa no cérebro, que priva o paciente do sentido e movimento, cf. dicionário.
(10) Angina aguda, sufocante; laringite diftérica; crupe, cf. dicionário.

[fls. 3v.]

	Luís – idade de 20 anos – moléstia desconhecida
	Genésio – idade de 10 meses – moléstia desconhecida
	Joaquim – idade de 20 anos – moléstia desconhecida
	João – idade de 1 mês – de Malina
	Manuel – idade de 1 ano – moléstia desconhecida
	Florêncio – idade de 20 anos – moléstia desconhecida
Mulheres	Eufrásia – idade de 3 meses, de Malina
Escravas	Felicade [sic] – idade de 3 meses – de Malina
	Maria – idade de 8 dias – de Malina
	Maria – idade de 37 anos – de Ploplexia [sic]
	Maria – idade de 50 anos – de Malina
	Januária – idade de 2 anos – de uma queimadura
	Virgínia – idade de 1 ano – de Malina
	Teresa – idade de 38 anos – moléstia interna
	Joana – idade de 70 anos – Idropica [sic]
	Maria – idade de 72 anos – de Malina
	Teresa – idade de 8 dias – de Malina
	Josefa – idade de 30 anos – Idropica
	Vitória – idade de 22 anos – moléstia desconhecida

[N.E.: no intuito de facilitar a transcrição, e dar unidade a estas listagens, adota-se, a partir de agora, a formatação em tabela, ressalvando-se que não corresponde ao expresso na forma do documento.]

Pessoas que faleceram nesta Freguesia desde 1° de janeiro até o último de dezembro do ano de 1823

causa mortis: (B) Bexiga; (G) Guarrotilho; (I) Idropsia[11]; (M) Malina; (MD) Moléstia Desconhecida; (P) Parto; (R) Repentinamente

(11) Hidropisia: acumulação de serosidades no tecido celular ou numa cavidade natural do corpo, cf. dicionário

Homens

Nome	Idade dias	Idade meses	Idade anos	Causa Mortis
João Martins Esteves			68	I
Manuel	7			M
Antonio			2	M
Antonio Pereira de Macedo			50	MD
Narciso	7			M
José			12	M
Domingos de Araújo Barreto			60	MD
preto livre				
Rafael, nação guaraní			80	I
Pacífico		8		I
José Gonçalves Moreira			55	de uma pistola
Joaquim			1	MD
Manuel Dias da Rosa			20	de Bexiga
Joaquim Machado Peixoto			26	de Bexiga
Gil Pereira de Macedo			60	MD
Joaquim			13	de Lepra
Francisco		3		Estupor [sic]
Manuel		18		M
Manuel			11	I
João		8		MD
João Antonio, preto livre			30	MD
Antonio Silveira Gularte			44	I
Manuel Antonio da Costa Guimarães			80	MD
João		18		M
Manuel Machado			80	I
João Luís Bacelar[12]			73	de tericia [sic]
José Machado Maciel			78	Paralítico
Manuel, nação Guarani			3	MD

[fls. 4r.]

(12) Na Revista do IHGRGS, nº 121-1975, há um artigo de E. d'Artagnan Carvalho, *Primitivos Moradores de Viamão (1782-1792)*, onde ocorrem alguns nomes dos Homens Livres desta documentação, a exemplo de Antonio Pereira Macedo, Tomás Antonio dos Santos, José Ribeiro da Cunha, Antonio Rodrigues Rangel, Manuel Machado da Silveira, Florêncio Brás Lopes e Francisco Nunes Gularte.

Mulheres

Nome	Idade dias	Idade meses	Idade anos	Causa Mortis
Mariana Joaquina			26	de Parto
Maria	5			MD
Fermina		1		M
Ana Joaquina de Jesus			32	MD
Jesuína		3		M
Florinda			6	M
Maria	1			MD
Maria			3	B
Maria Angélica			20	B
Maria			10	G
Quitéria, preta livre			40	MD
Ana Maria, preta livre			81	MD
Florinda Josefa, parda livre			42	M
Justiniana		1		M
Mariana Antonia			40	M
Catarina de Jesus			63	Repentinamente
Maria	8			MD
Ludovina da Costa Terres [?]			42	P
Maria		6		MD
Joaquina Maria de Jesus			19	P
Felisberta			19	MD
Joaquina		6		M
Virgínia		5		M
Inácia		2		MD
Escolástica Joaquina			56	MD
Rita dos Anjos			60	MD
Maximiana Antonia de Jesus			40	M

Homens
Escravos

Nome	Idade dias	Idade meses	Idade anos	Causa Mortis
Felipe			5	M
Zeferino			1	MD
Gabriel			30	MD
Ivo			26	R
Francisco			33	R
Joaquim			35	I
Miguel			30	R
João			80	I
José			60	R
João			40	I
Salvador			1	B
Manuel	1			MD
Zacarias			1	MD
Izachiel [sic]		14		MD
Simão			25	MD
Jorge			35	MD
Manuel	7			M
Domingos			40	M
Caetano			50	MD
Paulo			70	M

Mulheres
Escravas

Nome	Idade dias	Idade meses	Idade anos	Causa Mortis
Florinda			30	M
Custódia	7			M
Maria		1		MD
Maria	1			MD
Generosa		6		M
Ifigênia [sic]			2	MD
Luiza		14		MD
Delfina			30	P
Eva			1	MD

[fls. 4v.]

Pessoas que faleceram nesta Freguesia desde o 1° de janeiro até o último de dezembro de 1824

Homens

Nome	Idade dias	Idade meses	Idade anos	Causa Mortis
Antonio José dos Santos			53	de uma pancada na cabeça
Américo		9		M
Alexandre José de Aguiar			60	M
João		18		M
Tristão		3		MD
Paulino			2	M
Alexandre		13		MD
João Vieira de Carvalho, preto livre			71	M
Luís		17		MD
Francisco		22		M
Tomás Antonio dos Santos			52	M
Inácio Vieira de Brito			26	Moléstia interna
João	1			MD
Manuel e Manuel, gêmeos	1			MD
Cipriano		1		MD
Antonio José Bernardes			69	Plopexia [sic]
Gabriel, nação Guaraní	15			MD
Manuel	1			MD
Manuel			3	M
João	23			de Constipação
Zeferino			2	MD
Antonio			4	M
Bernardino			4	MD
Manuel Francisco Teles			35	achou-se morto
Manuel Joaquim Bitancurt			50	M
Luís		2		MD
Floriano		18		MD
Isidoro		18		M
Cesário			2	MD
Manuel Marcelino Pires			65	Moléstia interna
Manuel			9	M
Manuel	9			MD

Mulheres

Nome	Idade dias	meses	anos	Causa Mortis
Rita		2		MD
Claudina	15			MD
Alexandrina		10		M
Tomásia		2		M
Maria Luísa		1		MD
Maria			1	MD
Joaquina Cláudia da Silva			34	MD
Rosa, parda livre			22	MD
Antonia Eulália, parda livre			36	Repentinamente
Maria, parda livre	1			MD
Ana Maria de Jesus			25	MD
Joaquina			12	MD
Fabiana da Ramos [sic]			35	MD
Feliciana Maria de Jesus			27	M
Felicidade		1		de Terícia [sic]
Balbina			2	G
Ludovina Lemes Barbosa			90	de fluxo catarral
Ana			2	MD
Maria		9		de uma ferida
[fls. 5r.]				
Margarida		11		MD
Ana		11		M
Maria		16		MD
Ludovina Bernarda Laureana			37	procedido de um Parto
Joaquina		9		MD
Ludovina			9	M
Maria	8			MD
Ana			4	Moléstia de Ar
Hermenegilda		15		MD
Ana Maria, preta livre			50	MD

Homens
Escravos

Nome	dias	Idade meses	ano	Causa Mortis
Antônio		2		MD
Domingos			17	atacado do Peito
Antônio			40	de uma facada
Domingos			3	I
Francisco			34	atacado do Peito
Fortunato			2	M
Joaquim			35	M
Vitorino	18			MD
Manuel			70	Moléstia crônica
João			5	de um espasmo
Manuel	1			MD
Damião			72	Repentinamente
Marcelino			18	MD
José			80	MD
Francisco			65	de uma facada
Vicente			40	I
Manuel	1			MD
João			30	Moléstia de Ar
Delfino			11	MD
José			63	Moléstia do peito
Querino			30	Moléstia do peito
Joaquim			34	MD
Alexandre			9	G
Matias			76	de uma chaga[?] na boca [sic]
Pedro			2	de Catapora
Benedito			2	MD
Pedro			40	I
Bonifácio			2	M
Manuel	1			M
José			8	por se lhe cortar um braço
André			4	M
Manuel			40	M
José			44	MD
Manuel			64	MD
Miguel			32	I

Mulheres
Escravas

Nome	Idade dias	Idade meses	Idade anos	Causa Mortis
Maria			21	MD
Maria	15			MD
Clemência			9	MD
Andréia			2	MD
Maria	1			MD
Mariana			37	MD
Maria	7			M
Rita		2		MD
Maria			22	Moléstia precedida de um Parto

Pessoas que faleceram nesta Freguesia desde o 1° de janeiro até o último de dezembro de 1825

Homens

Nome	Idade dias	Idade meses	Idade anos	Causa Mortis
Manuel	1			MD
Manuel			8	MD
[fls. 5v.]				
Bernardo Ribeiro			40	Repentinamente
Profírio [sic]			4	M
Américo, pardo livre		6		MD
Venâncio		2		MD
José Ribeiro da Cunha			69	MD
Eufrásio			5	I
Joaquim	7			M
Serafim do Nascimento, preto livre			24	M
Manuel		1		M
o Reverendo João Dinis Álvares de Lima[13]			80	Fluxo catarral
Silvino			1	MD
José, preto livre			30	M
José Felix Roiz [Rodrigues]			80	M
Manuel		1		MD
Marcelino			2	M
Ricardo			5	M
Gabriel			6	M
Primitivo		2		MD
Joaquim Francisco da Silva			30	Estupor [sic]
José		3		MD
Francisco		3		Constipação
Manuel		1		M
José		1		MD
Manuel Correia da Silveira			70	de Retenções de urinas
Antonio Roiz [Rodrigues] Rangel			91	Moléstia interna
Alexandre			8	procedido de um carro que passou por cima

(13) O Vigário João Diniz foi o primeiro a celebrar Missa na Matriz de Viamão em 8 de dezembro de 1793, conforme o Arcediago Vicente Zeferino Dias Lopes em seu *Comentário Eclesiástico do Rio Grande de São Pedro do Sul desde 1737.*

Mulheres

Nome	Idade dias	Idade meses	Idade anos	Causa Mortis
Joana Eufrásia			50	Paralítica
Ana			5	de tosse
Maria		16		MD
Luíza			5	I
Generosa		3		M
Maria, preta livre			90	MD
Rosa Maria de Jesus			46	MD
Constantina			3	MD
Angélica Nunes, parda livre			28	R
Maria Angélica			37	R
Maria Antonia, preta livre			52	M
Margarida		5		MD
Riginalda [sic]			2	caiu em um poço e se afogou
Prosina [sic]			3	M
Florinda			11	MD
Beatriz Antonia			63	MD
Maria		1		MD
Alexandrina			6	MD
Maria			18	M
Fabiana, preta livre			43	MD
Francisca	1			MD
Ana Maria de Jesus			40	Moléstia interna
Laurinda, parda livre			2	M
[fls. 6r.]				
Maria do Carmo			29	MD
Maria, nação Guarani		1		MD
Isabel Maria, preta livre			64	MD
Maria		3		MD
Maria, preta livre	1			MD
Getrudes [sic] Maria			30	Moléstia procedida de um Parto

Pessoas que faleceram Escravos

Homens
Escravos

Nome	Idade dias	meses	anos	Causa Mortis
Policarpo	1			MD
João			19	MD
Bernardo		2		MD
Benedito			30	MD
Zeferino			3	MD
José			24	de uma inflamação nos rins
Sebastião			33	MD
José			33	MD
Bernardo			33	M
Marçal			3	MD
André			2	MD
Felizardo			2	MD
José			30	M
Manuel			20	MD
Antonio			23	I
João			25	de uma ferida em o pé
Manuel	1			MD
Benedito	52			MD
João			30	MD
João			16	MD
Tuda [sic]			1	MD
José			40	de uma ferida com espasmo
Manuel			1	MD
Luís			25	MD
Antonio	1			MD
Inácio		10		MD
José			32	M
Manuel			25	MD
João			28	MD
Antonio			2	MD
Pedro			60	de espasmo na ferida do pé
Jacinto		4		MD
Fernando		6		MD
Manuel	1			MD
Laurindo		4		M

Mulheres
Escravas

Nome	Idade dias	meses	anos	Causa Mortis
Maria	7			M
Semiana			16	MD
Florinda		2		MD
Leodata [sic]		6		MD
Francisca			33	MD
Eva		6		MD
Eva [sic]		6 [sic]		MD [sic]
Leopoldina			1	MD
Clemência			12	M
Feliciana		2		MD
Josefa			2	M
Ifigênia [sic]		7		MD
Felicidade		5		MD
Maria			1	MD
Carlota			2	MD
[fls. 6v.]				
Teresa	8			MD
Joana			18	Tísica

Pessoas que faleceram nesta Freguesia desde o 1° de janeiro até 31 de dezembro de 1826

Homens

Nome	Idade dias	meses	anos	Causa Mortis
Manuel Machado da Silveira			70	Inflamação interna
Francisco			11	de Obstrução
Selvino [sic]		1		M
Florêncio Brás Lopes			83	I
Serafim			4	M
Manuel	1			MD
José de Aguiar Caranjo [sic]			82	I
Pedro José Ferreira			30	de uma facada
Vitorino			6	M
Manuel		1		MD
Manuel			11	M
Faustino	9			MD
João			12	M
Manuel Silvestre, preto livre			70	R
Antonio de Souza Rocha			17	M
Silvestre			5	MD
José			20	afogado em um poço de água
Miguel			18	M
Cristóvão Pereira dos Santos, preto livre			90	MD
Laurentino		5		MD
Antonio de Faria			50	R
João, pardo livre		2		MD
Antônio, pardo livre		6		MD
Carlos			7	M
Anastácio			82	MD
José		6		M
João			40	MD
Francisco Nunes Gularte			78	MD
Bernardo, crioulo livre			6	MD
Antônio		10		M
Francisco, preto livre			60	da queda de um cavalo
Jacinto, crioulo livre			25	de uma facada
Amandio Roiz [Rodrigues] Lavoreda [sic]			38	de um raio
João			5	M
Venâncio		2		M
Manuel	7			M
Ismael		15		M

Mulheres

Nome	Idade dias	Idade meses	Idade anos	Causa Mortis
Ana Rosa de Jesus			40	MD
Getrudes [sic]		1		MD
Maria		6		MD
Rosa Maria			65	Plopexia
Maria da Luz, preta livre			73	I
Feliciana			2	M
Francisca			3	M
Alexandrina			8	M
Maria		4		MD
Josefa, preta livre			50	MD
Maria			15	M
Mariana		5		MD
Isabel Moreira			78	MD
Feliciana		[rasgado]		MD
Desidéria Rosa			63	MD
[fls. 7r.]				
Francisca Joaquina de Jesus			63	M
Maria Cardoso, parda livre			80	MD
Balbina		18		MD
Joana, preta livre			65	I
Maria			3	de espasmo de uma ferida

Homens
Escravos

Nome	Idade dias	Idade meses	Idade anos	Causa Mortis
Jerônimo			68	M
Felizardo			2	MD
Marcelino			1	MD
Cerfaco		18		M
Paulo			24	M
Mateus			54	MD
Jesufno			1	MD
David	15			MD
Manuel	8			MD
José			2	M
Manuel			21	M
Pedro			73	I
Antônio			26	G
Domingos			20	Moléstia da garganta
Felisberto		6		M
Lufs			20	MD
Francisco			26	M
Júlio			35	R
Inácio			7	MD
João			26	R
Francisco			47	MD
Manuel			22	de Bexigas
Antônio			50	MD
Antônio			30	R
Miguel			25	MD
Polidoro			40	de Lepra
Brás			48	MD
Manuel	1			MD
Isidoro		4		MD

Mulheres
Escravas

Nome	Idade dias	Idade meses	Idade anos	Causa Mortis
Maria			2	MD
Maria			1	MD
Bonifácia			3	MD
Eufrásia		10		M
Constância		2		MD
Eva			20	M
Eva	8			MD
Maria	8			MD
Josefa		6		MD
Luísa			7	MD
Margarida		6		M
Benedita			2	MD
Maria			20	P
Maria	1			MD
Clara			40	de Bexigas

Pessoas que se receberam em Matrimônio [n]o ano de 1822

Brancos	28
Pardos livres	1
Pretos livres	1
Escravos	4
	34

[fls. 7v.]

Pessoas que se receberam em Matrimônio [n]o ano de 1823

Brancos	26
Pardos livres	4
Pretos Escravos	3
	33

Pessoas que se receberam em Matrimônio [n]o ano de 1824

Brancos	12
Pardos livres	1
Pretos Escravos	2
	15

Pessoas que se receberam em Matrimônio [n]o ano de 1825

Brancos	11
Pardos livres	2
Pretos livres	1
	14

Pessoas que se receberam em Matrimônio [n]o ano de 1826

Brancos	22
Pardos livres	2
Pretos livres	3
	27

[fls. 8r.]

Pessoas que se batizaram nesta Freguesia de Nossa Senhora da Conceição – o ano de 1822

Brancos	Homens	50
Ditas	Mulheres	48
Expostos	Homens	4
Ditas	Mulheres	5
Pardos livres	Homens	6
Ditas	Mulheres	3
Guaranis	Homens	1
Ditas	Mulher	1
Pretos livres	Homens	7
Ditas	Mulheres	4
		129

Ano de 1823

Brancos	Homens	52
Ditas	Mulheres	54
Expostos	Homens	3
Ditas	Mulheres	8
Pardos livres	Homens	3
Ditas	Mulheres	2
Pretos livres	Homens	1
Ditas	Mulher	6
Guaranis	Homens	1
Ditas	Mulheres	2
		132

Ano de
1824

Brancos	Homens	51
Ditas	Mulheres	58
Expostos	Homens	4
Ditas	Mulheres	4
Pardos livres	Homens	6
Ditas	Mulheres	2
Pretos livres	Homens	5
Ditas	Mulher	3
Guaranis	Homens	2
Ditas	Mulheres	3
Escravos	Homens	16
Ditas	Mulheres	16
Adultos Escravos	Homens	12
Adultas Escravas	Mulheres	2
		184

Não têm sido contemplados os anos de 1822 e 1823 – os Batismos de Escravos porque o livro em que estão os acentos deles por estar findo foi recolhido ao Cartório Eclesiástico da Comarca e se deu princípio o novo livro em 18 de julho de 1824.
[fls. 8v.]
Ano de
1825

Brancos	Homens	53
Ditas	Mulheres	60
Pardos livres	Homens	2
Ditas	Mulheres	4
Pretos livres	Homens	6
Ditas	Mulheres	4
Expostos	Homens	2
Ditas	Mulher	3
Guaranis	Homens	1
Ditas	Mulheres	1
Escravos	Homens	31
Ditas	Mulheres	22
Adultos	Homens	14
Ditos	Mulheres	3
		206

Ano de
1826

Brancos	Homens	48
Ditas	Mulheres	48
Expostos	Homens	6
Ditas	Mulheres	3
Pardos livres	Homens	7
Ditas	Mulheres	9
Pretos livres	Homens	4
Ditas	Mulher	1
Guaranis	Homens	1
Ditas	Mulheres	1
Escravos	Homens	17
Ditas	Mulheres	23
Adultos	Homens	17
Ditas	Mulheres	5
		190

[fls. 9r.]

Número das Pessoas desta Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Viamão – idades e cores

Homens Brancos

59	11	41	40	31	10	7	16	67	7	47	9	27	6	62	6	20	5	15	4
9	20	13	47	68	8	59	6	80	40	46	34	69	47	31	76	32	15	4	3
53	13	43	31	9	8	11	45	55	4	9	27	34	69	7	3	55	43	10	45
55	16	6	9	8	8	28	8	6	26	6	43	56	42	5	9	55	24	13	7
40	41	9	3	20	6	25	2	62	4	40	31	29	29	56	57	65	35	11	9
78	33	9	7	45	44	7	28	5	31	30	53	65	40	29	7	12	66	40	5
10	64	45	4	27	28	25	4	62	49	11	28	16	47	9	8	70	66	8	7
6	10	47	5	5	9	60	40	33	7	45	59	57	46	10	45	20	10	7	8
46	6	5	55	12	2	38	4	68	33	13	2	69	12	12	50	34	8	10	41
66	3	6	1	29	35	5	28	55	5	3	35	59	55	58	44	11	12	41	12
47	11	13	8	9	8	67	6	13	34	40	25	45	11	37	47	3	9	50	39
47	8	34	47	60	4	5	67	59	4	2	57	22	66	30	37	44	40	30	3
104	1	19	45																

[fls. 9v.]

13	11	34	36	5	5	8	8	4	12	6	7	44	55	51	36	4	12	50	8
1	5	16	60	19	3	10	30	50	36	8	57	22	7	53	11	61	55	33	10
11	55	56	37	56	48	16	71	59	34	13	21	65	7	10	46	6	52	9	7
63	50	6	6	27	28	3	5	12	8	17	73	56	7	61	17	31	5	16	5
34	35	15	26	6	14	41	22	3	6	11	35	57	3	10	8	8	49	60	33
60	43	12	9	7	15	9	7	4	6	7	5	40	30	26	59	10	5	25	17
8	4	45	43	34	31	3	15	21	11	61	9	30	5	13	7	44	79	8	3
14	33	67	1	13	9	17	30	5	8	53	68	2	4	13	49	50	35	16	11
39	9	30	7	10	7	56	5	6	44	15	54	3	13	43	32	36	11	12	45
65	9	38	45	34	7	12	31	9	6	8	9	8	5	46	9	7	41	12	10
5	60	2	7	4	26	26	6	51	60	28	29	12	8	11	66	8	5	34	36
6	64	27	33	4	44	1	40	31	9	30	61	42	8	23	97	2	7	35	41
24	4	5	61	15	3	3	17	11	31	33	55	9	7	12	62	56	67	9	10
72	10	8	8	65	9	5	33	11	6	3	8	61	47	39	40	20	13	7	37
30	41	66	57	44	55	5	9	24	6	54	14								

[fls. 10r.]

67	9	68	8	12	5	24	33	8	25	27	31	76	5	7	2	17	26	62	37
53	14	8	9	7	5	5	60	50	37	69	51	11	20	7	27	51	43	13	60
9	51	8	39	6	36	4	13	2	31	31	41	9	13	8	26	6	34	67	5
7	4	4	3	71	37	8	7	55	51	34	37	9	24	8	28	5	45	3	37
46	9	22	8	43	5	3	4	23	1	31	61	9	14	4	12	3	9	32	8
60	6	25	29	55	45	72	16	30	9	4	59	26	12	36	60	70	55	57	6
10	4	9	1	3	33	27	7	38	4	8	22	9	58	6	13	5	7	30	29
38	47	67	3	69	53	12	59	36	10										

Mulheres Brancas

51	17	29	70	16	34	65	44	57	20	60	18	57	17	57	7	61	6	61	59
14	25	69	21	40	19	13	32	6	41	20	15	27	35	37	23	17	17	44	38
21	10	59	5	62	3	30	29	16	5	45	39	19	16	55	9	9	51	45	17
30	15	27	10	19	6	18	2	14	27	12	19	54	18	7	9	47	9	19	39
17	13	9	9	7	16	25	11	46	3	10	64	6	42	34	21	7	40	62	10
23	30	49	18	13	24	75	5	35	7	11	31	7	3	66	30	25	12	48	5
3	39	29	61	21	16	19	45	20	13	6	35	16	13	12	11	6	40	19	16
15	7	1	30	7	23	37	23	15	14	8	7	32	30	6	21	4	57	34	35
10	36	9	6	2	22	35	20	8	48	16	14	39	9	8	5	22	37	16	45
25	13	11	22	8	48	17	11	6	22	22	21	26	40	16	12	5	42	14	10
45	13	63	35	15	4	36	8	56	16	4	45	14	6	55	19	44	34	7	66
31	15	27	7	5	2	55	18	39	15	34	57	33	6	42	8	35	10	9	8
10	7	1	43	18	16	11	16	32	15	27	2	4	6	30	46	5	20	27	20
13	11	37	17	28	3	23	44	10	30	35	25	9	6	1	36	18	12	10	8
13	11	10	8	6	4	23	26	43	16	6	36	24	38	43	25	18	56	25	63
9	4	50	23	47	20	27	4	42	18	30	85	40	13	11	10	9	8	7	3
11	7	23	20	18	17	45	25	21	17	55	27	65	21	9	33	9	8	61	26
46	47	54	14	10	94	38	7	9	32	22	19	5	8	28	37	12	10	8	34
10	7	42	15	3	33	9	2	21	35	18	26	40	17	16	11	7	21	27	3
11	28	78	48	16	6	48	54	12	9	52	27	9	23	8	28	10	7	60	32
35	10	4	1	55	20	13	29	23	36	27	6	28	8	56	15	14	28	3	18
12	7	16	35	11	8	7	4	25	2	9	34	33	6	44	13	12	29	14	41
33	9	4	1	60	54	39	47	17	6	57	26	8	6	3	24	7	6	60	27
34	9	10	31	8	55	12	7	45	44	46	13	15	5	3	41	11	30	31	23
50	14	12	25	45	28	50	12	49	5	37	19	15	11	8	21	42	4	1	55
40	17	8	64	15	38	11	54	18	35	25	11	15	11	5	2	38	3	1	21
7	34	34	8	6	26	25	35	7	1	52	15	2	34	10	9	31	36	20	34
26	10	6	73	16	14	12	12	51	20	15	10	8	4	28	20	13	9	26	20
39	15	31	12	3	27	36	10	5	51	30	7	97	30	13	14	8	45	14	6
10	43	8	6	5	35	50	35	10	6	28	9	35	10	37	27	43	30	50	60
3	1	65	65	39	12	47	23	13	7	39	90	30	35	57	12	65	54	16	54
33	11	12	10	59	39	21	20	50	37	14	22	6	5	3	22	35	51	11	32
9	7	46	42	41	12	70	29	47	6	50	95	20	9	72	62	47	18	12	30
57	26	7	47	29	26	15	12	39	16	27	14	30	3	40	19	17	14	12	5
10	83	67	37	26	32	14	13	12	10	2	62	3	1	41	27	46	44	9	5
9	4	10	6	5	2	1	22	3	48	20	35	54	23	21	20	23	25	2	27
24	17	12	61	35	45	23	15	29	12	34	47	3	21	31	22	21	20	54	19
25	4	43	9	26	11	6	2	30	9	16	14	6	4	35	14	10	23	45	23
8	7	36	9	7	3	27	37	12	11	15	9	26	40	12	64	40	34	32	25
7	4	22	28	40	43	16	25	2	44	19	23	1	30	8	3	27	2	26	28
27	27	19	17	15	18	39	31	7	4	48	21	53	23	50	40	43	18	14	44
2	43	10	55	29	27	25	19	27	46	19	16	27	14	8	23	45	7	49	23
6	24	22	29	9	7	3	26	21	17										

Homens Guaranis

51	50	80	40	50

Mulheres Ditas

40	30	32

Pardos Livres

44	13	10	30	18	33	11	4	22	63
11	35	52	23	2	44	9	8	5	56
45	4	47	5	34	11	8	5	41	10
4	38	5	40	10	55	35			

Pardas Livres

20	19	14	38	27	31	27	60	40	30
11	32	38	52	19	27	10	6	3	63
32	27	19	30	53	14	19	14	18	19
36	27	3	27	36	18	17	6	4	2
23	11	36	14	18	6	5	2	32	15
11	9	6	40	25	20	40	30	53	27
40	67	27	82	39	49	5			

Pretos Livres

13	52	40	13	51	2	31	30	40	50
40	62	50	69	20	8	5	55	9	5
2	62	63	38	12	9	6	41	7	40
32	35	50	40						

[fls. 12r.]

66	55	63	40	33	9	66	22	18	65
25	10	64	70	45	50	49	60	60	50
40	50								

Pretas Livres

67	38	52	73	47	31	25	66	67	67
50	40	51	5	66	29	55	26	23	21
13	46	63	34	8	6	27	5	3	45
61	44	70	61	40	35	41	7	38	20
12	10	8	5	28	11	25	26	45	41
50	70	60	43	7	5	44	50	25	10
7	5	64	12	7	60	60	30	60	

PRETOS ESCRAVOS

33	32	21	46	32	28	25	18	18	17	41	45	24	31	26	40	22	16	7	47
54	37	38	37	27	28	26	14	38	37	43	22	17	35	25	35	83	26	40	19
33	23	20	32	25	35	32	7	5	3	52	45	35	30	25	21	40	35	14	30
55	39	45	32	27	33	25	20	21	20	34	44	35	35	15	7	6	7	63	33
29	29	33	21	26	11	28	10	35	38	42	28	35	27	33	20	39	32	42	32
44	31	25	47	18	11	37	37	27	25	21	10	9	7	3	2	2	28	31	9
7	30	25	18	31	38	40	25	40	27	38	68	23	26	12	16	25	24	25	30
40	20	25	25	23	23	19	36	12	18	15	16	12	21	45	35	17	36	25	17
7	4	25	23	25	23	12	62	4	62	30	26	25	31	31	27	13	12	9	7
4	45	5	32	6	20	47	32	18	10	27	13	45	37	40	35	24	22	10	21
47	24	28	25	37	45	22	20	18	12	8	7	6	4	20	23	27	25	26	25
32	33	40	42	32	26	17	46	47	57	61	36	37	43	38	35	32	17	55	20
49	35	25	25	19	29	15	22	7	76	56	17	10	25	26	38	17	20	31	21
30	30	30	30	54	31	21	16	47	47	45	32	25	23	10	8	10	29	31	21
40	42	33	25	30	85	31	26	27	47	10	35	30	33	26	20	22	20	32	27
15	20	45	55	6	39	24	25	17	45	35	40	23	9	9	19	37	67	36	45
44	47	35	24	15	34	20	37	43	25	20	19	4	65	20	17	45	45	43	55
34	13	26	33	30	40	30	47	21	27	18	24	18	16	31	20	34	17	65	41
55	31	25	32	29	44	47	35	20	35	35	45	30	17	31	7	4	50	48	47
16	36	46	45	30	28	43	25	25	32	22	32	34	36	30	25	22	30	25	19
47	47	37	38	50	25	23	45	19	24	24	12	35	27	27	33	8	6	2	1
29	23	21	37	52	44	48	34	31	30	30	14	9	26	42	40	17	27	15	25
2	33	32	25	41	55	61	46	36	25	26	16	41	8	7	6	4	2	2	25
7	6	45	17	21	31	24	23	21	25	20	16	18	19	23	20	35	41	19	46
45	31	5	3	21	35	33	20	6	5	4	47	37	27	23	16	19	22	47	15
13	67	47	6	3	6	3	35	25	38	45	36	19	30	53	36	32	13	31	18
31	33	23	10	64	64	40	42	23	30	45	23	21	32	31	13	40	32	34	32
57	27	25	37	21	26	43	33	28	26	43	11	7	5	45	38	50	35	30	41
20	19	47	18	5	44	35	56	25	55	35	39	9	8	6	47	34	35	64	35
21	35	27	8	3	3	30	22	35	40	34	25	23	20	30	45	31	21	27	40
20	35	30	28	27	29	26	36	40	11	51	7	61	23	45	40	30	41	43	20
20	65	48	39	25	12	31	10	9	7	3	27	37	47	40	25	25	7	35	21
23	24	21	68	39	27	35	20	5	42	53	45	16	30	15	42	22	21	15	2
9	4	30	43	7	5	21	3												

PRETAS ESCRAVAS

33	30	34	15	34	51	28	45	35	29	27	54	18	9	8	43	45	25	45	25
12	31	25	9	55	30	31	17	13	43	45	41	33	10	45	30	20	10	10	36
26	23	18	63	15	35	31	15	26	21	27	21	48	60	35	42	32	17	45	17
18	28	36	13	8	2	17	51	37	28	30	21	22	38	17	27	9	7	5	21]
33	17	45	31	11	8	27	19	36	10	10	9	9	30	7	2	37	27	20	47
27	9	25	10	40	35	17	7	21	25	17	25	19	10	21	32	28	47	42	24
8	6	3	2	10	31	30	25	38	46	22	10	22	47	20	9	35	19	16	23
37	37	33	25	7	34	47	22	18	14	33	19	36	14	7	30	28	6	32	33
29	29	15	7	41	21	22	25	30	17	30	41	14	7	3	15	25	21	10	46
18	20	28	18	30	39	13	10	7	45	17	21	29	27	16	45	31	64	29	27
25	22	7	55	7	47	55	16	7	35	24	26	24	27	34	12	8	7	23	48
13	9	15	33	16	17	13	9	8	32	6	19	31	27	53	41	36	21	21	25
9	4	12	7	12	18	25	35	3	20	11	34	7	19	46	24	8	36	27	10
22	35	15	8	4	15	28	1	25	26	8	7	20	15	8	2	22	30	45	5
48	23	21	45	24	37	11	6	21	33	25	5	25	22	21	47	32	11	32	43
42	8	35	20	21	25	32	34	7	28	40	10	20	33	21	27	7	5	50	46
27	18	51	31	11	5	13	41	50	65	33	32	30	35	27	8	4	48	19	35
37	17	13	12	7	32	33	27	6	7	3	35	5	43	32	22	25	8	30	13
9	7	26	31	43	16	12	10	30	45	14	21	10	39	12	9	9	8	7	4
35	8	45	43	16	8	4	25	30	42	20	25	30	40	10	12	20	31		

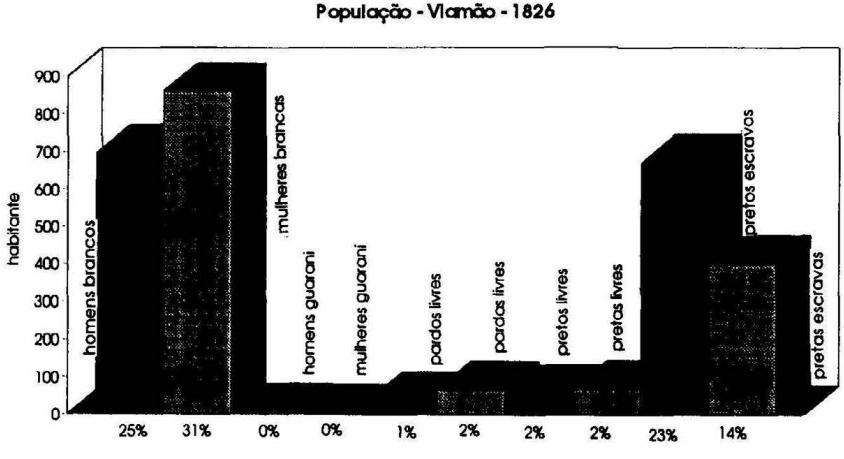
Homens Brancos de todas as idades	696
Mulheres Brancas de todas as idades	860
Homens Guaranis de todas as idades	5
Mulheres Guaranis de todas as idades	3
Pardos livres, de todas as idades	37
Pardas livres, de todas as idades	67
Pretos livres de todas as idades	57
Pretas livres de todas as idades	69
Pretos Escravos de todas as idades	670
Pretas Escravas de todas as idades	400
Soma Total	2.864

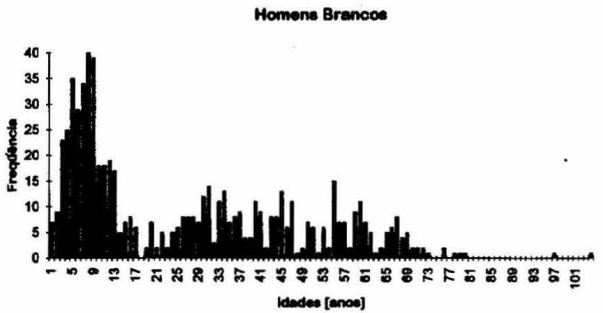
(a) **Bartolomeu Lopes de Azevedo**
Vigário de Viamão

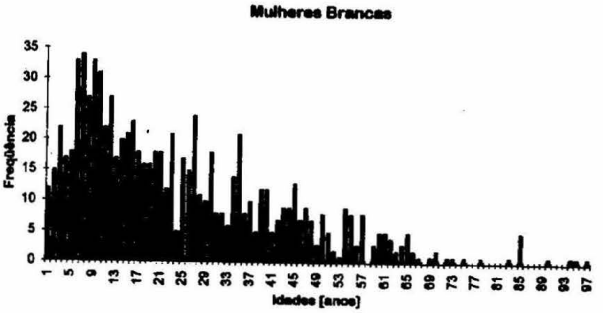
[Fim da transcrição]

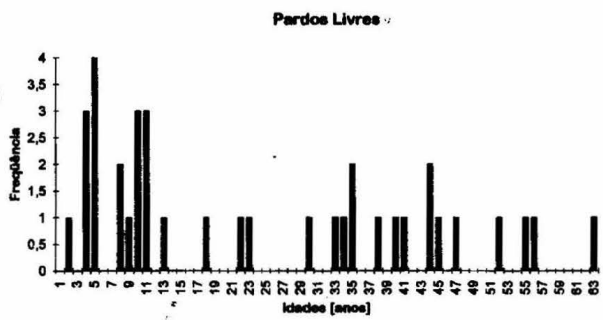
[Transcrição e notas de Miguel Duarte]

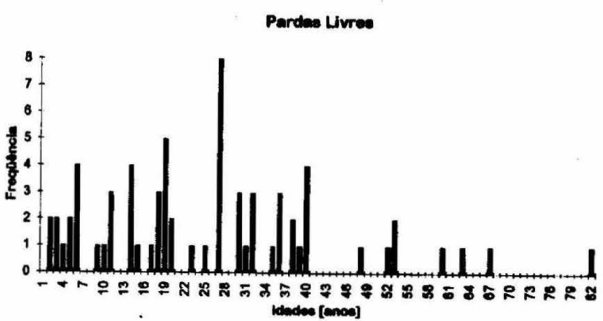
Com o objetivo de facilitar a compreensão visual dos dados estatísticos dos habitantes de Viamão em 1826, por idades e cores, produzimos os gráficos a seguir estampados. Quanto aos índios, Guarani, sendo um total de 8 indivíduos, não fizemos a representação gráfica.

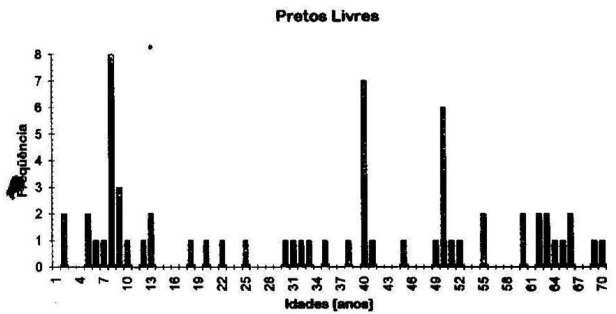


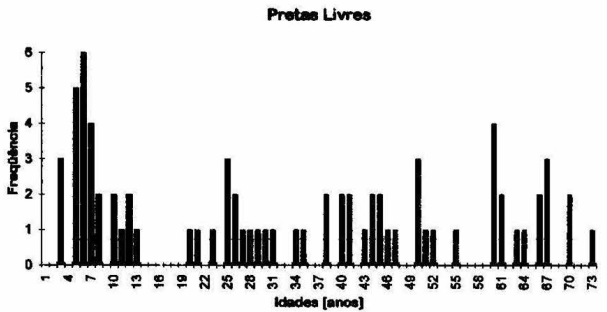

Homens Brancos
Freqüência
Idades [anos]

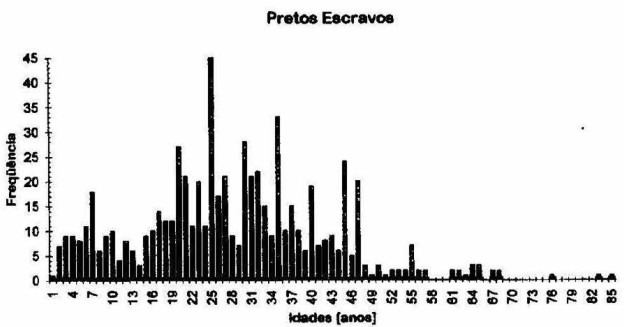

Mulheres Brancas
Freqüência
Idades [anos]

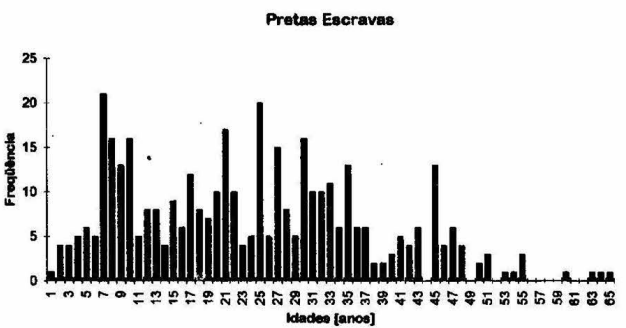

Pardos Livres
Freqüência
Idades [anos]


Pardas Livres
Freqüência
Idades [anos]


Pretos Livres
Freqüência
Idades [anos]


Pretas Livres
Freqüência
Idades [anos]


Pretos Escravos
Freqüência
Idades [anos]


Pretas Escravas
Freqüência
Idades [anos]

ARQUIVO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

Fundo Apolinário Porto Alegre (em processo de arranjo).

Obs.: A peça ora copiada corresponde a um manuscrito de 15 páginas, formando um caderno de formato ofício, em razoável estado de conservação.

Fez-se adaptação da ortografia, mantida a forma dos nomes próprios.

Breve História da semente de Canamo [sic]

No ano de 1747 mandou o Sr. D. José 1°-, Rei de Portugal , sendo Príncipe, semente de Canamo e de pinheiros e Gomes Freire de Andrade, Capitão General do Estado do Brasil , para a fazer propagar nas terras do Sul, o qual encarregou esta comissão a Manoel Escudeiro Ferreira de Souza, Governador que então era da Ilha de Santa Catharina, que mandando chamar a Antônio Gonçalves Pereira de Faria, natural da Torre de D.Chama, lugar de Goide, lhe deu a inspeção destas sementeiras. Preparou este as terras do seu sítio chamado Inguassú, e nelas semeou um alqueire de linho canamo, do qual não nasceu um só grão, por vir mal acondicionada, intempestiva e morta. De mil e duzentas covas, a cinco grãos de pinhões semeados em cada cova , nasceram vinte cinco pés; neste tempo adoeceu, as formigas roeram as folhas, cortaram e despiram as tenras hastes, de tal modo, que quando convalescido voltou para dar-lhes providência, achou os pinheirinhos secos e mortos. Este foi o infeliz sucesso desta sementeira, sem haver novidade por dez anos até 1757.

Neste ano, estando Gomes Freire de Andrade plenipotenciário da divisão de limites no Povo de S. Ângelo, foi Antônio Gonçalves Pereira de Faria com os víveres para o Exército Português, a tempo que se retirava para o Rio Pardo este plenipotenciário, sem concluir aquela divisão, demorando-se Antônio Gonçalves no Povo de S. Ângelo, e passando depois ao Povo de S. Borja, ao acampamento de D. Pedro de Cevalhos [sic], com a idéia de concluir a venda dos seus víveres e cobrar dos espanhóis o produto dos seus efeitos, ali no ano 1758, por acaso viu na horta de um [1v.] cirurgião castelhano amigo um pé de canamo de tanta grossura que podia servir de cabo para uma enxada; entendeu que colheria deste pé um prato de semente para dar princípio ao canamo [sic] no nosso país. Não achou um só grão, nos grandes volumes que se avizinhavam à terra, pendente de ramos de cinco a seis palmos de comprimento cada um. Esta falta de semente se atribui ao vício da terra, sendo na realidade procedida de falta de macho.

Faria este arbusto 40 palmos de roda, na extensão de seus ramos, e não tinha proporcionada altura; cortou o dito Gonçalves um pedaço desta haste pelo comprimento de três palmos, e encapando-o em um pedaço de coiro, o enviou por um chasque ou postilhão com carta ao sobredito plenipotenciário, que se achava acampado no Rio Pardo; porém o condutor, por lhe haver fugido o cavalo, em cuja garupa vinha a remessa, receoso não entregou a carta nem deu conta da sua comissão.

No mesmo Povo de S. Borja, conversando o dito Gonçalves com D.Luiz, mercador do Reino de Chile, lhe certificou que havia canado [**sic**] na cidade de Quilhota; com esta esperança, e com a idéia de cobrar o que lhe deviam os espanhóis, passou este bom vassalo de S.M. a Buenos Aires, e chegando a esta cidade expediu dali um chasque a Quilhota, que voltou com a semente no ano de 62, quando se declarou a guerra entre portugueses e espanhóis. Nestas circunstâncias, não pode Antônio Gonçalves passar aos nossos domínios, vendo-se na necessidade de a semear, por não perder a semente, o que fez do mesmo ano debaixo da proteção de um pobre espanhol. [2r.] Continuou a sementeira no ano de 63 por consentimento de D.Francisco Alvares Campana, que quis estabelecer fábrica à sua custa, e dar-lhe metade dos interesses, que seriam avultados, porque o preço ordinário da estopa é a oito vinténs a libra. Dissimulou Antônio Gonçalves , entertendo-o com boas esperanças, até que teve ocasião de subornar uns falueiros, ensurroando a semente e despachando-a para Monte-Vidéo a título de cinzas para sabão, tendo já no ano antecedente com indústria queimado as hastes do linho, para os persuadir melhor ao que lhe havia intimado, e deixando a D.Francisco Alvares Campana só com bons desejos; em vez de Monte-Vidéo tocou, apesar do seu dinheiro, com trinta e dois alqueires de semente, à praça da Colônia, e desta com a proteção do Governador Pedro José Soares de Moraes Sarmento, se apresentou nesta cidade do Rio de Janeiro, em setembro de 64, ao Ilmo. e Exmo. Vice-Rei deste Estado, o Conde da Cunha, por cujas mãos teve a honra de oferecer esta preciosa semente a S.M. Este zeloso Vice-Rei sem demora o despachou para o Sul, fazendo passagem da semente de uma embarcação para outra que estava a partir, para a fazer propagar, satisfeito das utilidades e vantagens que resultariam ao Estado.

Em princípios de Outubro do mesmo ano partiu desta cidade para o Sul, e passando a Laguna, no porto de Garupaba [**sic**], se adiantou das carretas que transportaram a semente, em 18 do mesmo mês chegou ao Rio Tarymandis [**sic**], onde achou cartas do Governador José Custódio de Sá e Faria, que estava na barreira do N., e do Capitão Antônio Porto [**sic**] Carneiro, superintendente dos Povos Guaranis, nas quais se mandavam dar to– [2v] das as providências para o bom êxito desta empresa, e respondendo às cartas que logo expediu, caminhou escuteiro [**sic**], entrando em 4 dias a Capela e arraial de Viamão, naquele tempo residência dos governadores do Continente do Sul, onde já o esperava o dito Capitão Pinto, que naquela ocasião servia pelo Governador. Foi bem recebido, e apenas jantou, partiu com um inferior às suas ordens a encontrar com as carretas das sementes, e a explorar terras para esta sementeira. Encontrou as carretas em Tarymandis [**sic**], e

tirando um alqueire a foi semear à Serra, em uma fazenda assim chamada; daqui marchou, e fez semear uma pequena porção no terreno dos Brazes, e daí passou ao Povo de Nossa Senhora dos Anjos, e nas margens do Gravataes em mato virgem, terreno alto e baixo semeou três alqueires; passando-se ao Campo da Figueira nele semeou seis alqueires; daqui passou ao Porto dos Cazaes [sic] onde se encontrou com o Governador José Custódio, que naquela tarde tinha chegado da barreira do N.; no dia seguinte semeou 4 alqueires em terras que já estavam prontas, e no mesmo dia partiu para S. Amaro na distância de 18 léguas, onde chegou no último dia de novembro do mesmo ano de 64. No dia primeiro de Dezembro semeou neste lugar 2 alqueires, no dia seguinte partiu para o Rio Pardo, e naquele mesmo dia venceu a jornada de 14 léguas; não achou terras preparadas, ele as preparou e fez a última sementeira em 7 de dezembro, em terrenos altos e baixos, úmidos e secos, em 8 partes diferentes, e deste modo se finalizou o trabalho deste ano de 64. Isto assim executado, tarde [3r.] por não haver outro remédio, voltou este zeloso lavrador do Rio Pardo à Capital no exercício de visitar as lavouras, observá-las e experimentá-las.

Na Fazenda da Serra, e no terreno dos Brazes nada nasceu. No Povo de Nossa Senhora dos Anjos, margem dos Gravatas, no terreno baixo nasceu muito bem, e depois de 8, 10 palmos de alto, uma grande enchente afogou e matou tudo; no alto nasceram 300 pés fêmeas, e quase igual número de machos; estes se conhecem pela produção das flores sem semente, e aquelas pela produção da semente sem florescer; porém não havendo machos, nada produzem; na Figueira nasceu; no Porto dos Cazaes não passaram de uma dúzia de pés, que estando formosíssimos, se afogaram com a dita enchente; em S. Amaro nasceram 200 pés pouco mais ou menos, curtos por não estar a terra bem fabricada, e por ser fora da estação. No Rio Pardo em uma só parte nasceu bem, que era úmida; também se afogou com a enchente que anualmente costuma inundar uma grande parte daquelas varjarias; e dos vinte e dois alqueires que se semearam neste primeiro ano, importou a colheita em 10 alqueires; e assim se concluiu o primeiro ano de sementeira.

Em setembro de 1765 se semeou unicamente na paragem chamada a Figueira, porque por mais diligências que se fizeram para se semear nas margens do Taquari, por ser terreno melhor, nunca de pôde conseguir: já neste tempo os senhores das terras tanto grandes como pequenas entendiam que esta Fábrica Real se encaminhava a apossar-se das suas terras, e que sentiriam sobre si um peso vio- [3v.] lento, sem interesses; todos procuravam dar péssimas informações dos seus terrenos; uns abusavam dos seus respeitos, e outros dos alheios; cada um por seu modo se escusava; não houve outro remédio senão continuar as sementeiras no campo da Figueira, que então se reputava mais realengo, do que de algum senhorio determinado. Espalhou-se que João Alves Moirão com o Governador José Custódio pretendiam estabelecer fábrica de canano [sic], e que por isso pretestando avultadas despesas da Real Fazenda, figuraram mal ao dito Gonçalves na presença do Exmo. Vice-Rei o Conde da Cunha, tirando-lhe a glória de grande servidor de seu soberano, e com ela os públicos e particulares interesses do Estado. Fosse o que fosse, a verdade é que morreu João Alves Moirão, que faltavam os meios e os

necessários que se pediam para facilitar esta obra; as conseqüências foram funestas, tudo quanto dizia respeito ao canamo era olhado ou como dificultoso e impossível, ou como produções da vaga fantasia de um velho delirante; as despesas não se faziam pelo seu arbítrio, que a ser assim far-se-iam talvez por metade ou ainda por menos.

Ficou o linho de 65, pela falta de adubos, curto, e também por não ser melhor o terreno; nos quartéis, porém, que foram estrumados, ainda que não eram regados, deu linho de treze palmos, do qual se mandaram doze pés retovados ou encapados em coiros ao Exmo. Vice-Rei do Estado, o Conde da Cunha. Colheram-se 26 alqueires de sementes perfeitíssimas, fez-se cabo de 8 cujo comprimento poderá constar da Real Fazenda do Rio Grande, que enviou o Governador ao dito Conde; di- [4r.] zem que também acompanhavam sinistras informações do mesmo Governo, nas quais carregava a Antônio Gonçalves, se é verdade, com a culpa que ele mesmo tinha. Fez-se finalmente debaixo das mesmas dificuldades e no mesmo terreno a terceira sementeira; já esta grande obra tinha caído em total desprezo, ou porque houvesse empenho de a fazer espirar por zelos, ou por pouco amor do bem público e do real serviço, ou por ignorância e curtíssimas vistas daqueles Povos e dos seus governadores sobre os fundos em que se estabeleceram e se fizeram poderosos alguns Estados do levante, e das grandes e avultadas despesas que fizeram, e ainda fazem, a Franca, Holanda, Inglaterra e Rússia no estabelecimento do canamo [**sic**], do que tiraram e tiram muitos milhões na enxárcia e velame para as suas Marinhas e estrangeiras; ignoravam as duras condições com que a Rússia havia metido estes efeitos em Inglaterra, querendo que até os transportes se fizessem nos navios de seus vassalos, veja-se o livro de comércio de Inglaterra. Colheu-se desta terceira e última semeadura no ano 66 sessenta alqueires de semente ótima e limpa, segundo a minha lembrança, 38 arrobas de linho puro e aceado, e 80 até 90 de estopa preparada por David de Campos Escocês, já na ausência de Antônio Gonçalves; que o prêmio que havia tido do seu incomparável zelo e fidelidade, foi o ser retirado pelo sobredito Conde Vice-Rei, pelas sinistras informações que dele ou da sua sementeira haviam dado aqueles zelosos da Fazenda Real, de cujo linho fez o Capitão Matheus Ignacio cabos miúdos para a marinha de Rio Grande, pela falta que havia deste gêne- [4v.] ro, e diz que nunca vira linho de tanta resistência; e deixando por ora esta semente de linho aceado, estopa e mais pertences à inspeção dos Ministros da Real Fazenda daquele Continente, onde tudo se perdeu, sigamos, por ora desde o ano 66 para 67 a Antônio Gonçalves de Faria até o ano de 70, e daí até o ano presente, que ainda vive com 82 anos de idade. Chegou pois a esta Cidade, onde se demorou mais de um ano sem audiência e em desagrado. Nos princípios de 1767, chegou daquele Continente o Padre Francisco Rodrigues Xavier Prates notificado de mandado real desta Cidade do Rio de Janeiro, por haver sido jesuíta, e encontrando-se com o dito Antônio Gonçalves, o despachou e o fez embarcar ocultamente, por causa de seus credores, na nau Caridade, em sua companhia para a Corte. Saíram ambos em 29 de junho de 1768 desta barra, entrando pela de Lisboa em 12 de outubro do mesmo ano.

Foi Francisco Xavier de Mendonça a bordo da nau buscar o Desembargador

Alexandre Leal, procurador que fora desta Cidade, da Coroa; viu ali o dito Antônio Gonçalves em hábito de terceiro, de que usava já havia oito anos, e olhando para esta figura com reflexão, o mandou ir preso para o Arsenal com a voz de Secretário de Estado, que então era, ali esteve 4 dias, enquanto da estamenha do mesmo hábito, por ordem do mesmo Secretário de Estado dos Negócios Ultramarinos, se lhe fez véstia, calção, e capote. No ano de 69 a 10 de março foi falar ao Sr. D. José 1°, de feliz memória, que o recebeu com agrado; falou-lhe do modo [5r.] seguinte: "Senhor, como V.M. sendo príncipe no ano de 47, mandou semente de canamo a Manoel Escudeiro Ferreiro de Souza, Governador da Ilha de Santa Catarina, para a fazer semear na América do Sul, como também pinhões para o abasto da Marinha, este me encarregou desta diligência; semeei, e não nasceu, passei a Missões e daí a Buenos Aires, fiz conduzir da contra-costa e Mar Pacífico do Reino de Chile, cidade Quilheta, e a pus a salvo debaixo de grandes dificuldades no Rio de Janeiro, no ano de 64 ; passei ao Continente de Viamão, onde a deixei propagada, venho oferecê-la a V.M. pessoalmente, e suplicar me conceda V.M. licença para estabelecer fábrica". S.M. o mandou a Francisco Xavier de Mendonça, que igualmente o recebeu cheio de alegria, em ocasião que ia para o Paço, expressando-lhe este Secretário que o conhecia antes que o visse, persuadimo-nos que foram insinuações que S.M. lhe havia dado. Pediu-lhe Antônio Gonçalves dia para tratar desta matéria, concedeu-lhe o Secretário, porém não lhe faltou senão quando tornava a sair para o Paço, perguntando-lhe por que não viera mais cedo, respondeu-lhe Antônio Gonçalves que desde a aurora se achava naquele lugar, mandando recados a S.Exa.; que chamou a Francisco Pereira e mandou que quando ali aparecesse aquele homem o conduzisse à sala reservada junto ao seu gabinete, veio no dia seguinte, foi logo conduzido à referida sala; falou-lhe o Ministro de Estado pelo modo seguinte: El-Rei manda dar a V.M. passagem e ajuda de custo, e que faça uma relação de tudo quanto necessita; [5v.] assim o despediu, e querendo-lhe algumas vezes falar na passagem para o Paço, nunca o Ministro lhe respondeu a propósito. Nos primeiros dias que este homem apareceu na sala do Secretário, teve grandes cortejos de um negociante, e pouco depois o tratava com desprezo e indiferença; perguntou que homem era aquele, respondeu-lhe que era Paulo Jorge, homem que fazia grande negócio com El-Rei, e ganhava grande soma de mil cruzados cada ano em amarras, enxárcia e linhos e em todos os mais gêneros de marinha.

Neste tempo valeu-se o Padre Francisco Xavier Prates para fazer uma proposta e oferecê-la a S.M., em que se insinuasse por termos mui concisos e gerais os grandes interesses que poderiam resultar à Coroa de S.M. se quisesse tomar a fábrica, despendendo 400 mil cruzados. Enfastiou esta proposta e nada resultou dela. Quis o dito Gonçalves queixar-se a S.M., entendo que a demora do seu despacho procedia do Ministro de Estado, porém Antônio Marques e o Padre Prates o desviaram deste projeto; e daí por diante cuidou somente em retirar-se, fazendo uma simples petição a S.M., pedindo-lhe a fábrica por 12 anos, e foi logo despachado com 8 moedas de ajuda de custo.

Vendo-se porém este homem em Lisboa desarmado, estabeleceu uma escritura com Antônio Loureiro e outros homens de negócio, porque só não tinha forças para promover esta grande obra; concediam-lhe estes sócios a terceira parte dos interesses, que se lucrassem precisamente dos inventos, com que ele prometia forrar uma grande parte dos jornais, sem querer dos rendimentos ordinários da fábrica coisa algu- [5v.] ma, davam-lhe 12$800 por mês para suas comedorias, e que mais fosse à sua custa, assim consta de uma escritura que pára em minha mão.

Em 25 de dezembro do ano de 69 partiu de Lisboa, e chegou ao Rio de Janeiro em 13 de fevereiro de 70, apresentou-se ao Vice-Rei do Estado, que então era o Marquês de Lavradio, expondo-lhe que pretendia passar ao Rio Grande e dar princípio à fábrica, que com os seus sócios se havia proposto; respondeu-lhe este que queria a fábrica nesta cidade, e que mandava buscar a semente que ele havia propagado; entretanto, o mandou para S. Cruz a preparar terras para 8 alqueires; passado cinco meses foi a resposta, que não havia um só grão naquele continente a tempo, que por cartas particulares e ocultas informações constava haver semente de alguns arbustos sem cultura, e da semente que se havia propagado naquele terreno onde se haviam feito lavouras de 65 e 66. Fosse o que fosse não veio semente, e eis aqui o modo com que novamente expirou o canamo [sic] do ano de 70, depois de haver recebido aumento e prometer interesses da sementeira de 66.

Dão-se as situações e figuras diferentes que padeceu o canamo[sic] desde 70 até 82, em que apareceu com nova face.

Nestas circunstâncias e demoras, quis o Vice-Rei Marquês de Lavradio mandar buscar a semente às Índias de Hespanha, oferecendo-lhe Antônio Gonçalves Pereira de Faria para este fim [6v.] uma instrução do modo seguinte. "Que S.Exa. mandasse ao Governador da Colônia, que sem demora escrevendo a Buenos Ayres, fizesse daí despachar um chasque à cidade de Quilhota no reino do Chile, donde com a mesma brevidade voltasse conduzindo um ou dois alqueires de semente, e passasse a cordilheira no Verão, que é no mês de Dezembro, Janeiro e Fevereiro, e, chegando a Buenos Ayres, passasse sem demora à Colônia, e daquela praça a esta cidade, tudo dentro do círculo de uma estação, e que desta sorte teria S. Exa. semente capaz de nascer". Mandou o Vice-Rei, não se observou o método; passaram duas estações e chegou a semente morta; foi este o motivo por que, semeada por vários terrenos não nasceu. Depois disto chegou a este porto uma nau francesa, em que diziam vir o Príncipe; um oficial dela deu ao Padre Sebastião, bem conhecido nesta cidade, uma boa porção de sementes misturadas; indo um dia o dito Padre jantar com o Vice-Rei, conversando-se na mesa sobre sementes, expôs que um oficial daquela nau lhe havia dado um montão delas, perguntou-lhe o Vice-Rei se seria alguma de canamo [sic], não soube o Padre decidir, e S.Exa. mandou examiná-las pelo dito Gonçalves, com a felicidade de encontrar naquela seiscentos e tantos grãos de canamo [sic]. Semeou sem demora uma dúzia de grãos de um vaso, regando primeiro a terra por ser no tempo do Estio, não nasceu um só pé; semeou o resto em um pequeno tabuleiro de terra, nasceram quatorze pés, que

pela intensidade do calor e faltar-lhe a rega necessária, co- [7r.] lheu somente trezentos e setenta grãos, ficando o linho ainda na terra com o temor que não brotassem e nascessem as sementes nos pendões, e caindo sobre se perdessem; depois dar-se-á a razão deste fenômeno.

Levou ao Vice-Rei esta pequena colheita ao tempo que partia para a chácara de Anacleto Elias, mandou-lhe dar cavalo, e que fosse semeá-lo à mesma chácara; chegou, escolheu terreno, perguntou ao feitor se era alagadiço, respondeu-lhe que não; preparou a terra, semeou e nasceu; houveram águas, pararam sobre aquele terreno estagnadas, afogaram e mataram aquela sementeira; porém, de três pés que lhe haviam nascido em um vaso, salvou alguns grãos, e semeando-a continuamente, a propagou até 3/4, do que deu parte ao dito Vice-Rei. Guardou-se em Palácio a semente. Passado ano e meio, fez vir a sua presença este Vice-Rei ao referido Gonçalves, e lhe perguntou como ia a sementeira; respondeu-lhe que S.Exa. o diria; refletindo porém que a tinha mandado guardar, a fez aparecer e a fez semear, não obstante a repugnância do meu bom velho Gonçalves, na chácara do Joaquim Miz.; não nasceu porque era morta. Contudo ainda não estavam cansadas as diligências do velho, porque quando ofereceu as três quartas de semente, tinha desviado e remetido a Manoel de Moraes, músico, uma porção para fazer propagar, visto que então se achava na Vila da Laguna, no seu sítio, nas margens do Tubarão, onde semeou; nasceu e se aproveitou a semente; nesta certeza obrigou-se a S.Exa. o bom velho Gonçalves [7v.] a partir para a Ilha de S. Catharina, e fazer propagar a semente. Assim sucedeu, pedindo a Manoel de Moraes algumas; e ele lhe mandou dezenove onças. Fez-se a sementeira na Ilha de S. Catharina, nasceram 61 pés de fêmeas e 29 de machos, colheu-se uma quarta de semente que foi apresentada ao Governador Pedro Antônio da Gama e Freitas, segundo a ordem do Vice-Rei, a quem aquele Governador remeteu duas partes desta semente; e a que ficou mandou propagar pelo mesmo Antônio Gonçalves, a qual depois de semeada se perdeu com a invasão e perda da referida Ilha, em 23 de fevereiro do ano de 1777.

Estas são as figuras e lastimosas situações do canamo [**sic**] nestes estados da América do Sul, por espaço de 35 anos, com mais ou menos modificação, sem variar de substância; assim tem repetidas vezes tido princípio e expirado este importantíssimo ramo de comércio interno e externo da Nação, e se estes fatos sobre uma matéria de tanto interesse têm sido bastantes para prevenir-nos, não têm sido menos capazes para nos dar a conhecer até que ponto pode chegar o zelo e a constância de um bom vassalo, e sujeito particular. Hoje, porém, que já se contam 25 de outubro de 1782, conhecendo-se no Exmo. Sr. Luiz de Vasconcellos, Vice-Rei deste Estado, o mais vivo desejo de promover o adiantamento da indústria, não devemos perder a ocasião de produzir na sua presença algumas reflexões sobre esta importante matéria, para que S.Exa. te- [8r.] nha a glória de verdadeiramente proteger e promover esta utilíssima e tão combatida semente nestes Estados da América e a ponha a salvo dos funestos ataques e enfermidades que até agora tem padecido; assim será feliz esta empresa, permitindo-nos que declaremos inumerá-

se uma sementeira, que concebida e praticada nos devidos terrenos, promete mais interesses que quanto ouro e pedras preciosas se podem extrair de todas as minas, seguindo-se a opinião de que a agricultura é o mais poderoso braço dos impérios.

Cópia conforme.
José Sebastião d' Almeida
Amanuense

Conferido e corrigido.
José Luis Teixeira Lima

NOTAS DO COPISTA:

1) Fez-se atualização da ortografia, exceto dos nomes próprios.

2) O autor do escrito, ou quem o copiou, escreveu repetidamente "canamo" em lugar de "cânhamo".

FUNDO JOÃO RODRIGUES MENNA BARRETO (Gen. Honorário)

Doc.: s/ n.°. – datilografado
Nonoai – 29.9.1923

– APONTAMENTOS –

A eleição para Presidente do Estado em 1922[14], deu por resultado a revolução de janeiro de 1923, quando tomou posse o Sr. Dr. Borges de Medeiros, integralmente eleito. Os federalistas fizeram com os dissidentes do partido republicano uma frente única; nessa condição apresentaram candidato o Dr. Assis Brasil.

O partido federalista depois da morte de seu chefe Dr. Gaspar S. Martins, ficou desnorteado com muitos chefes. Na ocasião da eleição eu preveni o Dr. Artur Caetano[15] que tinha observado na minha ida a Pinheiro Marcado[16], que estavam 10 turmas da estrada de ferro avisados e um trem pronto para transportá-los a Carazinho, e isso provava que eles iam fazer pressão na eleição e prontos para fuzilarem-nos na mesa. Eu, prevenido convidei nossos companheiros, mesmo os que não fossem eleitores, a fim de reagir qualquer pressão. Nessas condições no dia da eleição. Eles colocaram no pátio da casa 6 homens armados; eu, chegando ao clarear do dia observei; fiquei quieto e vigilante. Na ocasião e hora de abrir a mesa eu me dirigi ao Juiz (João Kurtz), presidente da mesa, que estava na hora e queríamos votar, que estavam muitos eleitores esperando; passa-se as horas e ele me respondeu, que seu escrivão não estava e só abria a mesa depois que chegasse o escrivão. Respondi-lhe que nomeie-se um a *adhoc* [SIC], não cedeu. Disse que eles queriam fazer o que fizeram uns dias antes na organização da mesa, mas que eu estava pronto e preparado a reagir até com as armas na mão. Nestas condições o pequeno grupo de republicanos assustaram-se e se retiram da casa, seguindo para votarem em Passo Fundo, e logo chegava de Pinheiro Marcado um trem trazen-

(14) Refere-se à eleição de 25/11/1922, em que Borges de Medeiros foi eleito pela quinta vez para a Presidência do Rio Grande do Sul, com apenas o interregno de Carlos Barbosa Gonçalves (1908/12) e as interinidades de Salvador Ayres Pinheiro Machado e Protásio Antônio Alves, respectivamente 02/01/1915 a 31/12/1916 e 02/01/1919 a 20/03/1919.

(15) Dr. Arthur Caetano da Silva, deputado federalista à Assembléia dos Representantes, de 1921/24.

(16) Localidade e estação ferroviária entre Santa Bárbara e Carazinho.

do as 10 turmas de fósforos[17], aproveitaram e seguiram todos, fazendo nos [SIC] a eleição em vista de sermos os suplentes da mesa.

Quando foi a posse do Dr. Borges, fizemos um protesto ao Presidente da República, com duas mil e tantas assinaturas, procuramos fazer aqui em cartório, os escrivães fugiram, fomos a Passo Fundo, nos receberam a bala; nestas condições estava preparada a revolução por parte da gente do Borges. A revolução não estava preparada por nós, nessas condições eu disse ao Dr. Artur Caetano que fosse ao Rio de Janeiro e prevenisse nossos companheiros, do outro lado do Rio Passo Fundo, para nos [SIC] conferenciar. Dr. Caetano seguiu, encontrando nossos companheiros já prontos a dissolver seus amigos [SIC]. Disse eu a Caetano que a revolução tinha que sair, porque logo após a eleição o Governo mandou um subchefe de polícia a fim de nos interrogar e o resultado seria uma perseguição com o resultado para nós, a cadeia, que seguia para Nonoai, rebanhava o que pudesse e mandaria pôr em Carneiro no outro lado do Uruguai um companheiro de confiança para receber dele as comunicações que fosse preciso. Recebemos que Portinho[18] logo viria ao Rio Grande para tomar parte na revolução, que estava em organização, no Rio uma junta governativa que breve viria para as divisas do Rio Grande. Ameaçado pelas forças de Firmino de Paula[19] que estavam em Passo Fundo, resolvi a passar para o município de Palmeiras, fazer junção com Leonel Rocha[20]; 3 dias andei procurando Leonel chegando Leonel disse-lhe o que sabia e que eu era o pivô da Revolução só esperar a palavra dos companheiros do Rio. Respondi se esta gente vem sobre nós somos os únicos na revolução e respondi que ele e sua gente eram muito vaqueanos na serra e nos não poderíamos dar combate por falta de armamento, mas poderíamos escapar por meios estratégicos e que com as pucas, digo poucas armas que tínhamos poderíamos resguardar os nosso companheiros desarmados. Depois de muitas correrias e tiroteios Nonoai tinha 800 homens do Cel. Cladino[21] [SIC] e Palmeira Firmino de Paula com mil e tantos homens. Em maio caiu em nossas mãos um jornal, o Correio do Povo que

(17) "Fósforos" era a designação popular dos eleitores de cabresto que o Partido Republicano Rio-Grandense organizava em grupos e fazia transportar pela Viação Férrea do Rio Grande do Sul. Chegados a uma localidade, desembarcavam, votavam, reembarcavam, seguiam para outra localidade, votavam novamente e assim sucessivamente. Viajavam apertados como palitos em caixa de fósforo, daí a denominação.

(18) Felipe Nery Portinho, chefe federalista de Passo Fundo. Veterano da Revolução de 1893. Era filho do chefe farroupilha José Gomes Portinho. Em 1923, foi o principal caudilho revolucionário do nordeste do Estado.

(19) Firmino de Paula e Silva, general honorário do Exército e chefe republicano de Cruz Alta. Veterano da Revolução de 1893, quando comandou a 5ª Brigada da Divisão do Norte. Celebrizou-se tristemente pelas mortes do Boi Preto e pela profanação do cadáver de Gumercindo Saraiva. Foi deputado à Assembléia dos Representantes de 1892 a 1904. Na Revolução de 1923, já octogenário, comandou a Brigada Provisória do Norte.

(20) Leonel Maria da Rocha, caudilho federalista da Palmeira [das Missões]. Veterano da Revolução de 1893. Em 1923, comandou forças revolucionárias nas regiões da Palmeira e Alto Uruguai.

(21) Coronel Claudino Nunes Pereira, oficial superior da Brigada Militar e seu comandante de 1925 a 1932. Veterano da Revolução de 1893. Em 1923, comandou as Brigadas Provisórias do Oeste e do Centro.

dava a entrada de Portinho com 2 mil homens. Chamei Leonel e mostrei o jornal e convidei a ir ao encontro de Portinho para adiantar alguma coisa da revolução. Respondeu-me Leonel que aquela travessia até Erexim era muito perigosa, em vista das forças do governo espalhadas. Respondi que iria e levava só meu piquete para não disputar minha ida até lá. Fui e encontrei todo o caminho sem encontrar forças inimigas, pelo contrário sempre encontrando piquetes nossos companheiros. Falando com Portinho no Erexim, disse que a revolução estava morta porque não tinha elemento; no Rio tinha se organizado uma junta governativa[22], mas isso era uma organização caricata, que nada podia fazer em benefício da revolução. A noite chega na minha barraca Dr. Lacerda Júnior, que me entrega uma organização do governo provisório, com a nomeação dos chefes comandantes de forças e dividindo o Estado em 4 zonas, 2 na serra e 2 na fronteira, comandantes Portinho, João Rodrigues[23], Honório Lemos[24] e Zeca Neto[25], 2 federalistas e 2 dissidentes. Respondi ao Dr. Lacerda era o que precisávamos o mais nós obtínhamos. Junto com Portinho o Dr. Maciel disse-me a mesma coisa que Portinho. Em vista da organização provisória segui para Nonoai com meu estado maior e comecei a organização de 2 brigadas, uma comandada por Leonel Rocha e outra por Serafim de Moura[26] (vulgo Fizinho); se Leonel era chefe de um grupo de federalistas, Serafim era chefe de um grupo de dissidentes. Fizinho é um jovem inteligente e ativo. Dr. Maciel lança um manifesto ao partido federalista. Dr. Artur Caetano percorre a fronteira e diz que Maciel não pode falar do partido e levanta os federalistas da fronteira junto com os dissidentes, toma vulto a revolução. As forças do governo, os 2 corpos da Brigada Militar, segue apressado para baixo da serra; Maciel e Portinho procuram dividir a dissidência, com os federalistas começam as aclamações de generais Leonel Rocha, Estácio de Azambuja[27], Chiquinote Pereira[28] e outros, para formar uma discórdia entre os comandantes das zonas como produziu; cada um queria operar por sua conta, sem uma orientação. Logo Leonel se apartou de mim e escreveu para os federalistas que estavam comigo para se ajuntarem a ele; o mesmo aconteceu na fronteira, de modo que fui amparado pelo Cel.

(22) Refere-se à chamada "Junta Governativa Revolucionária", presidida pelo General Antônio Adolfo da Fontoura Menna Barreto, veterano da Revolução de 1893 e Ministro da Guerra de 12/09/1911 a 30/03/1912, e composta por destacadas figuras da oposição rio-grandense.

(23) O próprio autor dos "Apontamentos".

(24) Seu nome completo: Honório Lemes da Silva. Caudilho federalista da região sudoeste e talvez o mais popular dos chefes revolucionários de 1923. Era veterano da Revolução de 1893.

(25) Seu nome completo: José Antônio Netto. Pertencia à ala dissidente do Partido Republicano Rio-Grandense. Era sobrinho do general farroupilha Antônio de Souza Netto. Veterano da Revolução de 1893. Em 1923, já septuagenário, comandou as forças revolucionárias do sul do Estado, celebrizando-se pela tomada da cidade de Pelotas.

(26) Serafim de Moura Assis ("Finzito"). Era da ala dissidente do Partido Republicano Rio-Grandense.

(27) Seu nome completo: Estácio Xavier de Azambuja Sobrinho. Chefe federalista de Bagé. Em 1923, comandou as forças revolucionárias na região centro-sul do Estado (3ª Divisão do Exército Libertador). Era veterano da Revolução de 1893.

(28) Francisco Wenceslau Pereira ("Chiquinote"). Chefe federalista de Livramento e veterano da Revolução de 1893. Em 1923, comandou a chamada Divisão de Sant'Ana, que atuou na fronteira com o Uruguai.

Serafim de Moura Assis e seus companheiros, ficando Leonel só com um pequeno grupo de federalistas. No ataque que fizemos à Vila de Palmeira ao romper do dia e serrado a fuzilaria, nós em boas condições, percorrendo a linha de fogo, via em baixo um grupo de homens, um sentado e outros deitados, perguntei porque não estavam na linha de fogo, responderam que não tinham munição. Chamei meu ajudante de ordens Cap. Otaviano Issler e disse-lhe que procurasse Leonel e que viesse a minha presença.

Chegando Leonel disse-me que tinha deixado os cargueiros de munições nos Camargos, 3 léguas retirado; respondi-lhe que nestas condições mandasse retirar as linhas, se o inimigo observasse isso nos carregaria e estávamos perdidos e aí nos retiramos todos em ordem isso foi ignorância ou má-vontade. Assim fomos até a paz sem haver uma discórdia de minha parte, sobre o procedimento de alguns maus federalistas, a revolução teria sido morta já no nascedouro, porém eu resisti todo o egoísmo dos federalistas, e assim chegamos à paz. Quando nos juntamos em Carazinho para fazermos o chefe da força fui eu aclamado, protestei dizendo que tinha outros em melhores condições; logo senti que alguns federalistas não tinham ficado satisfeito; foi Simeão Machado que logo se afastou com sua gente para operar sozinho foi os federalistas que tinham forças do outro lado do rio Passo Fundo, tanto que se dissolveram e tornaram a se reunir na entrada de Portinho pela Lagoa Vermelha e tudo isso me fiz de desentido [SIC] para não trazer discórdia. Logo que me retirei de Passo Fundo tive uma proposta em nome do governo, de 400 contos de réis para me retirar de revolução, porém não podia aceitar, pois não queria deixar um nome infeliz para os meus filhos, vendendo os companheiros. Depois da revolução o Partido Libertador sem distinção, tantos federalistas e dissidentes me elegeram presidente do diretório. Desiludido da revolução e sem uma queixa, aceitava e sempre desconfiando, de forma que não queria dizer-lhes a causa de minha recusa, em Passo Fundo tive uma proposta, um senhor em qualquer ponto da linha da estrada de ferro, um vagão de armamento e munições que estava na estação, mas para isso precisava 5 contos de réis na entrega do carro. Levando ao conhecimento dos companheiros em Passo Fundo, ninguém quis, visto ser um compromisso. Nesta ocasião esperei na fazenda dos 4 irmãos a decisão de negócio, o intermediário dessa transação era um oficial do Exército. Durante a revolução ninguém me alcançou recurso algum, nem roupa nem dinheiro. Logo que entrou Portinho recebeu de Passo Fundo dinheiro. Graças a diplomacia de Assis Brasil que evitou uma derrota campal de revolução, só não obtive uma garantia para os revolucionários. Portinho agredido em Santa Barbara teve que sair pelos fundos de um Hotel, Honório Lemos desfeiteado em Cacequi, Zeca Neto na fronteira e eu em Carazinho agradeço na Rua A 2 provisórios [SIC], morto um o outro fugiu e o resultado foi me custar 5 meses de prisão, recolhido ao estado maior do 8° Regimento do Exército Nacional[29]. Solto vim para Carazinho para tratar de meus afazeres recebo um recado avisando-me que do Sarandi vinha uma força e que eu devia me ocultar, evitando qualquer descato[SIC]. Um chimango

(29) Refere-se ao 8° Regimento de Infantaria, então sediado em Passo Fundo.

mandou-me oferecer sua casa como garantia, respondi que estava em minha casa, não saía e que era ototicário[SIC] disse-disse. Os nosso companheiros muitos foram presos. O Cel. Salustiano de Pádua[30] teve que sair pelos fundos da casa, tomou a estrada de Nonoai, onde tinha uma força do Exército. Muitos dos nossos foram mortos por usarem lenços encarnados. Os 200 homens que vieram de Santa Barbara só deixaram Carazinho depois de muita perseguição e assim fomos.até a eleição onde foi eleito o Dr. Getúlio Vargas para Presidente do Estado. Deu a liberdade e garantia para os Libertadores, acabou com os revolucionários de Tapir[31], eram libertadores corridos serra do Sarandi, que eram mortos e roubados de seus haveres por grupos de provisórios que obedeciam ordens do Dr. Vergueiro[32]. Na colônia do Sarandi nunca houve revolução depois da paz, é que Vergueiro inventou os revolucionários nessa colônia, aproveitando para tirar da serra os brasileiros que estavam aí e poder vender as terras para os italianos, tudo em combinação com um grupo e um padre salafrário colonizador.

Copiado do original de João Rodrigues Menna Barreto, cujo registro fora feito em livro destinado a requisições em Nonoai e datado de 29 de setembro de 1923.

[notas do Dr. Coralio Bragança Pardo Cabeda]

(30) Chefe federalista de Carazinho. Junto com o Deputado Arthur Caetano telegrafou ao Presidente da República, declarando-se em estado de rebelião contra o governo de Borges de Medeiros (24/01/1923).

(31) Localidade do município de Erechim, onde, na década de 20, caboclos desapossados de suas terras organizaram forte núcleo de resistência aos agentes do governo estadual.

(32) Dr. Nicolau de Araújo Vergueiro. Chefe republicano de Passo Fundo, deputado à Assembléia dos Representantes de 1909 a 1928 e Deputado Federal em 1930.

FUNDO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO

AVSL-4 /0245

São João del Rei, 20 de março de 1832.

Il^mo^ e Exmo Sr. Visconde

Dirigi a V. Exª uma carta minha para o **Rio de Janeiro** em dezembro próximo pretérito, por me constar que a esse tempo se achava na Corte. Nela procurava renovar nossos antigos enlaces, despertando memórias saudosas da mocidade, e dava-lhe parte da minha agitada vida, que me trouxe ao **Brasil** e a esta Província de **Minas**. Presumo que a minha carta não chegou às mãos de V. Exª, por que o sujeito, a quem a enviei para lha entregar em mão própria, só agora passados três meses é que me participa não havê-la entregado, por haver V. Exª voltado para essa Cidade de **Porto Alegre**. Nestes termos repetirei o que em dezembro lhe escrevi. Acho-me no **Brasil** há dois anos e meio e nesta província há dois anos, para onde vim do **Rio de Janeiro** não sei por que fatalidade. Chegando a Capital do Império, tencionei assentar lá moradia, uma vez que o clima me não maltratasse, e ali pudesse encontrar meios de subsistência independente, vivendo da minha indústria literária e, ainda mesmo, eclesiástica. Porque o clima do **Rio de Janeiro** começava a ser-me adverso, mas não a fortuna, resolvi-me findos seis meses a deixar a morada da Corte, e a passar-me para esta Província do **Rio Grande do Sul**, pelas excelentes informações que a todos os respeitos dela tinha. Quando me dispunha a seguir esta feliz inspiração, apareceu-me um bem conhecido Mineiro, oferecendo-me 800$ réis na moeda do país das **Minas**, de gratificação anual, para vir abrir um Curso de Literatura nesta vila, segundo o plano que me propunha seguir no **Rio de Janeiro**, o qual havia feito publicar na Aurora[33] n° 287; a lisonjeira pintura, que diferentes pessoas me fizeram desta província em geral, e particularmente desta vila, a vir para aqui nessa mesma ocasião um português, como eu, emigrado e da minha tal ou qual relação, resolveram-me (hoje conheço) bem inconsideradamente a deixar o projeto de ir para o **Rio Grande**, abraçando o de vir para esta vila. Não foram precisos muitos meses decorridos para que conhecesse o errado passo que havia dado; podendo dizer em suma a V. Exª que encontrei mentirosas a maior parte das informações, que me haviam dado no **Rio de Janeiro**; começaram então os meus desgostos e bem [1v.] fundadas razões de arrependimento os quais se aumentaram fortemente depois das ocorrências de abril do ano passado, e mais que tudo depois que o partido da demagogia pura tomou nas mãos

(33) Grifo no original. (N.P.)

as rédeas do poder. Acresceu o vir encontrar uma mocidade, e em geral, uma gente inimiga de tudo quanto é pura e sólida instrução e por extremo, vaidosa, no meio da sua mesma ignorância; apesar de todos os esforços que tenho feito por inspirar-lhe amor ao bom saber, escrevendo até compêndios, os mais luminosos, e regulados pelo bom gosto para seu uso; apesar dos serviços que tenho feito a toda a província, compondo e oferecendo ao Conselho Geral da mesma um Projeto dos Estatutos para a instrução literária elementar da sua juventude, o qual foi completamente aprovado e adotado pelo conselho, fazendo-me essa participação em um muito honroso ofício, que conservo em meu poder; nada nada disto tem sido bastante para estimular esta gente, a que marche pela estrada do bom saber, e muito menos para acimar os demagogos exagerados, que em mim contemplam um tácito censor dos seus desvarios políticos. Cansado, pois, de lutar contra a ignorância e maldade de mão dadas, voltei de novo os olhos para a Província do **Rio Grande do Sul**, até ao presente não contaminada pela peste demagógica pura, e estou firmemente deliberado a ir lançar-me nos braços dos sensatos habitantes dessa província, nada mais desejando encontrar nela senão uma fatia de pão, adquirida pelos meus trabalhos na educação literária da mocidade; como porém para isto seja necessário que alguém me abra as portas dessa província, a fim de não me assentar como simples aventureiro; rogo a V. Ex[a] pela nossa antiga amizade queira servir-me de introdutor, trabalhando antecipadamente por inculcar-me aos pais de família e segurando-me que poderei encontrar, por exemplo nessa cidade, um número de alunos, que me dêem pela sua educação o suficiente para minha honesta subsistência. Proponho-me a ensinar-lhes a Gramática Portuguesa, Latina e Francesa, Filosofia, Eloqüência, Geografia, História e Matemáticas elementares, visto pelos métodos mais adaptados às luzes do século e em conformidade às máximas fundamentais do sistema político abraçado no **Brasil**. Conto tão firmemente com os bons ofícios de V. Ex[a] para a verificação deste novo projeto, que quase não hesito em começar a dispor-me para a [2r.] minha nova viagem por estes dois ou três meses, tempo que julgo suficiente para de V. Ex[a] receber aqui muito suspirada favorável resposta. Se o nome de amizade[34] não é um nome inteiramente destituído de sentido no **Brasil**, acho que assim devo esperar de V. Ex[a], que esquecendo-se por um pouco dos seus novos muito honrosos títulos, se lembrará dos bons dias em que convivemos e nos tratamos em **Coimbra**, em que nos prometemos permanentes enlaces do coração, que nem o tempo, nem a distância teria poder de quebrar; renovados depois, posto que rapidamente, em **Lisboa** em princípios do ano de 1823. Depois de longos anos de vida claustral, acho-me presentemente eclesiástico secular, emigrado no **Brasil** por causa de opiniões políticas, como tantos e tantos, que escapados aos ferros da tirania que está esmagando o infeliz **Portugal**, andamos vageando [sic] sem pátria, sem parentes, sem comodidades, sem outros bens que não sejam os da nossa própria indústria, por cima de quase toda a superfície do globo. Eu, e outros tais como eu, devemos pois despertar a comiseração de todos os corações sensíveis, para que nos acolham em a nossa desgraça, maiormente quando o que somente requerem é recomendação e apoio. Fico ansioso à espera da resposta de V. Ex[a], assim como da que conto igualmente receber do ouvidor dessa

(34) Grifo no original. (N.P.)

cidade, ao qual escrevo sobre o mesmo objeto; não por desconfiar que V. Exª fará pouco caso da minha carta, mas pela possibilidade de que esta se extravie por qualquer acidente.

Sou ainda agora, como sempre o fui desde a nossa mocidade,

De V. Exª, Amigo o mais puro, constante e obrigado.

(a) **Francisco Freire de Carvalho.**

[à margem folha 1r.] – Recebida a 24 de abril de 1832. Respondida a 25 de abril de 1832.

Ilmo e Exmo Sr. Visconde

São João del Rei, 30 de agosto de 1832.

Acabo de receber a carta de V Exª em resposta à minha de 19 de dezembro do ano passado, tenho recebido haverá dois meses outra sua carta em resposta a que lhe havia escrito em 20 de março do corrente ano. Trouxeram-me estas duas cartas, de V Exª boas novas de um amigo da minha mocidade, com o que muito se alegrou o meu coração; e tem sido elas um bálsamo salutífero, que adoçou sequer por momentos as feridas que a desventura abriu, e que tarde, ou talvez nunca verei cicatrizadas. Até que chegassem as respostas de V Exª vivi na incerteza se a mudança da fortuna, e de títulos, haveriam alterado aqueles nobres e honrados sentimentos, que sempre descobri na sua alma; elas porém vieram certificar-me que o homem verdadeiramente sensato, ilustrado e bom, é inacessível aos sentimentos de orgulho e de fatuidade, que tão facilmente prendem, e lançam fundas raízes em almas de baixo quilate, sim Senhores, as duas cartas de V. Exª convenceram-me de que a alma do meu antigo amigo **José Feliciano Fernandes Pinheiro** é a mesma que pensa, e sente no Exmo Sr. **Visconde de São Leopoldo**. V Exª sabe muito bem o que são os homens nas diferentes fases da sua existência social; por isso não se deve admirar, e menos estranhar, que eu vacilasse incerto acerca da [rasgado], enquanto não chegavam as respostas às minhas cartas. – Passando agora a falar unicamente de mim: direi a V. Exª que estou na firme resolução de ir assentar morada nessa província, ainda neste ano, caso antes me não cheguem da **Europa** notícias, que me dêem bem fundadas esperanças de poder voltar para a minha cara pátria, salva dos horrores que a tem oprimido e que me forçaram a abandoná-la; estas notícias, ou prósperas, [1v.] ou desgraçadas, devem estar mui próximas, e eu conto recebê-las, o mais tardar, até fins do próximo mês de setembro, elas vem fazer uma crise notabilíssima na série dos meus dias. Por enquanto, se forem faustas, decidir-me hão a conservar-me neste País, em que estou habitando vai em três anos, até a primavera do ano que vem, tempo em que moverei meus passos em direção a **Portugal**; se porém aquelas notícias forem desgraçadas, ainda no presente ano deixarei esta província e irei lançar-me nos braços dos habitantes do **Rio Grande do Sul**; aonde fixarei morada, e aonde oxalá que vá encontrar meios de honrada subsistência vivendo do meu trabalho. Como sou homem despido de apetites e por hábito contraído pela desgraça afeito a acomodar-me com o simplesmente necessário para viver, não precisarei de fazer grandes interesses para subsistir independente, e aliás, todas as informações que dessa província tenho recebido direta e indiretamente, concordam no asseverar-me que como homem de letras, e mais que tudo como eclesiástico, poderei ganhar o pão cotidiano suficien-

te para viver na indepen[dênci]a; o que mais imperiosamente po[rque] me deliberou a dar a preferência a essa província, foi a informação, também concordo, de ser ela a que apresenta maior número de elementos de ordem social e por conseqüência de tranqüilidade, bem para mim de primeiro e inapreciável [valor] [dei]xarei sem a mais leve saudade esta Província das **Minas**, acerca da qual tão erradamente se ajuíza ao longe e aonde se me tem faltado a tudo quanto me foi prometido, não obstante os bens que lhe tenho feito e que ela por malignidade cala. Ignoro se as outras províncias do Império estão ou não adiantadas em cultura intelectual e se fazem apreço ou não de quem pode comunicar-lhe este bem; o que sei da Província de **Minas** é que nela reina a mais crassa ignorância a par de uma [2r.] presunção de saber pasmosa; e por conseqüência que há nela um vício radical na oposição direta com a boa instrução e com todos quantos se propuseram a comunicar-lha. Se chegarmos a ver-nos, V. Ex[a] saberá e lerá quanto tenho trabalhado em prol desta província, lerá, além de outros escritos de que não me envergonho de ser autor, um Compêndio da Eloqüência e Prédica, que aqui compus e ditei aos poucos que quiseram saber o que é vergonha se ignore, maiormente em um País Constitucional; lerá um Projeto de Estatutos para a instrução literária elementar, que o Conselho Geral desta província me insinuou lhe escrevesse, que eu fiz em dez ou doze dias (por não se me não dar tempo para mais, que ele aprovou e adotou, e que agora consente se faça público pela imprensa sem nome do Autor, não tendo eu recebido em recompensa do meu trabalho mais do que um simples ofício de agradecimentos; o mais é meu bom Amigo, que esse mesmo honorário, que se me prometeu e que eu tão honradamente tenho merecido, há toda razão para desconf[iar] me será negado, e talvez ainda mais do que isso, o que por agora calo e que [V.] Ex[a] a seu tempo saberá. Em uma palavra o Céu me depara uma província menos imoral e menos inimiga da sã literatura. – O mesmo Céu continue a V[s] Ex[as] dias de paz, e de bem aventurança no centro dos seus Elíseos, em companhia de sua terna Esposa e de seus caros Filhos e dos seus bons Amigos e a mim dê a satisfação de ir aumentar o número destes, caso me fiquem cerradas para sempre as portas da saudosa Pátria. No entanto, em quaisquer circunstâncias de lugar, e de tempo, eu me gloriarei de assinar-me

De V. Ex[a], antigo Amigo e o mais apaixonado.

(a)**Francisco Freire de Carvalho.**

AVSL-4/0250

Il[mo] e Ex[mo] Sr.

Se V. Ex[a] não estivesse, por suas luzes muito superiores, acima das classes dos que tudo fazem consistir em formalidades e etiquetas, deveria muito estranhar, que um estrangeiro sem importância e consideração alguma, se atrevesse abrir uma correspondência contra os usos recebidos, não sendo para isso autorizado por algumas precedentes relações; mas como eu considero a V. Ex[a] em grande distância dessas classes, não duvido fazê-lo e espero mesmo com grande confiança, que esta não será recebida de mau grado, atentos os motivos e objetivos dela.

Arrojado até as praias brasileiras, pela tirania, que oprime a minha Pátria, o acaso fez, que eu fosse convidado, para redigir aqui uma folha periódica, no sentido industrial (O Propagador da Indústria Rio-Grandense) e as minhas circunstâncias fizeram que acudisse àquele convite, apesar de não ter o talento, luzes e

materiais, previamente preparados, que exige uma tal empresa, para ser dignamente desempenhada; e sobretudo [1v.] faltando-me os conhecimentos práticos do País, que são indispensáveis, para escrever com certeza e utilidade.

Desistindo assim de tudo o que é necessário ao escritor público, a exceção de vivos desejos de ser útil; sou forçado a recorrer às pessoas ilustradas da província, em cujo número e com grande distinção, conto em primeiro lugar a V. Exª desde muito tempo, informado pela leitura das suas interessantes e estimáveis obras, e pela opinião pública dos brasileiros e estrangeiros instruídos, que lhe fazem justiça. É pois animado por estes tão justos motivos, que ouso rogar a V. Exª, tenha a bondade de dedicar alguns dos seus preciosos momentos, para me comunicar as suas idéias sobre os abusos, que se opõem aos progressos da indústria; sobre os melhoramentos, que se podem tentar; e as medidas legislativas e administrativas, que convirá lembrar, próprias para aplanar a vereda industrial, em que esta excelente província tem entrado, com tão pronunciado espírito de [2r.] atividade e de trabalho. Eu sei que alguns dos membros da administração e das câmaras legislativas desejam, que se lhes indique o que a utilidade e necessidade da província reclamam e a sociedade, de que sou órgão, tem os mesmos desejos, que eu também partilho; mas não posso desempenhar tão útil tarefa, sem o auxílio das pessoas conhecedoras do País, e ricas de maior cabedal dos conhecimentos necessários; e muito particularmente sem as comunicações de V. Exª.

Espero portanto que V. Exª se prestará a uma tão justa solicitação, que é só motivada pelo interesse, que tomo por esta terra hospitaleira e credora de todos os votos dos homens de bem, e desprevenidos. Desculpe V. Exª este meu desembaraço, que além dos motivos ponderados, foi também excitado pela alta opinião e conceito, que tenho formado do caráter e sentimentos de V. Exª, e aceite os protestos da respeitosa estima e consideração, com que sou

De V. Exª, respeitador e Criado muito atento

Rio Grande, 2 de abril de 1833.

(a)**José Marcellino da Rocha Cabral**.

AVSL-4/0253

Ilmo e Exmo Sr. **Visconde de São Leopoldo**.

Meu respeitável Amigo e Sr. da minha maior consideração.

Extremamente obrigado a V. Exª pela bondade, atenção e obséquio com que me tem tratado, e sabendo apreciar a importância de suas tão úteis e honrosas relações, quando voltei dessa capital quis logo escrever a V. Exª, como era meu dever, particularmente para lhe oferecer nesta vila minha nulidade e repetir as minhas solicitações do poderoso auxílio de seus grandes meios literários e científicos, na árdua comissão, de que inconsideravelmente me encarreguei, porém a urgente necessidade de adiantar um trabalho em que está comprometido o meu dever e opinião, e outros graves objetos, que me não deixaram um momento livre, também me não permitiram cumprir este grato dever; e apenas me é dado fazê-lo agora por estar mais desembaraçado de tais ocupações.

Participo pois a V. Exª, que cheguei, e tenho continuado aqui sem mais incômodo do que o sofrimento de uma saúde valetudinária, e de um físico arruinado pelos trabalhos de uma dilatada perseguição e por tantas outras causas físicas e

morais. Enquanto ao andamento da minha comissão depois do trabalho preparatório, que já efetuei, da remessa das muitas circulares, nada mais tenho por ora a fazer, não me sendo ainda remetidos os [1v.] documentos, que pedi dos arquivos, nem os esclarecimentos e dados, que exigi das autoridades. Para utilizar este intervalo, resolvo-me a fazer uma digressão pela campanha, não com o intuito de recolher dados importantes na parte natural da ciência, para o que nem tenho tempo, nem estou habilitado com os meios intelectuais e materiais; mas acreditando, que a empresa ganhará em exatidão, na parte política, com esta visita às principais povoações, e pontos do território, verificando eu sobre os lugares o grau de exatidão com que são satisfeitas as minhas exigências; e na parte geográfica, tendo uma idéia própria, ainda que geral, do aspecto do país, e da natureza do solo, que me facilite a inteligência do que se tem escrito e me for comunicado. Muito me lisonjearei de que V. Exª aprove as minhas vistas, e meios de execução, e serei extremamente grato por qualquer insinuação, que tiver a bondade de me dirigir. Na organização e disposição dos resultados, hei de mais particularmente consultar a sabedoria de V. Exª, contando com um poderoso auxílio de luzes, e dados positivos, para que a empresa possa ter alguma perfeição e utilidade. Por agora limito-me a pedir-lhe, como a quem tem cultivado com tanta assiduidade e sucesso este vasto campo [2r.] literário, a designação das obras, ou documentos, onde poderei descobrir alguns dados da História política, militar ou natural e também da Geografia e Corografia da província, etc. além das que são indicadas no sábio Anais, que V. Exª publicou. Perdoe V. Exª o abuso que tenho feito da sua bondade com tanta importância, e a irregularidade de escrever por mão estranha; irregularidade que terá mais vezes lugar, não por falta de respeito a V. Exª, mas porque devo evitar o dano que me provém de escrever por minha mão e porque confio muito em sua benevolência. Reitero os protestos da respeitosa estima, e consideração, com que Sou

De V. Exª Amigo respeitador , Criado obrigado

Rio Grande, 5 de março de 1834.

(a)**José Marcellino da Rocha Cabral.**

[à margem folha 1r.] Recebida a 14 de março. Respondida em 30 de março.

Ilmo e Exmo Sr. **Visconde de São Leopoldo.**

Meu respeitável Amigo e Sr.

Recebi não só com particular e distinta estima, mas também com veneração e reconhecimento a carta com que V. Exª me honrou em data de 12 do corrente; e vivamente agradeço as lisonjeiras expressões com que quis distinguir uma insignificante produção, que se tem algum mérito, é só o da franqueza, boa fé e verdade com que foi escrita. V. Exª como conhecedor refletido da natureza humana, por certo quis animar com sua aprovação e excitações, as minhas débeis forças para, se elevarem, ou ao menos se aproximarem à altura do objeto, de que temerariamente me encarreguei; e se obstáculos independentes da minha vontade, e mesmo da minha insuficiência, se não opusessem, eu faria esforços por chegar ao porto a que benignamente procura conduzir-me.

Não foram os sortilégios da pequenez do espírito e da inveja, que conseguirão separar-me da empresa começada, mas é [1v.] o hábito da inércia e indiferença pelas causas públicas, e a podridão do nexo entre a autoridade e os súditos, se não

a ignorância quase geral das necessidades sociais, que me fazem parar na carreira que de tão bom grado e com tantas esperanças comecei. Um ofício que dirigi à presidência sobre este assunto, o qual publiquei pela imprensa e de que dirigi a V. Exª um exemplar, já o terá informado dos motivos que tive para assim obrar, e muito me lisonjearei de que a minha conduta seja aprovada por V. Exª, e eu desonerado, no seu respeitável juízo, da responsabilidade, que aliás sobre mim deveria pesar. Devo todavia declarar a V. Exª, que se a Legislatura Provincial tomar deliberação eficaz para obrigar as autoridades locais à pronta comunicação dos esclarecimentos, eu não recusarei aceder às instâncias que de novo me faz o Exmo Presidente [2r.] da Província, para que continue a encarregar-me da comissão.

Peço a V. Exª desculpa pela demora na remessa dos impressos que teve a bondade de me confiar e achando-me de partida para fora desta vila por algumas semanas, para restabelecer minha saúde, deixo encomendada a sua remessa na primeira ocasião oportuna.

Termino esta assegurando a V. Exª, que sinto seus padecimentos e mau estado de sua importante saúde; que desejo vivamente o seu pronto restabelecimento; e ocasiões de pôr em prova a consideração, a respeitosa estima e gratidão que sou

De V. Exª Amigo respeitador e Criado obrigado.

Rio Grande, 23 de dezembro de 1834.

(a) **José Marcellino da Rocha Cabral.**

Fundo Visconde de São Leopoldo
Doc. Nº 257
Visconde de Goiana (Bernardo José da Gama)
Rio de Janeiro 1834

[1r.]

Ilmº e Exmº Sr. **Visconde de S. Leopoldo.**

Eu faltaria aos meus primeiros deveres se, tendo agora um tão seguro portador, não me lembrasse de cumprimentar a V.Exa. e de repetir-lhe todas as minhas asseguranças [**sic**] de respeito e amizade, pois que, desde a nossa Assembléia Constituinte o tenho contemplado com mui especial consideração e afeto.

Agora que me acho forçado a assistir a esta Legislatura (que melhor diria – a esta sessão–) recordo-me dos homens sãos e amigos de seu país, quando se apresentavam ingênuos naquela primeira representação nacional. Tudo hoje é mudado de aspecto, e tudo hoje se apresenta como uma sombra das fervorosas esperanças daquilo, de que eram então guiados. Naquele tempo tratávamos de reunir as nossas províncias num só corpo, que se tornasse mais forte, e hoje trata-se de o dilacerar em francos retalhos. Ora, diga-me meu colega, se as Resoluções dos

(35) Pontilhado no original

(36) **Bernardo José da Gama, 2º Visconde de Goiana**, nasceu em **Recife** em 1782 e faleceu em 3 de agosto de 1854. Formado na Universidade de **Coimbra** em 1805, veio com a família real portuguesa para o **Brasil**, onde serviu à magistratura. Integrou a Assembléia Constituinte, foi ministro sob o 1º reinado e presidente da província do **Pará**.

Conselhos Provinciais fossem prontamente decididas pela Assembléia da Corte; se as nomeações das Autoridades, enviadas a cada uma delas, fossem adaptadas às necessidades dos povos; se as mais emanações da Corte fossem ajustadas às utilidades gerais; se desta Corte, enfim, não rebentassem insinuações, e mesmo lições diretas [1v.] para se fazerem revoluções nas Províncias, diga-me, haveria agora nelas a lembrança de quererem destacar-se? Não de certo. Os abusos reiterados e sucessivos na Corte que têm justificado a tafularia espanhola, para não dizer que têm reclamado a involuntária quebra de integridade do Império...Em que campo vasto vim tocar!!! Não digo mais porque seria preciso dizer muito.

Ninguém o previu melhor do que V.Exa. quando se desviou totalmente da carreira pública. Eu tive a mesma fortuna de igual previdência, só com uma diferença, que é a de precisão do serviço, para poder subsistir, visto ter caído no despropósito de ter consumido toda a minha fortuna, assim como os meus irmãos, na grande cauda da Independência, pois que certamente nunca esperamos que nos fosse tão ruinosa, tão funesta! Muito maravilhosos são os nossos planos coloridos, principalmente quando nos inflamamos no amor da pátria! O público de ordinário não agradece ao rasgo patriótico, e se a isto acresce a escondida e insaciável emulação, completa-se, sem sentir, uma involuntária isolação [**sic**] ou retiro no seio mesmo dos intitulados amigos da moda. V.Exa. conhece estas verdades, melhor que eu, que apenas conheço quanto V.Exa. as terá penetrado ...[2r.] ...[35] aí torno a cair sem querer em outra matéria vasta e bem imprópria da saudação e dos cumprimentos a que me dirigia.

O portador desta é meu sobrinho: é filho de um de meus irmãos, também arruinado desde a nossa laboriosa Independência. Como a nossa pátria não oferece mais do que quadros melancólicos, ele se destina a viver nesse país, e dar-se-á por feliz se V.Exa. se dignar de o ajudar no que for compatível com as suas circunstâncias; ele vai certo de que, sendo V.Exa. adornado de muitas qualidades filantrópicas, talvez não duvide ser-lhe útil, e quando o não possa ser, cuido que também não será molestado por importunações indiscretas, visto que ele não aspira a mais do que aquela proteção que lhe puder prestar em termos hábeis.

Eu para pouco presto; mas para o em que o possa servir nesta Corte, pose desde já contar com a minha boa vontade, pois que sempre fui e serei

De, V.Exa.
o Amigo sincero e afetuoso criado
(a) **Visconde de Goiana**[36]

Rio, 15 de junho de 1834.
[à margem, fl. 1r., com letra do **Visconde de São Leopoldo**]
Respondida a 26 de Julho de 1834.

[2v.] [com letra do **Visconde de São Leopoldo**]

No *Diário Comercial* de 23 de Junho de 1834 vêm anunciadas 1° a Aposentadoria aprovada do **V. de Goiana**, em Sessão de 21 de Junho da Câmara dos Deputados; 2° a absolvição pelo Conselho Supremo – Justiça – Desembargadores suspensos pela prisão de **Bento Vahia** [**sic**], em Sessão de 20 do mesmo mês de Junho.

O presente documento, em provável cópia do século passado, está inscrito na documentação geral do IHGRGS sob a cota: Lata 14 N° 30. Ao final da transcrição produziu-se um gráfico baseado em documentação depositada no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, segundo o recenseamento de 1797.

[Capa]

Ensaios

Quadro das Propriedades Territoriais de particulares, na Província de **S. Pedro do Rio Grande do Sul**, com designação de Freguesias, Sesmarias, Datas de Terra e criação de Animais em 1797, extraídos dos Cadernos Registos **[sic]** do Arquivo da Tesouraria Geral.

[fl. 1r.]

Freguesia de Porto Alegre	Reses de criar	Bois mansos, Novilhos e Tourada	Cavalos mansos, Redomões e Potros	Éguas	Mulas	Burros	Burras	Ovelhas	Cabras
Sesmarias de Campos 12	1.806	138	102	130				8	
Datas de Terrenos 180	4.999	913	492	1433					
Total dos Animais	6.805	1.051	594	1.563				8	
Freguesia de São Pedro do Rio Grande	Reses de criar	Bois mansos, Novilhos e Tourada	Cavalos mansos, Redomões e Potros	Éguas	Mulas	Burros	Burras	Ovelhas	Cabras
Sesmarias de Campos 23	15.749		3.994						
Datas de Terrenos 117	5.565		2.380						
Total dos Animais	21.314		6.374						
Distrito de Serro Pelado	Reses de criar	Bois mansos, Novilhos e Tourada	Cavalos mansos, Redomões e Potros	Éguas	Mulas	Burros	Burras	Ovelhas	Cabras
Sesmarias de Campos 27	21.189	470	1.828	7.404	425	189	563	1350	
Datas de Terrenos 10	8000	126	545	2749	52	6	20	1300	
Total dos Animais	29189	596	2374	10153	478	195	583	2650	

[fl. 1v.]

Freguesia de N. Sra. da Conceição do Estreito. Distrito de R. Grande	Reses de criar	Bois mansos, Novilhos e Tourada	Cavalos mansos, Redomões e Potros	Éguas	Mulas	Burros	Burras	Ovelhas	Cabras
Sesmarias de Campos 14	7200	472	491	1228	28	20	34		
Datas de Terrenos 87	9172	1070	1071	2069					
Total dos Animais	16372	1542	1562	3297	28	20	34		
Freguesia de N. Sra. dos Anjos	Reses de criar	Bois mansos, Novilhos e Tourada	Cavalos mansos, Redomões e Potros	Éguas	Mulas	Burros	Burras	Ovelhas	Cabras
Sesmarias de Campos 41	11928	685	1593	3307	422	34	55	4200	
Chácaras e Datas 66	1891	349	386		9				
Total dos Animais	13819	1034	1979	3307	431	34	55	4200	
Freguesia do Senhor Bom Jesus do Triunfo	Reses de criar	Bois mansos, Novilhos e Tourada	Cavalos mansos, Redomões e Potros	Éguas	Mulas	Burros	Burras	Ovelhas	Cabras
Sesmarias de Campos 76	40447	3289	16718		705	387	300	1628	
Datas 2	300		20					100	
Total dos Animais	40747	3289	16738		705	387	300	1728	

[fl. 2r.]

Freguesia de N.Sra. do Rosário do Rio Pardo	Reses de criar	Bois mansos, Novilhos e Tourada	Cavalos mansos, Redomões e Potros	Éguas	Mulas	Burros	Burras	Ovelhas	Cabras
Sesmarias de Campos 60	21360	433	2449	8154	152	92	73		
Terrenos e Chácaras 79	2428	368	463	478					
Total dos Animais	23788	801	2912	8632	152	92	73		
Distrito do Caí	Reses de criar	Bois mansos, Novilhos e Tourada	Cavalos mansos, Redomões e Potros	Éguas	Mulas	Burros	Burras	Ovelhas	Cabras
Sesmarias de Campos 89	51854	874	3739	13947	1161	934	162	7696	58
Datas de Terrenos e Chácaras 43	3171	178	694	1382	44	47		270	
Total dos Animais	55025	1052	4433	15329	1205	981	162	7966	58
Distritos de Santo Amaro e Taquari	Reses de criar	Bois mansos, Novilhos e Tourada	Cavalos mansos, Redomões e Potros	Éguas	Mulas	Burros	Burras	Ovelhas	Cabras
Sesmarias de Campos 40	22322	206	1796	14219	776	224	430		
Datas de Terrenos 61	4332	289	557	1643	6	8			
Total dos	26654	495	2353	15862	782	232	430		
Animais									

[fl. 2v.]

Distritos de S. Antônio da Patrulha e N. Sa. da Conceição do Arroio	Reses de criar	Bois mansos, Novilhos e Tourada	Cavalos mansos, Redomões e Potros	Éguas	Mulas	Burros	Burras	Ovelhas	Cabras
Sesmarias de Campos 27	23594	629	1265	4803	159	135	266	520	
Datas de Terrenos72	2394	386	306	592	30				
Total dos Animais	25988	1015	1571	5395	189	135	266	520	
Freguesia de N. Sra. da Conceição da Cachoeira	Reses de criar	Bois mansos, Novilhos e Tourada	Cavalos mansos, Redomões e Potros	Éguas	Mulas	Burros	Burras	Ovelhas	Cabras
Sesmarias de Campos 76	43294	442	2697	18001	1312	429	398		
Chácaras 5	80	8	16	35					
Total dos Animais	43374	450	2713	18036	1312	429	398		
Distritos da Freguesia da Conceição do Arroio	Reses de criar	Bois mansos, Novilhos e Tourada	Cavalos mansos, Redomões e Potros	Éguas	Mulas	Burros	Burras	Ovelhas	Cabras
Sesmarias de Campos 15	18840	344	1136	2742	138	76	152	403	
Datas de Terrenos 21	844	76	67	136					
Total dos	19684	420	1203	2878	138	76			
Animais									

[fl. 3r.]

Freguesia de N. Sra. da Conceição do Estreito	Reses de criar	Bois mansos, Novilhos e Tourada	Cavalos mansos, Redomões e Potros	Éguas	Mulas	Burros	Burras	Ovelhas	Cabras
Sesmarias de Campos 14	10928	612	647	1597	49	22			
Datas de Terrenos 62	6334	701	696	1697	3	7			
Terrenos e Campos que vizinham englobados 37	12919	1109	1158	2657	29				
Total dos Animais	30181	2422	2501	5951	81	48	73		
Freguesia de S. Luiz de Mostardas	Reses de criar	Bois mansos, Novilhos e Tourada	Cavalos mansos, Redomões e Potros	Éguas	Mulas	Burros	Burras	Ovelhas	Cabras
Sesmarias de Campos 31	29318	1007	1042	2741	12	34	87		
Datas de Terrenos 49	5710	557	371	878	3				
Total dos35028 Animais	1564	1413	3619	15	34	87			
Distrito do Povo Novo	Reses de criar	Bois mansos, Novilhos e Tourada	Cavalos mansos, Redomões e Potros	Éguas	Mulas	Burros	Burras	Ovelhas	Cabras
Sesmarias de Campos 1	400	50	20	100					
Datas de Terrenos 133	4605	929	742	2488					
Total dos Animais	5005	979	762	2588					

[fl. 3v.]

Freguesia de Santa Bárbara da Encruzilhada	Reses de criar	Bois mansos, Novilhos e Tourada	Cavalos mansos, Redomões e Potros	Éguas	Mulas	Burros	Burras	Ovelhas	Cabras
Sesmarias de Campos 47	63948	611	4456	24052	511	135	170		
Distritos da Freguesia de N. Sra. da Oliveira de Vacaria e de Cima da Serra	Reses de criar	Bois mansos, Novilhos e Tourada	Cavalos mansos, Redomões e Potros	Éguas	Mulas	Burros	Burras	Ovelhas	Cabras
Sesmarias de Campos 19	16493	129	1201	7091	194	152	229		

Resumo numérico dos Animais pertencentes aos Proprietários Territoriais, das Vilas e Freguesias notadas [sic] neste Quadro.

Reses de criar	473414
Bois mansos, Novilhos e Tourada	17450
Cavalos mansos, Redomões e Potros	55153
Éguas	127753
Mulas	6221
Burros	3250
Burras	3012
Ovelhas	17475
Cabras	58

[fl. 4r.]

Resumo das Propriedades Territoriais

Contava a Campanha naquele ano 612 Sesmarias, 987 Chácaras, ou Datas de Terra, e mais 37 Sesmarias e Datas que tinham englobadas.

	Animais
Contava a Campanha de Porto Alegre naquele tempo	10021
A da Freguesia do Rio Grande	27688
A do Distrito do Serro Pelado	46217
A da Freguesia da Conceição do Estreito.	22855
A da Freguesia de Nossa Senhora dos Anjos	24859
A da Freguesia do Triunfo	64194
A da Freguesia do Rio Pardo	36465
A do Distrito do Caí	86211
A dos Distritos de Santo Amaro e Taquari	46808
A dos Distritos de Santo Antônio da Patrulha e de Nossa Senhora da Conceição do Arroio	35079
A da Freguesia da Cachoeira	66712
A da Freguesia da Conceição do Arroio	24954
A do Distrito de Nossa Senhora da Conceição do Estreito	41257
A da Freguesia de Mostardas	41760
A do Distrito de Povo Novo	9334
A da Freguesia da Encruzilhada	93883
A dos Distritos das Freguesias da Vacaria e de Cima da Serra	25489
Total	703786

Excesso do número dos Animais (por castas) de cada Freguesia

O número de Reses de criar da Freguesia da Encruzilhada excedia ao do Distrito do Caí em 8923
O do Distrito do Caí excedia ao da Freguesia da Cachoeira em 11651
O da Freguesia da Cachoeira excedia ao da Freguesia do Triunfo em ... 2627

[fl. 4v.]

O da Freguesia do Triunfo excedia ao da Freguesia de Mostardas em .. 5719
O da Freguesia de Mostardas excedia ao da Freguesia da Conceição do Estreito em 4847
O da Freguesia da Conceição do Estreito excedia ao do Distrito do Serro Pelado em 992
O do Distrito do Serro Pelado excedia ao dos Distritos de Santo Amaro e Taquari em 2535
O dos Distritos de Santo Amaro e Taquari excedia ao dos Distritos de Santo Antônio e Conceição do Arroio em 666
O dos Distritos de Santo Antônio e Conceição do Arroio excedia ao da Freguesia do Rio Pardo em 2200

O da Freguesia do Rio Pardo excedia ao da Freguesia do Rio Grande em 2474
O da Freguesia do Rio Grande excedia ao da Freguesia da Conceição do Arroio em 1630
O da Freguesia da Conceição do Arroio excedia ao dos Distritos das Freguesias da Vacaria e de Cima da Serra em 3191
O dos Distritos das Freguesias da Vacaria e de Cima da Serra excedia ao do Distrito da Freguesia da Conceição do Estreito em 121
O do Distrito da Freguesia da Conceição do Estreito excedia ao da Freguesia de Nossa Senhora dos Anjos em 2553
O da Freguesia de Nossa Senhora dos Anjos excedia ao da Freguesia de Porto Alegre em 7014
O da Freguesia de Porto Alegre excedia ao do Distrito de Povo Novo em 1800

O número de Bois mansos, Novilhos e Tourada da Freguesia do Triunfo, excedia ao da Freguesia da Conceição do Estreito em 867
O da Freguesia da Conceição do Estreito, excedia ao da Freguesia de Mostardas em 858

[fl. 5r.]

O da Freguesia de Mostardas excedia ao da Freguesia do Estreito, Distrito do Rio Grande em 22
O da Freguesia do Estreito, Distrito do Rio Grande, excedia ao do Distrito do Caí em 490
O do Distrito do Caí, excedia ao da Freguesia de Porto Alegre em 1
O da Freguesia de Porto Alegre excedia ao da Freguesia de Nossa Senhora dos Anjos em 17
O da Freguesia de Nossa Senhora dos Anjos excedia ao dos Distritos de Santo Antônio e Conceição do Arroio em 19
O dos Distritos de Santo Antônio e Conceição do Arroio excedia ao do Distrito de Povo Novo em 36
O do Distrito de Povo Novo excedia ao da Freguesia do Rio Pardo em 178

O da Freguesia do Rio Pardo excedia ao da Freguesia da Encruzilhada em 190
O da Freguesia da Encruzilhada excedia ao do Distrito do Serro Pelado em 15
O do Distrito do Serro Pelado excedia ao dos Distritos de Santo Amaro e Taquari em 101
O dos Distritos de Santo Amaro e Taquari excedia ao da Freguesia da Cachoeira em 45
O da Freguesia da Cachoeira excedia ao da Freguesia da Conceição do Arroio em 30
O da Freguesia da Conceição do Arroio excedia aos dos Distritos da Vacaria e de Cima da Serra em 291

O número de Cavalos mansos, Redomões e Potros da Freguesia do Triunfo, excedia ao da Freguesia do Rio Grande em 10364
O da Freguesia do Rio Grande excedia ao da Freguesia da Encruzilhada em 1918
O da Freguesia da Encruzilhada excedia ao do Distrito do Caí em 23

[fl. 5v.]
A do Distrito do Caí excedia ao da Freguesia do Rio Pardo em 1521
O da Freguesia do Rio Pardo excedia ao da Freguesia da Cachoeira em 214
O da Freguesia da Cachoeira excedia ao da Freguesia da Conceição do Estreito em 212
O da Freguesia da Conceição do Estreito excedia ao do Distrito de Serro Pelado em 128
O do Distrito de Serro Pelado excedia ao dos Distritos de Santo Amaro e Taquari em 20
O dos Distritos de Santo Amaro e Taquari excedia ao da Freguesia de Nossa Senhora dos Anjos em 374
O da Freguesia de Nossa Senhora dos Anjos excedia ao dos Distritos de Santo Antônio e Conceição do Arroio em 408
O dos Distritos de Santo Antônio e Conceição do Arroio, excedia ao da Freguesia do Estreito, Distrito do Rio Grande, em 9
O da Freguesia do Estreito, Distrito do Rio Grande, excedia ao da Freguesia de Mostardas em 149
O da Freguesia de Mostardas, excedia ao da Freguesia da Conceição do Arroio em 210
O da Freguesia da Conceição do Arroio, excedia ao dos Distritos das Freguesias da Vacaria e de Cima da Serra em 2
O dos Distritos das Freguesias da Vacaria e de Cima da Serra, excedia ao do Distrito do Povo Novo em 439
O do Distrito do Povo Novo, excedia ao da Freguesia de Porto Alegre em 168

O número de Éguas da Freguesia da Encruzilhada, excedia ao da Freguesia da Cachoeira em 6061

[fl. 6r.]

O da Freguesia da Cachoeira, excedia ao dos Distritos de Santo Amaro e Taquari em 2174

O dos Distritos de Santo Amaro e Taquari, excedia ao do Distrito de Caí em ... 533

O do Distrito de Caí, excedia ao do Distrito do Serro Pelado em 5176

O do Distrito do Serro Pelado, excedia ao da Freguesia do Rio Pardo 1521

O da Freguesia do Rio Pardo, excedia ao dos Distritos das Freguesias da Vacaria e Cima da Serra em 1541

O dos Distritos das Freguesias da Vacaria e Cima da Serra, excedia ao da Freguesia da Conceição do Estreito em 1140

O Freguesia da Conceição do Estreito, excedia ao dos Distritos de Santo Antônio e Conceição do Arroio em 556

O dos Distritos de Santo Antônio e Conceição do Arroio, excedia ao da Freguesia de Mostardas em 1775

O da Freguesia de Mostardas, excedia ao da Freguesia de Nossa Senhora dos Anjos em 312

O da Freguesia de Nossa Senhora dos Anjos, excedia ao da Freguesia da Conceição do Estreito, Distrito do Rio Grande, em 10

O da Freguesia da Conceição do Estreito, Distrito do Rio Grande, excedia ao do Distrito da Freguesia da Conceição do Arroio em 419

O do Distrito da Freguesia da Conceição do Arroio, excedia ao do Distrito do Povo Novo em 290

O do Distrito do Povo Novo, excedia ao da Freguesia de Porto Alegre em 1025

O número de Mulas da Freguesia da Cachoeira, [fl. 6v.] excedia ao do Distrito do Caí em 107

O do Distrito do Caí, excedia ao dos Distritos de Santo Amaro e Taquari em 423

O dos Distritos de Santo Amaro e Taquari, excedia ao da Freguesia do Triunfo em 77

O da Freguesia do Triunfo, excedia ao da Freguesia da Encruzilhada em .. 194

O da Freguesia da Encruzilhada em, excedia ao do Distrito do Serro Pelado em 33

O do Distrito do Serro Pelado, excedia ao da Freguesia dos Anjos em 47

O da Freguesia dos Anjos excedia ao dos Distritos das Freguesias da Vacaria e de Cima da Serra em 237

O das Freguesias de Cima da Serra e da Vacaria, excedia ao dos Distritos de Santo Antônio e Conceição do Arroio em 7

O dos Distritos de Santo Antônio e Conceição do Arroio, excedia ao da Freguesia do Rio Pardo em 35

O da Freguesia do Rio Pardo, excedia ao da Freguesia da Conceição do Arroio em 14

O da Freguesia da Conceição do Arroio, excedia ao da Freguesia da Conceição do Estreito em 57

O da Freguesia da Conceição do Estreito, excedia ao da Freguesia da Conceição do Estreito, Distrito do Rio Grande, em 53
O da Freguesia da Conceição do Estreito, Distrito do Rio Grande, excedia ao da Freguesia de Mostardas em 13

O número de Burros do Distrito do Caí, excedia ao da Freguesia do Triunfo em 294
O da Freguesia do Triunfo, excedia ao da Freguesia da Cachoeira em 258
[fl. 7r.]
O da Freguesia da Cachoeira, excedia ao dos Distritos de Santo Amaro e Taquari em 197
O dos Distritos de Santo Amaro e Taquari, excedia ao do Distrito do Serro Pelado em 37
O do Distrito do Serro Pelado, excedia ao dos Distritos das Freguesias da Vacaria e de Cima da Serra em 43
O dos Distritos da Vacaria e de Cima da Serra, excedia ao da Freguesia da Encruzilhada em 17
O dos mesmos Distritos também, excedia ao do Distrito da Conceição do Arroio em 17
O da Freguesia da Encruzilhada e o da Conceição do Arroio ambos excediam ao da Freguesia do Rio Pardo em 43
O da Freguesia do Rio Pardo, excedia ao do Distrito da Freguesia da Conceição do Arroio (Distrito do Rio Grande) em 16
O da Freguesia da Conceição do Arroio ,Distrito do Rio Grande, excedia ao da Freguesia do Estreito em 28
O da Freguesia da Conceição, excedia ao da Freguesia de Mostardas em 14
O da Freguesia de Mostardas, excedia ao da Conceição do Estreito, Distrito do Rio Grande, em 14

O número de Burras do Distrito do Serro Pelado, excedia ao dos Distritos de Santo Amaro e Taquari em 153
O dos Distritos de Santo Amaro e Taquari, excedia ao da Freguesia da Cachoeira em 32
O da Freguesia da Cachoeira, excedia ao da Freguesia do Triunfo em 98

[fl. 7v.]
O da Freguesia do Triunfo, excedia ao dos Distritos de Santo Antônio e Conceição do Arroio em 34
O dos Distritos de Santo Antônio e Conceição do Arroio, excedia ao dos Distritos das Freguesias da Vacaria e de Cima da Serra em 37
O dos Distritos das Freguesias da Vacaria e de Cima da Serra, excedia ao da Freguesia da Encruzilhada em 59
O da Freguesia da Encruzilhada, excedia ao do Distrito do Caí em 8

O do Distrito do Caí, excedia ao da Freguesia da Conceição do Arroio em 10
O da Freguesia da Conceição do Arroio, excedia ao da Freguesia de Mostardas em. 65
O da Freguesia de Mostardas, excedia ao da Freguesia da Conceição do Estreito em 14
O da Freguesia da Conceição do Estreito, excedia ao da Freguesia dos Anjos em 18
O da Freguesia dos Anjos, excedia ao da Conceição do Estreito, Distrito do Rio Grande, em 21
O da Freguesia de Mostardas também, excedia ao do Distrito da Freguesia do Rio Pardo em 14
O da Freguesia do Rio Pardo também excedia ao da Freguesia dos Anjos em 18

O número de Ovelhas do Distrito do Caí, excedia ao da Freguesia dos Anjos em 3766
O da Freguesia dos Anjos, excedia ao do Distrito do Serro Pelado em 1550
O do Distrito do Serro Pelado, excedia ao da Freguesia do Triunfo em 922
[fl. 8r.]
O da Freguesia do Triunfo, excedia ao dos Distritos de Santo Antônio e Conceição do Arroio em 1208
O dos Distritos de Santo Antônio e Conceição do Arroio, excedia ao da Freguesia da Conceição do Arroio em 117
O do Distrito da Freguesia da Conceição do Arroio, excedia ao da Freguesia de Porto Alegre em 395

Cabras só haviam [**sic**] no Distrito do Caí e por isso não vão comparadas.

Por Cópia conforme
(a) **Patrício José da Silva**
Amanuense

Conferido
(a) **José Luís Teixeira Lima**

[Transcrição Miguel Duarte]

Índice das Revistas Nos 121 a 131

Títulos/Autor/Assunto

Org. Miguel Duarte

TÍTULO / ASSUNTO	AUTOR	ASSUNTO	Nº	ANO	PÁG.
ABOLIÇÃO		Vide: Dois Centenários: Falecimento de Dom Sebastião Dias Laranjeira e a Abolição			
ABOLIÇÃO		Vide: Emancipação Gradual no Processo da Abolição			
ABOLIÇÃO		Vide: Luz (A), Um Farol da Abolição			
ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA NO RIO GRANDE DO SUL	LAYTANO, Dante de	Escravidão	125	1989	23
ACERVO DOCUMENTAL		Noticiário	130	1994	124
AÇORIANOS		Vide: Viagem dos Açorianos ao Rio Grande do Sul			
ADROALDO MESQUITA DA COSTA		Vide: Discurso de Homenagem Póstuma ao Dr. Adroaldo Mesquita da Costa			
ADROALDO MESQUITA DA COSTA		Vide: Obituário – IHGRGS			
ALGUNS TEXTOS POLÍTICOS DA TRANSIÇÃO INSTITUCIONAL NO RGS (1887-1893)	O'DONNELL, Fernando O.M.	Política	128	1992	43
ALOCUÇÃO PROFERIDA PERANTE O IHGB	ROSA, Ruben Machado da	Adroaldo Mesquita da Costa (Dr) – Obituário	124	1986	169
ALOCUÇÃO SOBRE SILVEIRA MARTINS	ASSIS BRASIL, Joaquim F. de	Silveira Martins – Discurso em 04/8/1935	123	1982	183
AMÉRICA ESPANHOLA		Vide: Escravidão na América Espanhola: Cuba, um referencial necessário			
AMIR BORGES FORTES		Vide: Obituário – IHGRGS			
ANAIS DOS CONGRESSOS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA/AUTOR	DUARTE, Thomaz Carlos	Índice Congressos de História e Geografia – AUTORES	122	1982	131
ANAIS DOS CONGRESSOS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA/TÍTULO	DUARTE, Thomaz Carlos	Índice Congressos de História e Geografia – TÍTULOS	123	1982	123
APROXIMAÇÃO A SOUZA DOCCA ATRAVÉS DE SUA CORRESPONDÊNCIA	MOREIRA, Earle Diniz Macarthy	Emílio Fernandes de Souza Docca	129	1993	131
ARNALDO BRUXEL (Padre)		Vide: Obituário – IHGRGS			
ARNO ALVAREZ KERN		Vide: Saudação ao Dr. Arno Alvarez Kern			
ARQUIVO BORGES DE MEDEIROS (1)		Documentação – Júlio de Castilhos – Correspondência Ativa	123	1982	185
ARQUIVO BORGES DE MEDEIROS (2)		Documentação – Júlio de Castilhos – Correspondência Ativa	124	1986	179
ARQUIVO BORGES DE MEDEIROS (3)	FRANCO, Sérgio da Costa (Notas)	Documentação – Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros	125	1989	143
ARQUIVO BORGES DE MEDEIROS (4)		Oswaldo Aranha – Correspondência de – Doc. – 1930	126	1990	157
ARQUIVO BORGES DE MEDEIROS (5)		Documentação – Imprensa PRR	127	1990	139
ARQUIVO BORGES DE MEDEIROS (6)		Documentacão-Senador Pinheiro Machado	128	1992	189
ARQUIVO VISCONDE DE PELOTAS (1)		Documentacão-Gaspar Silveira Martins	128	1992	167
ARQUIVO VISCONDE DE PELOTAS (2)		Documentação – Cel. João Luiz Gomes	129	1993	183
ARQUIVO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO (1)		Documentação – José Feliciano Fernandes Pinheiro	127	1991	129
ARQUIVO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO (2)		Documentação-Araújo Porto Alegre; Saint-Hilaire;Senado da Câmara;Etc	128	1992	151

TÍTULO / ASSUNTO	AUTOR	ASSUNTO	Nº	ANO	PÁG.
ARQUIVO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO (3)		Documentação – Cima da Serra, Vacaria e Registro de Santa Vitoria	129	1993	195
ARQUIVOS DO TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL E DAS ZONAS ELEITORAIS		Tribunal Regional Eleitoral – Parecer	127	1991	120
ARTIGAS (JOSÉ GERVÁSIO)		Vide: Genealogia e Integração			
ASPECTOS MILITARES DA CAPITANIA E PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL	MARIANTE, Helio Moro	Rio Grande do Sul	128	1992	57
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RGS		Legislaturas – Parecer	123	1982	209
ASSOCIAÇÃO RIO-GRANDENSE DE IMPRENSA		Vide: Primeira Associação Rio-Grandense de Imprensa (A)			
AUTOBIOGRAFIA DE FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA	OLIVEIRA, Francisco A. Xavier e	Francisco Antonino Xavier e Oliveira	125	1989	168
BAGÉ		Vide: Cem Anos do Cerco de Bagé			
BANDA ORIENTAL E O RECONHECIMENTO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL PELA ESPANHA	MOREIRA, Earle Diniz Macarthy	Independência do Brasil	123	1982	25
BARÃO DE COTEGIPE/RS		Município de Barão de Cotegipe – Parecer	123	1982	213
BATISMOS		Vide: Primitivos Moradores de Viamão (1782-1792)			
BENS CULTURAIS		Vide: Conceito e Classificação de Bens Culturais			
BENTO GONÇALVES ATRAVÉS DAS PROCLAMAÇÕES	MACEDO, Francisco R. de	Revolução Farroupilha – Proclamações	126	1990	67
BERNARDO PIRES (Major)		Vide: Sete Perfis de Soldados Farrapos			
BORGES DE MEDEIROS		Vide: Fundo Borges de Medeiros			
BRASÃO DO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE		Porto Alegre – Brasão Municipal – Parecer	127	1991	115
BRASIL COLÔNIA		Vide: Sistema Colonial nos séculos XVI e XVII			
CALENDÁRIO DE FESTAS E DATAS TRADICIONAIS: USOS E COSTUMES NO RGS	MARIANTE, Helio Moro	Festas e Datas Tradicionais	131	1995	71
CAMAQUÃ/RS		Vide: República na Região de Camaquã (A): Propaganda e Consolidação			
CAMAQUÃ/RS		Vide: Dois Fundadores			
CAMPANHA DAS MISSÕES		Vide: 1828, Las "Fuerzas Secretas" y la Campaña de las Misiones			
CAMPANHA RIO-GRANDENSE		Vide: José Antonio Martins, Pioneiro Esquecido do Desenvolvimento da Campanha			
CANUDOS/BA		Vide: Guerra das Caatingas (A)			
CAPITANIA E PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL		Vide: Aspectos Militares da Capitania e Província do Rio Grande do Sul			
CARACTERIZAÇÃO DO RIO FORQUETA		Rio Forqueta – Parecer	127	1991	117
CARTAS ÂNUAS LATINAS	RABUSKE, Arthur	Revolução Federalista de 1893-95	129	1993	11
CARTAS DE SESMARIA	MARIANTE, Helio Moro	Sesmarias	129	1993	88
CASTILHOS GOYCOCHEA		Vide: Notícia Biográfica de Castilhos Goycochea			
CATEDRAL DE PORTO ALEGRE		Vide: Reminiscências – A Nova Catedral de Porto Alegre			

TÍTULO / ASSUNTO	AUTOR	ASSUNTO	Nº	ANO	PÁG.
CAUDILHOS E CORONÉIS		Vide: Comportamento Político: Caudilhos e Coronéis			
CAUSAS DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA (AS)	FRANCO, Sérgio da Costa	Revolução Farroupilha – Palestra	123	1982	53
CEM ANOS DE REPÚBLICA E 200 DE PIONEIRISMO PELO MESMO IDEAL	FAGUNDES, Morivalde Calvet	República Brasileira	126	1990	47
CEM ANOS DO CERCO DE BAGÉ	TABORDA, Tarcísio Antonio Costa	Revolução Federalista	130	1994	71
CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE FLORES DA CUNHA		Vide: Flores da Cunha			
CHARQUEADA – PRIMEIRA INDUSTRIA DO SUL DA AMÉRICA	XAVIER, Paulo	Charqueada	131	1995	9
CIMA DA SERRA		Vide: Arquivo Visconde de São Leopoldo (3)			
CLUBE MILITAR E A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA (O)	BENTO, Cláudio Moreira	República Brasileira	126	1990	11
COLÔNIA		Vide: Sistema Colonial nos séculos XVI e XVII			
COLONIZAÇÃO IUDAICA, NOVENTA ANOS DEPOIS	COPSTEIN, Raphael	Judeus	130	1994	85
COMANDANTES		Vide: Episódios assinalados da Revolução Farroupilha			
COMANDANTES DAS ARMAS		Vide: Presidentes da Província e Comandantes das Armas			
COMBATE DE TAQUARI		Vide: Episódios Assinalados da Revolução Farroupilha: O Combate de Taquari			
COMBATE DO CERRO DO OURO	CABEDA, Coralio Bragança Pardo	Revolução Federalista de 1893-95	129	1993	37
COMBATE DO SEIVAL		Vide: Oswaldo Aranha e o Combate do Seival			
COMPORTAMENTO POLÍTICO: CAUDILHOS E CORONÉIS	FLORES, Moacyr	Política	127	1991	25
CONCEITO E CLASSIFICAÇÃO DE BENS CULTURAIS	MACEDO, Francisco Riopardens	Bens Culturais	130	1994	104
CONGRESSOS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA		Vide: Anais dos Congressos de Historia e Geografia			
CONGRESSOS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA RGS		Vide: Índice			
CONSELHO FISCAL DO IHGRGS		Vide: Diretorias e Conselho Fiscal			
CONTRASTES DEMOGRÁFICOS DO RIO GRANDE DO SUL, TAXAS BRUTAS DE CRESCIMENTO...	NEVES, Gervásio Rodrigo (et alii)	Demografia	130	1994	114
COOPERAÇÃO ENTRE O IHGRGS E A UFRGS		Noticiário – Faculdade de Arquitetura	130	1994	125
CORREIO DO POVO		Vide: Evolução da Imprensa Gaúcha e o "Correio Do Povo"			
CRIMINALIDADE DO ESCRAVO GAÚCHO NO INÍCIO DO SÉCULO XIX	FRANCO, Sérgio da Costa	Escravidão-Criminalidade	125	1989	110
CRISTÓVÃO COLOMBO		Vide Façanha de Colombo: Uma conceituação mais acurada (A)			

TÍTULO / ASSUNTO	AUTOR	ASSUNTO	Nº	ANO	PÁG.
DA ABOLIÇÃO À REPUBLICA: A AGONIA DO ESTADO ESCRAVISTA	MAESTRI FILHO, Mário	Republica Brasileira – Abolição	126	1990	81
DATAS TRADICIONAIS		Vide: Calendário de Festas e Datas Tradicionais: Usos e Costumes no RGS			
DAVID CANABARRO		Vide: Defesa Judicial do Instituto			
DEFESA JUDICIAL DO INSTITUTO	COSTA, Adroaldo Mesquita da	David Canabarro – Restos Mortais	122	1982	150
DEFESA JUDICIAL DO INSTITUTO	PINTO, Elvio Schuch	David Canabarro – Restos Mortais	123	1982	215
DEMOGRAFIA		Vide: Contrastes Demográficos do Rio Grande do Sul, Taxas Brutas de Crescimento			
DIÁRIO DE PORTO ALEGRE NA HISTÓRIA DA CIDADE (O)	MACEDO, Francisco R. de	Porto Alegre – 1° Jornal	123	1982	33
DICIONÁRIO TOPONOMÁSTICO DO RGS		Vide: Pequeno Dicionário Toponomástico do RGS			
DICIONÁRIO TOPONOMÁSTICO DO RIO GRANDE DO SUL		Vide: Pequeno Dicionário Toponomástico do RGS			
DIRETORIA BIÊNIO 1994/1996		Noticiário	130	1994	124
DIRETORIAS E CONSELHO FISCAL – Relação Nominal	DUARTE, Thomaz Carlos	Instituto Histórico e Geográfico do RGS(1944/1986)	124	1986	171
DISCURSO DE HOMENAGEM PÓSTUMA AO DR. ADROALDO MESQUITA DA COSTA	MORAES, Carlos de Souza	Adroaldo Mesquita da Costa (Dr) – Obituário	124	1986	163
DISCURSO NA CÂMARA MUNICIPAL	COSTA, Adroaldo Mesquita da	Porto Alegre – Fundação	121	1975	51
DO PORTO DOS CASAIS À GRANDE PORTO ALEGRE	SILVA, Riograndino da Costa e	Porto Alegre – Fundação	121	1975	61
DOCUMENTAÇÃO		Vide: Acervo Documental			
DOCUMENTAÇÃO		Vide: Arquivo Borges de Medeiros			
DOCUMENTAÇÃO		Vide: Arquivo Visconde de Pelotas			
DOCUMENTAÇÃO		Vide: Arquivo Visconde de São Leopoldo			
DOCUMENTAÇÃO		Vide: Fundo			
DOIS CENTENÁRIOS:FALECIMENTO DE DOM SEBASTIÃO DIAS LARANJEIRA E A ABOLIÇÃO	NEIS, Ruben	Escravidão-D.Sebastiao Dias Laranjeira	125	1989	62
DOIS FUNDADORES (Joaquim Gonçalves da Silva & Patrício Vieira Rodrigues)	CIBILS, Luís Alberto	Camaquã/RS	124	1986	59
DOM DIOGO DE SOUZA & A FUNDAÇÃO DE TORRES	RUSCHEL, Ruy Ruben	Torres/Rs	131	1995	11
DOM FELICIANO JOSÉ RODRIGUES PRATES	COSTA, Adroaldo Mesquita da	Bispo do RGS (1°) – Conferência	123	1982	3
DOMINGOS CRESCÊNCIO DE CARVALHO (Cel)		Vide: Sete Perfis de Soldados Farrapos			
DUAS PÁTRIAS DE RAFAEL PINTO BANDEIRA (AS)	PIAZZA, Walter Fernando	Rafael Pinto Bandeira	131	1995	89
ELABORAÇÃO DOS SÍMBOLOS MUNICIPAIS		Símbolos Municipais – Parecer	127	1991	122
EM MEMÓRIA DE DOM PEDRO II	TABORDA, Tarcisio	Pedro II	128	1992	103
EM MEMÓRIA DE LINDOLFO COLLOR	MORAES, Carlos de Souza	Lindolfo Collor	128	1992	111
EMANCIPAÇÃO GRADUAL NO PROCESSO DA ABOLIÇÃO	MACEDO, Francisco R. de	Escravidão	125	1989	40
EMÍLIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA		Vide: Aproximação a Souza Docca através de sua Correspondência			

TÍTULO / ASSUNTO	AUTOR	ASSUNTO	Nº	ANO	PÁG.
ENCONTRO DE HISTORIA E GEOGRAFIA DO PRATA		Noticiário	130	1994	128
ENSINO RGS		Vide: Pioneirismo Universitário no Rio Grande do Sul			
EPISÓDIOS ASSINALADOS DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA: O COMBATE DE TAQUARI	SILVA, Riograndino da Costa e	Combate de Taquari (O)	124	1986	83
ESCRAVATURA		Vide: Abolição da Escravatura no Rio Grande do Sul			
ESCRAVIDÃO		Vide: Criminalidade do Escravo Gaúcho no Inicio do Século XIX			
ESCRAVIDÃO		Vide: Da Abolição à República: A Agonia do Estado Escravista			
ESCRAVIDÃO		Vide: Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro			
ESCRAVIDÃO NA AMÉRICA ESPANHOLA: CUBA, UM REFERENCIAL NECESSÁRIO	MOREIRA, Earle Diniz Macarthy	Escravidão	125	1989	28
ESCRAVIDÃO NEGRA		Vide: Padre Alonso de Sandoval, S.J. e sua obra "O Mundo da Escravidão Negra..."			
ESPANHA		Vide: Banda Oriental			
EURICO RODRIGUES		Vide: Obituário – IHGRGS			
EVOLUÇÃO DA IMPRENSA GAÚCHA E O "CORREIO DO POVO"	FRANCO, Sérgio da Costa	Imprensa – Correio do Povo	131	1995	33
EVOLUÇÃO URBANA DE RIO GRANDE	COPSTEIN, Raphael	Rio Grande/RS	122	1982	43
FAÇANHA DE COLOMBO: UMA CONCEITUAÇÃO MAIS ACURADA (A)	RABUSKE, Arthur	Colombo	128	1992	25
FALECIMENTO DE MEMBROS EFETIVOS		Noticiário-Riograndino da C. e Silva, Guilhermino Cesar, Tarcisio Taborda	130	1994	138
FEITORIA DO LINHO CÂNHAMO – MEMÓRIA DO INSPETOR JOSÉ TOMÁS DE LIMA		Vide: Fundo Visconde de São Leopoldo (2)			
FELICIANO JOSÉ RODRIGUES PRATES (Bispo)		Vide: Dom Feliciano José Rodrigues Prates			
FLORES DA CUNHA, CENTENÁRIO DE SEU NASCIMENTO	FERREIRA FILHO, Arthur	José Antonio Flores da Cunha	122	1982	13
FRACASSO DA MISSÃO LABATUT (O)	FERREIRA FILHO, Arthur	Revolução Farroupilha	124	1986	9
FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA		Vide: Autobiografia de Francisco Antonino Xavier e Oliveira			
FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI		Vide: Panorama Sócio-Cultural da Fronteira Brasil-Uruguai			
FUNDAÇÃO DE PORTO ALEGRE		Vide: Resolução do Instituto Histórico e Geográfico RGS			
FUNDAÇÃO DE PORTO ALEGRE		Vide: Lei Municipal consagra o dia 26 de marco como data de Fundação de Porto Alegre			
FUNDAÇÃO DE PORTO ALEGRE		Vide: Porto Alegre: Origem do Grupamento Urbano			
FUNDAÇÃO DE PORTO ALEGRE (A)	FERREIRA FILHO, Arthur	Porto Alegre	121	1975	28
FUNDAÇÃO DO TEATRO SÃO PEDRO		Teatro São Pedro – Parecer	122	1982	165
FUNDADOR DE PORTO ALEGRE (O)	VELLINHO, Moisés	Porto Alegre – Fundação	121	1975	73
FUNDADOR DO RIO GRANDE DO SUL		Vide: José da Silva Paes, o Fundador do R.G.S			

TÍTULO / ASSUNTO	AUTOR	ASSUNTO	Nº	ANO	PÁG.
FUNDO BORGES DE MEDEIROS (1)		Documentação	130	1994	149
FUNDO BORGES DE MEDEIROS (2)		Porto do Rio Grande	131	1995	169
FUNDO MARECHAL CÂMARA (VISCONDE DE PELOTAS) (1)		Cartas de Maria José Meneses à Viscondessa de São Leopoldo – Guerra do Paraguai	131	1995	157
FUNDO VISCONDE DE PELOTAS (2)		Documentação	130	1994	143
FUNDO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO (1)		Documentação	130	1994	141
FUNDO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO (2)		Rafael Pinto Bandeira	131	1995	111
FUNDO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO (2)		Feitoria do Linho Cânhamo – Memória do Inspetor José Tomás de Lima	131	1995	113
FUNDO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO (2)		Torres – Memória de Francisco de Paula Soares de Gusmão	131	1995	123
FUNDO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO (2)		Índice dos Assuntos	131	1995	135
FUNDO VISCONDE DE SÃO LEOPOLDO (2)		Descrição das Peças Documentais	131	1995	143
GASPAR SILVEIRA MARTINS		Vide: Arquivo Visconde de Pelotas (1)			
GENEALOGIA		Vide: Identificação Genealógica de Pedro Canga			
GENEALOGIA		Vide: Inácio Francisco de Melo			
GENEALOGIA		Vide: Primitivos Moradores de Viamão (1782-1792)			
GENEALOGIA		Vide: Vargas (Os) – Uma Estirpe Faialense no RGS			
GENEALOGIA E INTEGRAÇÃO	XAVIER, Paulo	Artigas (José Gervásio)	127	1991	81
GEOGRAFIA RGS		Vide: Pequeno Dicionário Toponomástico do RGS			
GERVÁSIO RODRIGO NEVES		Vide: Olhares ao Rio Grande do Sul (Os)			
GERVÁSIO RODRIGO NEVES		Vide: Saudação ao Professor Gervásio Rodrigo Neves			
GIGANTE E O RIO (O)	VELLINHO, Moisés	Mauá no Prata – Atuação de...	121	1975	313
GOVERNADORES DO RIO GRANDE DO SUL		Vide: Governantes do Rio Grande do Sul (Os)			
GOVERNANTES DO RIO GRANDE DO SUL (OS)	SILVA, Riograndino da Costa e	Relação dos Governantes do RGS (1737 A 1979)	122	1982	75
GUERRA DAS CAATINGAS (A)	SENA, Davis Ribeiro de	Canudos/Ba	129	1993	152
GUERRA DO PARAGUAI		Vide: Fundo Marechal Câmara (Visconde de Pelotas) (1)			
GUILHERMINO CESAR		Vide: Falecimento de Membros Efetivos			
GUILHERMINO CESAR (Dr): Outorga de Título MB	MEDEIROS, Laudelino T. de	Guilhermino Cesar – Membro Benemérito do IHGRGS	126	1990	143
GUILHERMINO CESAR (Dr): Outorga de Título MB	SILVA, Guilhermino Cesar da	Membro Benemérito do IHGRGS – Discurso – 8Nov89	126	1990	145
GUILHERMINO CESAR (Dr): Outorga de Título MB	CIBILS, Luís Alberto	Membro Benemérito do IHGRGS – Discurso – 8Nov89	126	1990	149
HINO RIO-GRANDENSE		Vide: Novos aspectos do Hino Rio-Grandense			
IATES NA NAVEGAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL	COPSTEIN, Raphael	Navegação do RGS	128	1992	69

TÍTULO / ASSUNTO	AUTOR	ASSUNTO	Nº	ANO	PÁG.
IDENTIFICAÇÃO GENEALÓGICA DE PEDRO CANGA	XAVIER, Paulo	Genealogia – Pedro Canga	122	1982	19
IGREJA CATÓLICA		Vide: Inícios da República Brasileira e a Igreja Católica			
IHGRGS		Vide: Defesa Judicial do Instituto			
IHGRGS		Vide: Diretoria Biênio 1994/1996			
IHGRGS		Vide: Diretorias e Conselho Fiscal – Relação Nominal			
IHGRGS		Vide: Índice da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RGS			
IHGRGS		Vide: Lema Latino do IHGRGS em tradução vernácula			
IHGRGS		Vide: Quadro de Sócios (Geral)			
IHGRGS		Vide: Peasoas que doaram obras ao IHGRGS			
IHGRGS		Vide: Publicações recebidas no ano de 1974			
IHGRGS		Quadro Social do IHGRGS em 1974			
IHGRGS		Vide: Resolução do Instituto Histórico e Geográfico RGS			
IHGRGS		Vide: Sede do Instituto Histórico e Geográfico (A)			
IHGRGS		Vide: Sede do Instituto Histórico: Origem da Propriedade (A)			
IHGRGS		Vide: Septuagésimo aniversário do IHGRGS			
IHGRGS		Vide: 75 Anos do IHGRGS (Os)			
IHGRGS NO CENTENÁRIO DE LINDOLFO COLLOR (O)		Lindolfo Collor	127	1991	112
IMPRENSA		Vide: Diário de Porto Alegre na História da Cidade (O)			
IMPRENSA		Vide: Luz (A), Um Farol da Abolição			
IMPRENSA		Vide: Primeira Associação Rio-Grandense de Imprensa (A)			
IMPRENSA		Vide: Uma Revista Estudantil			
IMPRENSA GAÚCHA		Vide: Evolução da Imprensa Gaúcha e o "Correio Do Povo"			
INÁCIO FRANCISCO DE MELO	FABRÍCIO, José de Araújo	Genealogia	121	1975	112
INAUGURAÇÃO DO POSTER COMEMORATIVO DA REVOLUÇÃO DE 1930		Revolução de 1930	127	1991	111
INCORPORAÇÃO DA BIBLIOTECA DO DESEMBARGADOR LOUREÇO MÁRIO PRUNES		Noticiário – Loureço Mário Prunes (Biblioteca)	130	1994	138
INCORPORAÇÃO DO SUL (A)	COPSTEIN, Raphael		129	1993	78
INDEPENDÊNCIA DO BRASIL		Vide: Banda Oriental e o reconhecimento da Independência do Brasil pela Espanha			
ÍNDICE DA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RGS	DUARTE, Thomaz Carlos	Índice dos Anos (1921 o 1950)	121	1975	225

TITULO / ASSUNTO	AUTOR	ASSUNTO	Nº	ANO	PAG.
ÍNDICE DOS ANAIS DOS CONGRESSOS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA (Autores)	DUARTE, Thomaz Carlos	Congressos de História e Geografia RGS	122	1982	131
ÍNDICE DOS ANAIS DOS CONGRESSOS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA (Títulos)	DUARTE, Thomaz Carlos	Congressos de História e Geografia RGS	123	1982	123
INÍCIOS DA REPÚBLICA BRASILEIRA E A IGREJA CATÓLICA	RABUSKE, Arthur	República Brasileira – Igreja Católica	126	1990	117
INSTITUIÇÃO DE CONTRIBUIÇÃO SOCIAL		Noticiário – Anuidade	130	1994	124
INSTITUIÇÕES QUE DOARAM OBRAS AO IHGRGS		Biblioteca do IHGRGS – Acervo	121	1975	317
INSTITUTO HISTÓRICO		Vide: Três Institutos Históricos (Os)			
INSTITUTO HISTÓRICO DA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO		Vide: Revista Trimensal do Instituto			
INSTITUTOS HISTÓRICOS DO RGS		Vide: Três Institutos Históricos do R.G.S. (Os)			
JEAN ROCHE		Vide: Saudação ao Professor Jean Roche			
JESUÍTAS DOS 7 POVOS (OS)	RABUSKE, Arthur	Missões/RS	127	1991	53
JOÃO LUIZ GOMES		Vide: Arquivo Visconde de Pelotas (2)			
JOÃO MAURÍCIO WANDERLEY		Vide: Barão de Cotegipe			
JOÃO UBALDO NERI		Vide: Um Voluntário da Pátria			
JOAQUIM GONÇALVES DA SILVA		Vide: Dois Fundadores (Joaquim Gonçalves da Silva & Patrício Vieira Rodrigues)			
JOAQUIM PEDRO SOARES (Cel)		Vide: Sete Perfis de Soldados Farrapos			
JORNAIS RECEBIDOS NO ANO DE 1974		Biblioteca do IHGRGS – Acervo	121	1975	317
JOSÉ ANTÔNIO CORREA DA CÂMARA		Vide: Fundo Marechal Câmara (Visconde de Pelotas)			
JOSÉ ANTÔNIO FLORES DA CUNHA		Vide: Flores da Cunha, Centenário de seu Nascimento			
JOSÉ ANTONIO MARTINS, PIONEIRO ESQUECIDO DO DESENVOLVIMENTO DA CAMPANHA...	CABEDA, Coralio Bragança Pardo	Campanha Rio-Grandense	130	1994	53
JOSÉ DA SILVA BRANDÃO (Cel)		Vide: Sete Perfis de Soldados Farrapos			
JOSÉ DA SILVA PAES, O FUNDADOR DO R.G.S.		Fundador do Rio Grande do Sul – Parecer	122	1982	173
JOSÉ FELICIANO FERNANDES PINHEIRO		Vide: Arquivo Visconde de São Leopoldo (1)			
JOSÉ FELICIANO FERNANDES PINHEIRO		Vide: Fundo Visconde de São Leopoldo			
JOSÉ MARCELINO DE FIGUEIREDO		Vide: Fundador de Porto Alegre (O)			
JOSÉ MARIANO DE MATTOS (Cel)		Vide: Sete Perfis de Soldados Farrapos			
JUDEUS		Vide: Colonização Judaica, Noventa Anos Depois			
JUDEUS NO RIO GRANDE DO PASSADO	COPSTEIN, Raphael	Judeus – RGS	127	1991	11
JÚLIO DE AZEVEDO VIANA		Vide: Um Voluntário da Pátria			
JÚLIO DE CASTILHOS-Correspondência Ativa		Vide: Arquivo Borges de Medeiros – Revistas N. 123/125			
LABATUT		Vide: Fracasso da Missão Labatut (O)			
LEI MUNICIPAL CONSAGRA O DIA 26 DE MARÇO COMO DATA DE FUNDAÇÃO DE POA		Porto Alegre – Fundação	121	1975	50

TÍTULO / ASSUNTO	AUTOR	ASSUNTO	Nº	ANO	PÁG.
LEMA LATINO DO IHGRGS EM TRADUÇÃO VERNÁCULA	HESSEL, Lothar Francisco	IHGRGS – Apreciação ao Parecer ao Pe. Arthur Rabuske, S.J.	125	1989	133
LEMA LATINO DO IHGRS EM TRADUÇÃO VERNÁCULA	RABUSKE, Arthur	Instituto Histórico e Geográfico do RGS – Parecer	125	1989	127
LINDOLFO COLLOR		Vide: Em Memória de Lindolfo Collor			
LINDOLFO COLLOR		Vide: IHGRGS no Centenário de Lindolfo Collor (O)			
LIVIO ZAMBECCARI		Vide: Tito Livio Zambeccari (1802-1862)			
LOUREÇO MÁRIO PRUNES		Vide: Incorporação da Biblioteca do Desembargador Lourenço Mário Prunes			
LUZ (A), UM FAROL DA ABOLIÇÃO	COPSTEIN, Raphael	Escravidão-Imprensa	125	1989	57
MAÇONARIA		Vide: 1828, Las "Fuerzas Secretas" y la Campaña de las Misiones			
MANOEL ALVES DA SILVA CALDEIRA		Vide: Sete Perfis de Soldados Farrapos			
MANOEL ANTUNES DA PORCIÚNCULA (Ten. Cel.)		Vide: Sete Perfis de Soldados Farrapos			
MANUEL DE ARAÚJO PORTO ALEGRE		Vide: Arquivo Visconde de São Leopoldo (2)			
MARECHAL CÂMARA		Vide: Fundo Marechal Câmara (Visconde de Pelotas)			
MAUÁ		Vide: Gigante e o Rio (O)			
1893 – VIVÊNCIAS HUMANAS	HESSEL, Lothar	Revolução Federalista de 1893-95	129	1993	70
1828, LAS "FUERZAS SECRETAS" Y LA	CABRELLI , Alfonso	Maçonaria	128	1992	123
CAMPANA DE LAS MISIONES	Fernandez				
MISSÕES		Vide: Jesuítas dos 7 Povos (Os)			
MISSÕES		Vide: 1828, Las "Fuerzas Secretas" y la Campaña de las Misiones			
MONIZ BARRETO		Vide: Observações Econômicas de Moniz Barreto			
MONUMENTO AO PEÃO DE ESTÂNCIA		Vide: Símbolo do Peão de Estância			
MOVIMENTO FARROUPILHA NA VISÃO DE UM NORTE-AMERICANO	PIAZZA, Walter Fernando	Revolução Farroupilha	127	1991	89
MUCKER		Vide: Um documento inédito sobre os "Mucker" do Ferrabraz			
NAVEGAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL		Vide; Iates na Navegação do Rio Grande do Sul			
NOMES DO RIO GRANDE DO SUL		Vide: Toponomástica Sul-Rio-Grandense			
NOTÍCIA BIOGRÁFICA DE CASTILHOS GOYCOCHEA		Noticiário – Castilhos Goycochea	130	1994	133
NOVO MEMBRO EFETIVO		Noticiário – Ruy Ruben Ruschel	130	1994	138
NOVOS ASPECTOS DO HINO RIO-GRANDENSE	MACEDO, Francisco Riopardense de	Hino Rio-Grandense	128	1992	91
OBITUÁRIO – IHGRGS		Amir Borges Fortes, Arnaldo Bruxel, Eurico Rodrigues,Adroaldo Costa	125	1989	139
OBSERVAÇÕES ECONÔMICAS DE MONIZ BARRETO	XAVIER, Paulo	Moniz Barreto	130	1994	11
OLHARES AO RIO GRANDE DO SUL (OS)	NEVES, Gervásio Rodrigo	Ingresso no IHGRGS	129	1993	101

TÍTULO / ASSUNTO	AUTOR	ASSUNTO	Nº	ANO	PÁG.
OSVALDO ARANHA, O LIDADOR	MARIANTE, Helio Moro		130	1994	93
OSWALDO ARANHA		Vide: Arquivo Borges de Medeiros (4)			
OSWALDO ARANHA E O COMBATE DO SEIVAL	CABEDA, Coralio B. P.	Combate do Seival	131	1995	55
PACIFICAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL (A) - (TENTATIVAS)	MEDEIROS, Laudelino T.	Revolução Federalista	130	1994	33
PADRE ALONSO DE SANDOVAL, S.J. E SUA OBRA "O MUNDO DA ESCRAVIDÃO NEGRA..."	RABUSKE, Arthur	Escravidão Negra na América	125	1989	1
PADRE HAFKEMEYER (O)	AZEVEDO, Armando Dias de	João Batista Hafkemeyer	122	1982	69
PANORAMA SÓCIO-CULTURAL DA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI	FRANCO, Sérgio da Costa	Fronteira	129	1993	139
PARECERES		Vide: Personalidades Ilustres do Magistério			
PARECERES		Vide: Símbolo do Peão de Estância			
PARECERES		Vide: Fundação do Teatro São Pedro			
PARECERES		Vide: República de Piratini ou República Rio-Grandense			
PARECERES		Vide: José da Silva Paes, o Fundador do Rio Grande do Sul			
PARTIDO REPUBLICANO BRASILEIRO (O), SUA EXPRESSÃO NACIONAL ANTES DO 15/11	FRANCO, Sérgio da Costa	República Brasileira	126	1990	55
PATRÍCIO VIEIRA RODRIGUES		Vide: Dois Fundadores(Joaquim Gonçalves da Silva & Patrício Vieira Rodrigues)			
PATRÍCIO VIEIRA RODRIGUES (Ten.Cel)		Vide: Dois Fundadores			
PEÃO DE ESTÂNCIA PEDRO CANGA PEDRO II		Vide: Símbolo do Peão de Estância Vide: Identificação Genealógica de Pedro Canga Vide: Em Memória de Dom Pedro II			
PEQUENO DICIONÁRIO TOPONOMÁSTICO DO RGS (N a R)	LIMA, Afonso Guerreiro	Geografia-Topônimos	121	1975	169
PEQUENO DICIONÁRIO TOPONOMÁSTICO DO RGS (T a Z)	LIMA, Afonso Guerreiro	Geografia - Topônimos - Conclusão	123	1982	101
PEQUENO DICIONÁRIO TOPONOMÁSTICO DO RGS (S)	LIMA, Afonso Guerreiro	Geografia - Topônimos	122	1982	97
PERSONALIDADES ILUSTRES DO MAGISTÉRIO - Parecer		Ensino - Parecer	122	1982	161
PESSOAS QUE DOARAM OBRAS AO IHGRGS		Biblioteca do IHGRGS - Acervo	121	1975	317
PINHEIRO MACHADO (Senador)		Vide: Arquivo Borges de Medeiros (6)			
PIONEIRISMO UNIVERSITÁRIO NO RIO GRANDE DO SUL	SOARES, Mozart Pereira	Ensino RGS	127	1991	69
PLANO DE AÇÃO REVOLUCIONÁRIA - 1892		Documentação - Revolução Federalista	129	1993	177
POLÍTICA		Vide: Alguns Textos Políticos da Transição Institucional no RGS (1887-1893)			
PORTO ALEGRE		Vide: Brasão do Município de Porto Alegre			

TÍTULO / ASSUNTO	AUTOR	ASSUNTO	Nº	ANO	PÁG.
PORTO ALEGRE		Vide: Diário de Porto Alegre			
PORTO ALEGRE		Vide: Fundação de Porto Alegre (A)			
PORTO ALEGRE		Vide: Fundador de Porto Alegre (O)			
PORTO ALEGRE		Vide: Reminiscências – A Nova Catedral de Porto Alegre			
PORTO ALEGRE		Vide: Travessa Araújo Ribeiro			
PORTO ALEGRE - FUNDAÇÃO		Vide: Discurso na Câmara Municipal			
PORTO ALEGRE - FUNDAÇÃO		Vide: Do Porto dos Casais à Grande Porto Alegre			
PORTO ALEGRE - FUNDAÇÃO		Vide: Resolução do Instituto Histórico e Geográfico RGS			
PORTO ALEGRE: ORIGEM DO GRUPAMENTO URBANO	XAVIER, Paulo	Porto Alegre – Fundação	121	1975	106
PORTO DO RIO GRANDE		Vide: Fundo Borges de Medeiros (2)			
PRESIDENTES DA PROVÍNCIA E COMANDANTES DAS ARMAS		Vide: Episódios assinalados da Revolução Farroupilha			
PRIMEIRA ASSOCIAÇÃO RIO-GRANDENSE DE IMPRENSA (A)	COPSTEIN, Raphael	Imprensa	131	1995	41
PRIMITIVOS MORADORES DE VIAMÃO (1782-1792)	CARVALHO, Emílio d'Artagnan	Genealogia – 4º Livro de Batismos	121	1975	133
PUBLICAÇÕES RECEBIDAS NO ANO DE 1974		Biblioteca do IHGRGS – Acervo	121	1975	314
QUADRO DE SÓCIOS (Geral)	DUARTE, Miguel A. de O.	Sócios do Instituto Histórico e Geográfico do RGS	122	1982	177
QUADRO SOCIAL DO IHGRGS EM 1974		Sócios do IHGRGS & Sócios Falecidos	121	1975	320
RAFAEL PINTO BANDEIRA		Vide: Fundo Visconde de São Leopoldo (2)			
RAFAEL PINTO BANDEIRA		Vide: Duas Pátrias de Rafael Pinto Bandeira (As)			
RECONQUISTA DE RIO GRANDE		Rio Grande – Data de Reconquista – Parecer	127	1991	113
RELAÇÃO DOS PRESIDENTES DA PROVÍNCIA E COMANDANTES		Vide: Episódios assinalados da Revolução Farroupilha			
RELATÓRIO DA DIRETORIA - GESTÃO DE 5/8/88 A 5/8/90		IHGRGS	127	1991	101
RELATÓRIO DA GESTÃO DA DIRETORIA DE 5/8/1990 A 5/8/1992		Diretoria – Relatório	128	1992	139
RELIGIÃO		Vide: Sincretismo Religioso Afro-Brasileiro			
REMINISCÊNCIAS – A NOVA CATEDRAL DE PORTO ALEGRE	BALEM, João Maria	Catedral de Porto Alegre	125	1989	134
REPÚBLICA		Vide: Cem Anos de República e 200 de Pioneirismo pelo mesmo Ideal			
REPÚBLICA		Vide: Clube Militar e a Proclamação da República (O)			
REPÚBLICA BRASILEIRA		Vide: Inícios da República Brasileira e a Igreja Católica			
REPÚBLICA BRASILEIRA		Vide: Republica na Região de Camaquã (A):Propaganda e Consolidação			

TÍTULO / ASSUNTO	AUTOR	ASSUNTO	Nº	ANO	PÁG.
REPÚBLICA BRASILEIRA		Vide: Revolução de 1893 na consolidação			
REPÚBLICA DE PIRATINI OU REPÚBLICA RIO-GRANDENSE		da República (A) Revolução Farroupilha – Parecer	122	1982	170
REPÚBLICA NA REGIÃO DE CAMAQUÃ (A):Propaganda e Consolidação	CIBILS, Luís Alberto	República Brasileira	126	1990	21
RESOLUÇÃO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO RGS		Porto Alegre – Fundação	121	1975	48
REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RGS		Vide: Índice da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do RGS			
REVISTA TRIMENSAL DO INSTITUTO HISTÓRICO DA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO	Província – A.IV, N.1 – 1863	Instituto Histórico e Geográfico da	123	1982	157
REVOLUÇÃO DE 1893 NA CONSOLIDAÇÃO DA REPÚBLICA (A)	MARIANTE, Helio Moro Federalista	República Brasileira – Revolução	126	1990	93
REVOLUÇÃO DE 1893, ÀS MARGENS DA LAGOA DOS PATOS (A)	CIBILS, Luís Alberto	Revolução Federalista de 1893-95	129	1993	42
REVOLUÇÃO DE 1930		Vide: Inauguração do poster comemorativo da Revolução de 1930			
REVOLUÇÃO FARROUPILHA		Vide: Causas da Revolução Farroupilha (As)			
REVOLUÇÃO FARROUPILHA		Vide: Episódios Assinalados da Revolução Farroupilha: O Combate de Taquari			
REVOLUÇÃO FARROUPILHA		Vide: Fracasso da Missão Labatut (O)			
REVOLUÇÃO FARROUPILHA		Vide: Movimento Farroupilha na visão de um norte-americano			
REVOLUÇÃO FARROUPILHA		Vide: República de Piratini ou República Rio-Grandense			
REVOLUÇÃO FARROUPILHA		Vide: Episódios assinalados da Revolução Farroupilha			
REVOLUÇÃO FARROUPILHA		Vide: Fracasso da Missão Labuta			
REVOLUÇÃO FARROUPILHA		Vide: Sete Perfis Farrapos			
REVOLUÇÃO FARROUPILHA		Vide: Taquari (Combate)			
REVOLUÇÃO FARROUPILHA		Vide: Tito Livio Zambeccari (1802-1862)			
REVOLUÇÃO FEDERALISTA		Vide: Cem Anos do Cerco de Bagé			
REVOLUÇÃO FEDERALISTA		Vide: Combate do Cerro do Ouro			
REVOLUÇÃO FEDERALISTA		Vide: Pacificação do Rio Grande do Sul (A) – (Tentativas)			
REVOLUÇÃO FEDERALISTA		Vide: Plano de Ação Revolucionária – 1892			
REVOLUÇÃO FEDERALISTA		Vide: Revolução de 1893 na consolidação da República (A)			
REVOLUÇÃO FEDERALISTA		Vide: Revolução de 1893, às Margens da Lagoa dos Patos (A)			
REVOLUÇÃO FEDERALISTA		Vide: Saraiva e os filhos da terra			
REVOLUÇÃO FEDERALISTA		Vide: 1893 – Vivências Humanas			
RIO FORQUETA		Vide: Caracterização do Rio Forqueta			
RIO GRANDE		Vide: Evolução Urbana de Rio Grande			
RIO GRANDE		Vide: Reconquista de Rio Grande			

TÍTULO / ASSUNTO	AUTOR	ASSUNTO	Nº	ANO	PÁG.
RIO GRANDE DO SUL		Vide: Viagem dos Açorianos ao Rio Grande do Sul			
RIO GRANDE DO SUL – NOMES DO...		Vide: Toponomástica Sul-Rio-Grandense			
RIO GRANDE/RS		Vide: Judeus no Rio Grande do Passado			
RIO GRANDE/RS		Vide: Reconquista de Rio Grande			
RIOGRANDINO DA COSTA E SILVA		Vide: Falecimento de Membros Efetivos			
RUY RUBEN RUSCHEL		Vide: Novo Membro Efetivo			
SAINT-HILAIRE		Vide: Arquivo Visconde de São Leopoldo (2)			
SANTA VITÓRIA (REGISTRO)		Vide: Arquivo Visconde de São Leopoldo (3)			
SARAIVA E OS FILHOS DA TERRA	MACEDO, Francisco Riopardense de	Revolução Federalista de 1893-95	129	1993	33
SAUDAÇÃO AO DR. ARNO ALVAREZ KERN	CIBILS, Luís Alberto	Membro Efetivo do IHGRGS (Novo)	128	1992	133
SAUDAÇÃO AO PROFESSOR GERVÁSIO RODRIGO NEVES	FRANCO, Sérgio da Costa	Membro Efetivo do IHGRGS (Novo)	129	1993	99
SAUDAÇÃO AO PROFESSOR JEAN ROCHE	COPSTEIN, Raphael	Jean Roche – Membro Correspondente do IHGRGS	126	1990	151
SEBASTIÃO DIAS LARANJEIRA		Vide: Dois Centenários:Falecimento de Dom Sebastião Dias Laranjeira e a Abolição			
SEDE DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO (A)	CIBILS, Luís Alberto	Instituto Histórico e Geográfico do RGS	130	1994	109
SEDE DO INSTITUTO HISTÓRICO: ORIGEM DA PROPRIEDADE (A)	CIBILS, Luís Alberto	IHGRGS	131	1995	25
SENADO DA CÂMARA		Vide: Arquivo Visconde de São Leopoldo (2)			
SEPTUAGÉSIMO ANIVERSÁRIO DO IHGRGS		IHGRGS – 70 Anos	127	1991	106
SESMARIA		Vide: Cartas de Sesmaria			
SETE PERFIS FARRAPOS 75 ANOS DO IHGRGS (OS)	BENTO, Cláudio Moreira O'DONNELL, Fernando O.M.	Revolução Farroupilha – Biografias (7) IHGRGS	124 131	1986 1995	15 101
SILVEIRA MARTINS		Vide: Alocução sobre Silveira Martins			
SÍMBOLO DO PEÃO DE ESTÂNCIA		Monumento ao Peão de Estância – Parecer	122	1982	163
SÍMBOLOS MUNICIPAIS		Vide: Elaboração dos Símbolos Municipais			
SINCRETISMO RELIGIOSO AFRO-BRASILEIRO	FLORES, Moacyr	Escravidão	125	1989	48
SISTEMA COLONIAL NOS SÉCULOS XVI E XVII	FLORES, Moacyr	Colônia	128	1992	11
SOUZA DOCCA		Vide: Aproximação a Souza Docca através de sua Correspondência			
TAQUARI (Combate)		Vide: Episódios assinalados da Revolução Farroupilha			
TARCISIO TABORDA		Vide: Falecimento de Membros Efetivos			
TEATRO SÃO PEDRO		Vide: Fundação do Teatro São Pedro			
TITO LIVIO ZAMBECCARI (1802-1862)	WIEDERSPAHN, Henrique Oscar	Revolução Farroupilha – Zambeccari	124	1986	43
TOPÔNIMOS RGS		Vide: Pequeno Dicionário Toponomástico do RGS			

TÍTULO / ASSUNTO	AUTOR	ASSUNTO	Nº	ANO	PÁG
TOPONOMÁSTICA SUL-RIO-GRANDENSE	MARIANTE, Helio Moro	Nomes do RGS	127	1991	33
TORRES – MEMÓRIA DE FRANCISCO DE PAULA SOARES DE GUSMÃO		Vide: Fundo Visconde de São Leopoldo (2)			
TORRES/RS		Vide: Dom Diogo De Souza & a Fundação de Torres			
TRAVESSA ARAÚJO RIBEIRO		Porto Alegre – Parecer	127	1991	124
TRÊS INSTITUTOS HISTÓRICOS DO R.G.S. (OS)	COSTA, Renato	Institutos Históricos do RGS-1855, 1860 & 1920	123	1982	43
TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL		Vide: Arquivos do Tribunal Regional Eleitoral e das Zonas Eleitorais			
UM DOCUMENTO INÉDITO SOBRE OS "MUCKER" DO FERRABRAZ	RABUSKE, Arthur	Mucker	130	1994	63
UM VOLUNTÁRIO DA PÁTRIA	HESSEL, Lothar	João Ubaldo Neri – Júlio de Azevedo Viana	131	1995	99
UMA REVISTA ESTUDANTIL	MEDEIROS, Laudelino T.	Imprensa	131	1995	65
URBANISMO		Vide: Evolução Urbana de Rio Grande			
URUGUAI		Vide: Panorama Sócio-Cultural da Fronteira Brasil-Uruguai			
VACARIA/RS		Vide: Arquivo Visconde de São Leopoldo (3)			
VACARIA/RS		Data de Criação do Município – Parecer	123	1982	211
VARGAS (OS) Uma Estirpe Faialense no RGS (2ª parte)	FABRÍCIO, José de Araújo	Genealogia	124	1986	105
VARGAS (OS) - Uma Estirpe Faialense no RGS (1ª parte)	FABRÍCIO, José de Araújo	Genealogia	123	1982	63
VIAGEM DOS AÇORIANOS AO RIO GRANDE DO SUL	MACEDO, Francisco R. de	Açorianos	122	1982	27
VIAMÃO/RS		Vide: Primitivos Moradores de Viamão (1782-1792)			
– AUTORES –					
ALOCUÇÃO SOBRE SILVEIRA MARTINS	ASSIS BRASIL, Joaquim F. de	Silveira Martins - Discurso em 04/8/1935	123	1982	183
PADRE HAFKEMEYER (O)	AZEVEDO, Amando Dias de	João Batista Hafkemeyer	122	1982	69
REMINISCÊNCIAS - A NOVA CATEDRAL DE PORTO ALEGRE	BALEM, João Maria	Catedral de Porto Alegre	125	1989	134
CLUBE MILITAR E A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA (O)	BENTO, Cláudio Moreira	República Brasileira	126	1990	11
SETE PERFIS FARRAPOS	BENTO, Cláudio Moreira	Revolução Farroupilha - Biografias (7)	124	1986	15
OSWALDO ARANHA E O COMBATE DO SEIVAL	CABEDA, Coralio B. P.	Combate do Seival	131	1995	55
COMBATE DO CERRO DO OURO PARDO	CABEDA, Coralio Bragança	Revolução Federalista de 1893-95	129	1993	37
JOSÉ ANTONIO MARTINS, PIONEIRO	CABEDA, Coralio Bragança	Campanha Rio-Grandense	130	1994	53
ESQUECIDO DO DESENVOLVIMENTO DA CAMPANHA...	Pardo				
1828, LAS "FUERZAS SECRETAS" Y LA CAMPANA DE LAS MISIONES	CABRELLI, Alfonso Fernandez	Maçonaria	128	1992	123
PRIMITIVOS MORADORES DE VIAMÃO (1782-1792)	CARVALHO, Emílio d'Artagnan	Genealogia - 4º Livro de Batismos	121	1975	133
DOIS FUNDADORES (Joaquim Gonçalves da Silva & Patrício Vieira Rodrigues)	CIBILIS, Luís Alberto	Camaquã/RS	124	1986	59

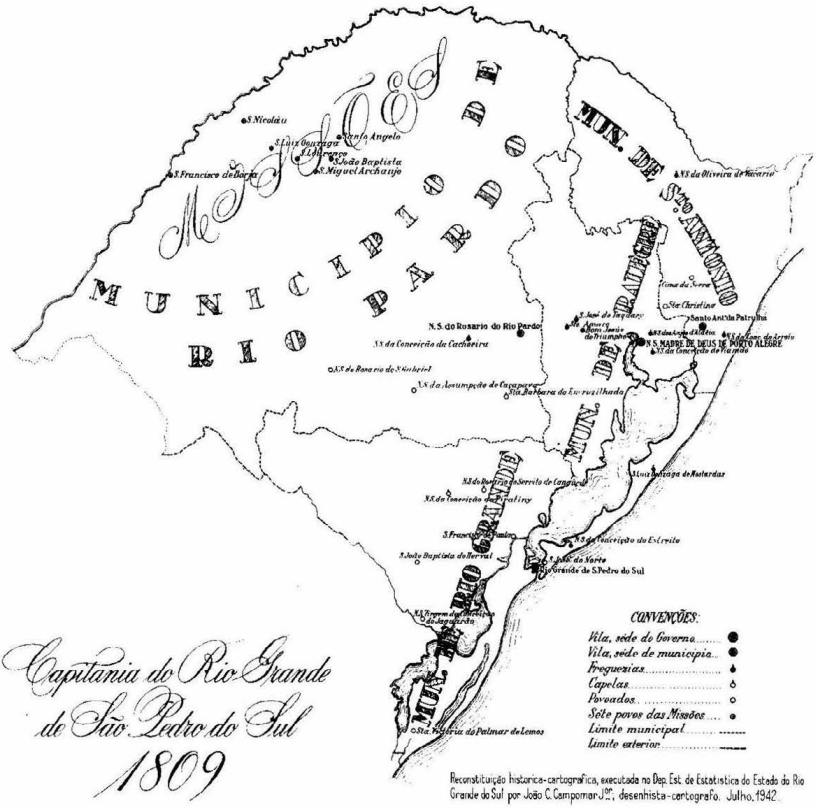
TÍTULO / ASSUNTO	AUTOR	ASSUNTO	Nº	ANO	PÁG.
GUILHERMINO CESAR (Dr): Outorga de Título MB	CIBILS, Luís Alberto	Membro Benemérito do IHGRGS-Discurso – 8Nov89	126	1990	149
REPÚBLICA NA REGIÃO DE CAMAQUÃ (A):Propaganda e Consolidação	CIBILS, Luís Alberto	República Brasileira	126	1990	21
REVOLUÇÃO DE 1893, ÀS MARGENS DA LAGOA DOS PATOS (A)	CIBILS, Luís Alberto	Revolução Federalista de 1893-95	129	1993	42
SAUDAÇÃO AO DR. ARNO ALVAREZ KERN	CIBILS, Luís Alberto	Membro Efetivo do IHGRGS (Novo)	128	1992	133
SEDE DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO (A)	CIBILS, Luís Alberto	Instituto Histórico e Geográfico do RGS	130	1994	109
SEDE DO INSTITUTO HISTÓRICO: ORIGEM DA PROPRIEDADE (A)	CIBILS, Luís Alberto	IHGRGS	131	1995	25
COLONIZAÇÃO JUDAICA, NOVENTA ANOS DEPOIS	COPSTEIN, Raphael	Judeus	130	1994	85
EVOLUÇÃO URBANA DE RIO GRANDE	COPSTEIN, Raphael	Rio Grande/RS	122	1982	43
IATES NA NAVEGAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL	COPSTEIN, Raphael	Navegação do RGS	128	1992	69
INCORPORAÇÃO DO SUL (A)	COPSTEIN, Raphael		129	1993	78
JUDEUS NO RIO GRANDE DO PASSADO	COPSTEIN, Raphael	Judeus – RGS	127	1991	11
LUZ (A), UM FAROL DA ABOLIÇÃO	COPSTEIN, Raphael	Escravidão-Imprensa	125	1989	57
PRIMEIRA ASSOCIAÇÃO RIO-GRANDENSE DE IMPRENSA (A)	COPSTEIN, Raphael	Imprensa	131	1995	41
SAUDAÇÃO AO PROFESSOR JEAN ROCHE	COPSTEIN, Raphael	Jean Roche – Membro Correspondente do IHGRGS	126	1990	151
DEFESA JUDICIAL DO INSTITUTO	COSTA, Adroaldo Mesquita da	David Canabarro – Restos Mortais	122	1982	150
DISCURSO NA CÂMARA MUNICIPAL	COSTA, Adroaldo Mesquita da	Porto Alegre – Fundação	121	1975	51
DOM FELICIANO JOSÉ RODRIGUES PRATES	COSTA, Adroaldo Mesquita da	Bispo do RGS (1º) – Conferência	123	1982	3
TRÊS INSTITUTOS HISTÓRICOS DO R.G.S. (OS)	COSTA, Renato	Institutos Históricos do RGS-1855, 1860 & 1920	123	1982	43
QUADRO DE SÓCIOS (Geral)	DUARTE, Miguel A. de O.	Sócios do Instituto Histórico e Geográfico do RGS	122	1982	177
ANAIS DOS CONGRESSOS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA/AUTOR	DUARTE, Thomaz Carlos	Índice Congressos de História e Geografia – AUTORES	122	1982	131
ANAIS DOS CONGRESSOS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA/TÍTULO	DUARTE, Thomaz Carlos	Índice Congressos de História e Geografia – TÍTULOS	123	1982	123
DIRETORIAS E CONSELHO FISCAL – Relação Nominal	DUARTE, Thomaz Carlos	Instituto Histórico e Geográfico do RGS(1944/1986)	124	1986	171
ÍNDICE DA REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RGS	DUARTE, Thomaz Carlos	Índice dos Anos (1921 A 1950)	121	1975	225
ÍNDICE DOS ANAIS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA (Autores)	DUARTE, Thomaz Carlos	Congressos de História e Geografia RGS	122	1982	131
ÍNDICE DOS ANAIS DOS CONGRESSOS DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA (Títulos)	DUARTE, Thomaz Carlos	Congressos de História e Geografia RGS	123	1982	123
INÁCIO FRANCISCO DE MELO	FABRÍCIO, José de Araújo	Genealogia	121	1975	112
VARGAS (OS) Uma Estirpe Faialense no RGS (2ª parte)	FABRÍCIO, José de Araújo	Genealogia	124	1986	105
VARGAS (OS)-Uma Estirpe Faialense no RGS (1ª parte)	FABRÍCIO, José de Araújo	Genealogia	123	1982	63
CEM ANOS DE REPÚBLICA E 200 DE PIONEIRISMO PELO MESMO IDEAL	FAGUNDES, Morivalde Calvet	República Brasileira	126	1990	47

TÍTULO / ASSUNTO	AUTOR	ASSUNTO	Nº	ANO	PÁG.
FLORES DA CUNHA, CENTENÁRIO DE SEU NASCIMENTO	FERREIRA FILHO, Arthur	José Antonio Flores da Cunha	122	1982	13
FRACASSO DA MISSÃO LABATUT (O)	FERREIRA FILHO, Arthur	Revolução Farroupilha	124	1986	9
FUNDAÇÃO DE PORTO ALEGRE (A)	FERREIRA FILHO, Arthur	Porto Alegre	121	1975	28
COMPORTAMENTO POLÍTICO: CAUDILHOS E CORONÉIS	FLORES, Moacyr	Política	127	1991	25
SINCRETISMO RELIGIOSO AFRO-BRASILEIRO	FLORES, Moacyr	Escravidão	125	1989	48
SISTEMA COLONIAL NOS SÉCULOS XVI E XVII	FLORES, Moacyr	Colônia	128	1992	11
CAUSAS DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA (AS)	FRANCO, Sérgio da Costa	Revolução Farroupilha – Palestra	123	1982	53
CRIMINALIDADE DO ESCRAVO GAÚCHO NO INÍCIO DO SÉCULO XIX	FRANCO, Sérgio da Costa	Escravidão-Criminalidade	125	1989	110
EVOLUÇÃO DA IMPRENSA GAÚCHA E O "CORREIO DO POVO"	FRANCO, Sérgio da Costa	Imprensa – Correio do Povo	131	1995	33
PANORAMA SÓCIO-CULTURAL DA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI	FRANCO, Sérgio da Costa	Fronteira	129	1993	139
PARTIDO REPUBLICANO BRASILEIRO (O), SUA EXPRESSÃO NACIONAL ANTES DO 15/11	FRANCO, Sérgio da Costa	República Brasileira	126	1990	55
SAUDAÇÃO AO PROFESSOR GERVÁSIO RODRIGO NEVES	FRANCO, Sérgio da Costa	Membro Efetivo do IHGRGS (Novo)	129	1993	99
ARQUIVO BORGES DE MEDEIROS (3)	FRANCO, Sérgio da Costa (Notas)	Documentação – Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros	125	1989	143
1893 - VIVÊNCIAS HUMANAS	HESSEL, Lothar	Revolução Federalista de 1893-95	129	1993	70
UM VOLUNTÁRIO DA PÁTRIA	HESSEL, Lothar	João Ubaldo Neri – Júlio de Azevedo Viana	131	1995	99
LEMA LATINO DO IHGRGS EM TRADUÇÃO VERNÁCULA	HESSEL, Lothar Francisco	IHGRGS – Apreciação ao Parecer ao Pe. Arthur Rabuske, S.J.	125	1989	133
ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA NO RIO GRANDE DO SUL	LAYTANO, Dante de	Escravidão	125	1989	23
PEQUENO DICIONÁRIO TOPONOMÁSTICO DO RGS (N a R)	LIMA, Afonso Guerreiro	Geografia-Topônimos	121	1975	169
PEQUENO DICIONÁRIO TOPONOMÁSTICO DO RGS (T a Z)	LIMA, Afonso Guerreiro	Geografia – Topônimos – Conclusão	123	1982	101
PEQUENO DICIONÁRIO TOPONOMÁSTICO DO RGS (S)	LIMA, Afonso Guerreiro	Geografia – Topônimos	122	1982	97
BENTO GONÇALVES ATRAVÉS DAS PROCLAMAÇÕES	MACEDO, Francisco R. de	Revolução Farroupilha – Proclamações	126	1990	67
DIÁRIO DE PORTO ALEGRE NA HISTÓRIA DA CIDADE (O)	MACEDO, Francisco R. de	Porto Alegre – 1º Jornal	123	1982	33
EMANCIPAÇÃO GRADUAL NO PROCESSO DA ABOLIÇÃO	MACEDO, Francisco R. de	Escravidão	125	1989	40
VIAGEM DOS AÇORIANOS AO RIO GRANDE DO SUL	MACEDO, Francisco R. de	Açorianos	122	1982	27
CONCEITO E CLASSIFICAÇÃO DE BENS CULTURAIS	MACEDO, Francisco Riopardense de	Bens Culturais	130	1994	104
NOVOS ASPECTOS DO HINO RIO-GRANDENSE	MACEDO, Francisco Riopardense de	Hino Rio-Grandense	128	1992	91

TÍTULO / ASSUNTO	AUTOR	ASSUNTO	Nº	ANO	PÁG.
SARAIVA E OS FILHOS DA TERRA	MACEDO, Francisco Riopardense de	Revolução Federalista de 1893-95	129	1993	33
DA ABOLIÇÃO À REPUBLICA: A AGONIA DO ESTADO ESCRAVISTA	MAESTRI FILHO, Mário	República Brasileira – Abolição	126	1990	81
ASPECTOS MILITARES DA CAPITANIA E PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL	MARIANTE, Helio Moro	Rio Grande do Sul	128	1992	57
CALENDÁRIO DE FESTAS E DATAS TRADICIONAIS: USOS E COSTUMES NO RGS	MARIANTE, Helio Moro	Festas e Datas Tradicionais	131	1995	71
CARTAS DE SESMARIA	MARIANTE, Helio Moro	Sesmarias	129	1993	88
OSVALDO ARANHA, O LIDADOR	MARIANTE, Helio Moro		130	1994	93
REVOLUÇÃO DE 1893 NA CONSOLIDAÇÃO DA REPÚBLICA (A)	MARIANTE, Helio Moro	República Brasileira – Revolução Federalista	126	1990	93
TOPONOMÁSTICA SUL-RIO-GRANDENSE	MARIANTE, Helio Moro	Nomes do RGS	127	1991	33
PACIFICAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL (A) – (TENTATIVAS)	MEDEIROS, Laudelino T.	Revolução Federalista	130	1994	33
UMA REVISTA ESTUDANTIL	MEDEIROS, Laudelino T.	Imprensa	131	1995	65
GUILHERMINO CESAR (Dr): Outorga de Título MB	MEDEIROS, Laudelino T. de	Guilhermino Cesar – Membro Benemérito do IHGRGS	126	1990	143
DISCURSO DE HOMENAGEM PÓSTUMA AO DR. ADROALDO MESQUITA DA COSTA	MORAES, Carlos de Souza	Adroaldo Mesquita da Costa (Dr) – Obituário	124	1986	163
EM MEMÓRIA DE LINDOLFO COLLOR	MORAES, Carlos de Souza	Lindolfo Collor	128	1992	111
APROXIMAÇÃO A SOUZA DOCCA ATRAVÉS DE SUA CORRESPONDÊNCIA	MOREIRA, Earle Diniz Macarthy	Emílio Fernandes de Souza Docca	129	1993	131
BANDA ORIENTAL E O RECONHECIMENTO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL PELA ESPANHA	MOREIRA, Earle Diniz Macarthy	Independência do Brasil	123	1982	25
ESCRAVIDÃO NA AMÉRICA ESPANHOLA: CUBA, UM REFERENCIAL NECESSÁRIO	MOREIRA, Earle Diniz Macarthy	Escravidão	125	1989	28
DOIS CENTENÁRIOS:FALECIMENTO DE DOM SEBASTIÃO DIAS LARANJEIRA E A ABOLIÇÃO	NEIS, Ruben	Escravidão-D.Sebastiao Dias Laranjeira	125	1989	62
CONTRASTES DEMOGRÁFICOS DO RIO GRANDE DO SUL, TAXAS BRUTAS DE CRESCIMENTO...	NEVES, Gervásio Rodrigo (et alii)	Demografia	130	1994	114
OLHARES AO RIO GRANDE DO SUL (OS)	NEVES, Gervásio Rodrigo	Ingresso no IHGRGS	129	1993	101
ALGUNS TEXTOS POLÍTICOS DA TRANSIÇÃO INSTITUCIONAL NO RGS (1887-1893)	O'DONNELL, Fernando O.M.	Política	128	1992	43
75 ANOS DO IHGRGS (OS)	O'DONNELL, Fernando O.M.	IHGRGS	131	1995	101
AUTOBIOGRAFIA DE FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA	OLIVEIRA, Francisco A. Xavier e	Francisco Antonino Xavier e Oliveira	125	1989	168
DUAS PÁTRIAS DE RAFAEL PINTO BANDEIRA (AS)	PIAZZA, Walter Fernando	Rafael Pinto Bandeira	131	1995	89
MOVIMENTO FARROUPILHA NA VISÃO DE UM NORTE-AMERICANO	PIAZZA, Walter Fernando	Revolução Farroupilha	127	1991	89
DEFESA JUDICIAL DO INSTITUTO	PINTO, Elvio Schuch	David Canabarro – Restos Mortais	123	1982	215
FAÇANHA DE COLOMBO: UMA CONCEITUAÇÃO MAIS ACURADA (A)	RABUSKE, Arthur	Colombo	128	1992	25

TÍTULO	AUTOR	ASSUNTO	Nº	ANO	PÁG.
CARTAS ÂNUAS LATINAS	RABUSKE, Arthur	Revolução Federalista de 1893-95	129	1993	11
INÍCIOS DA REPÚBLICA BRASILEIRA E A IGREJA CATÓLICA	RABUSKE, Arthur	República Brasileira – Igreja Católica	126	1990	117
JESUÍTAS DOS 7 POVOS (OS)	RABUSKE, Arthur	Missões/RS	127	1991	53
LEMA LATINO DO IHGRS EM TRADUÇÃO VERNÁCULA	RABUSKE, Arthur	Instituto Histórico e Geográfico do RGS – Parecer	125	1989	127
PADRE ALONSO DE SANDOVAL, S.J. E SUA OBRA "O MUNDO DA ESCRAVIDÃO NEGRA..."	RABUSKE, Arthur	Escravidão Negra na América	125	1989	1
UM DOCUMENTO INÉDITO SOBRE OS "MUCKER" DO FERRABRAZ	RABUSKE, Arthur	Mucker	130	1994	63
ALOCUÇÃO PROFERIDA PERANTE O IHGB	ROSA, Ruben Machado da	Adroaldo Mesquita da Costa (Dr) – Obituário	124	1986	169
DOM DIOGO DE SOUZA & A FUNDAÇÃO DE TORRES	RUSCHEL, Ruy Ruben	Torres/Rs	131	1995	11
GUERRA DAS CAATINGAS (A)	SENA, Davis Ribeiro de	Canudos/Ba	129	1993	152
GUILHERMINO CESAR (Dr): Outorga de Título MB	SILVA, Guilhermino Cesar da	Membro Benemérito do IHGRGS-Discurso – 8Nov89	126	1990	145
DO PORTO DOS CASAIS À GRANDE PORTO ALEGRE	SILVA, Riograndino da Costa e	Porto Alegre – Fundação	121	1975	61
EPISÓDIOS ASSINALADOS DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA: O COMBATE DE TAQUARI	SILVA, Riograndino da Costa e	Combate de Taquari (O)	124	1986	83
GOVERNANTES DO RIO GRANDE DO SUL (OS)	SILVA, Riograndino da Costa e	Relação dos Governantes do RGS (1737 A 1979)	122	1982	75
PIONEIRISMO UNIVERSITÁRIO NO RIO GRANDE DO SUL	SOARES, Mozart Pereira	Ensino RGS	127	1991	69
EM MEMÓRIA DE DOM PEDRO II	TABORDA, Tarcisio	Pedro II	128	1992	103
CEM ANOS DO CERCO DE BAGÉ	TABORDA, Tarcisio Antonio Costa	Revolução Federalista	130	1994	71
FUNDADOR DE PORTO ALEGRE (O)	VELLINHO, Moisés	Porto Alegre – Fundação	121	1975	73
GIGANTE E O RIO (O) TITO LIVIO ZAMBECCARI (1802-1862)	VELLINHO, Moisés WIEDERSPAHN, Henrique Oscar	Mauá no Prata – Atuação de... Revolução Farroupilha – Zambeccari	121 124	1975 1986	313 43
CHARQUEADA – PRIMEIRA INDÚSTRIA DO SUL DA AMÉRICA	XAVIER, Paulo	Charqueada	131	1995	9
GENEALOGIA E INTEGRAÇÃO	XAVIER, Paulo	Artigas(José Gervásio)	127	1991	81
IDENTIFICAÇÃO GENEALÓGICA DE PEDRO CANGA	XAVIER, Paulo	Genealogia – Pedro Canga	122	1982	19
OBSERVAÇÕES ECONÔMICAS DE MONIZ BARRETO	XAVIER, Paulo	Moniz Barreto	130	1994	11
PORTO ALEGRE: ORIGEM DO GRUPAMENTO URBANO	XAVIER, Paulo	Porto Alegre – Fundação	121	1975	106

DOCUMENTAÇÃO ESTATÍSTICA



Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul

1809

Reconstituição historica-cartografica, executada no Dep. Est. de Estatistica do Estado do Rio Grande do Sul por João C. Campomar Jº., desenhista-cartografo. Julho, 1942.

POPULAÇÃO TOTAL DO RIO GRANDE DO SUL POR MUNICÍPIO, 1940 A 1996[1]

Município	1940	1950	1960	1970	1980	1991	1996
Água Santa						4082	4196
Agudo			12636	14186	15658	16718	16253
Ajuricaba				11649	11726	11059	10759
Alecrim				15412	13916	10379	9369
Alegrete	38949	43426	54627	65030	69472	78918	82527
Alegria						6247	5800
Alpestre				13499	15308	13567	11116
Alto Alegre						2139	2073
Alto Feliz							2538
Alvorada				40322	91380	142046	162005
Amaral Ferrador						5917	5264
Ametista do Sul							6878
André da Rocha						1047	1107
Anta Gorda				8375	7135	6947	6805
Antônio Prado	11308	11101	13559	14751	13023	10989	11767
Arambaré							3384
Aratiba			15028	13905	11758	10714	7515
Arroio do Meio	20716	22644	25894	19515	19131	19072	15695
Arroio do Sal						3031	4196
Arroio do Tigre				16105	16181	15581	15622
Arroio dos Ratos				7904	9577	11824	12573
Arroio Grande	16199	17590	16252	18210	16649	18150	18537
Arvorezinha			13869	14475	14884	12636	10194
Augusto Pestana				9232	8923	8615	8352
Áurea						7423	4053
Bagé	59000	64923	77392	90280	100135	118967	115657
Barão						6835	6253
Barão de Cotegipe				8665	7508	7370	6927
Barão do Triunfo							6173
Barra do Guarita							3363
Barra do Ribeiro			9811	9382	10495	11775	10889
Barra do Rio Azul							2511
Barra Funda							2110
Barracão				8635	7154	6233	5600
Barros Cassal				15502	14065	13271	11556
Bento Gonçalves	18771	24933	33956	41979	58941	78643	83201
Boa Vista das Missões							2089
Boa Vista do Buricá				8747	8827	9086	9087
Bom Jesus	11864	15659	23580	24023	16748	16190	12333
Bom Princípio						7471	8683
Bom Progresso							2671
Bom Retiro do Sul			7381	8914	8852	11470	12626
Boqueirão do Leão						7359	7665
Bossoroca				7043	7435	7934	7893
Braga				6700	5785	4924	4488
Brochier				0	0	6066	4235

[1] - População total municipal, segundo os resultados dos respectivos censos demográficos realizados pelo IBGE.

Butiá				21947	21203	25534	19553
Caçapava do Sul	28682	33222	40971	33829	32974	34618	33950
Cacequi		14824	17294	18676	15204	15834	15599
Cachoeira do Sul	83729	94110	84512	94261	93338	89148	88612
Cachoeirinha				31002	63196	88195	96548
Cacique Doble				6497	5985	5704	5067
Caibaté				7896	8388	7830	7389
Caiçara				9045	6938	6202	5678
Camaquã	27925	35186	42577	57288	57356	61704	61620
Camargo						2526	2431
Cambará do Sul				8578	6779	7092	6936
Campestre da Serra							3054
Campina das Missões				7801	8272	8056	7644
Campinas do Sul			13947	10136	8681	8554	8479
Campo Bom			8541	16617	33791	47876	52096
Campo Novo			21052	10332	10715	9410	6967
Campos Borges						3868	3873
Candelária	18807	22286	24589	26559	26384	28012	28451
Cândido Godói				7690	8005	7454	7595
Candiota							7157
Canela		9063	12355	13909	19274	24801	30778
Canguçu	50072	58207	57538	62451	55825	50367	50045
Canoas	17630	39826	104257	153730	220448	279127	284059
Capão da Canoa						24755	25629
Capão do Leão						18894	20978
Capela de Santana						7476	8575
Capitão							2352
Carazinho	50866	56127	35717	42504	53696	58767	56959
Carlos Barbosa			10479	12374	13665	15921	18955
Carlos Gomes							2144
Casca			15511	15539	14301	10232	8367
Caseiros						2867	2978
Catuípe				15594	14670	10988	10636
Caxias do Sul	39677	58594	102702	144871	220566	290925	325694
Centenário							3336
Cerro Branco						3901	5293
Cerro Grande						2973	2894
Cerro Grande do Sul						8023	7658
Cerro Largo			38213	18002	19242	18901	12958
Chapada			9331	10573	10214	10538	10066
Charqueadas						24756	27231
Charrua							3861
Chiapeta				4405	4412	6670	4245
Cidreira						8967	11447
Ciríaco				7587	7796	7154	5318
Colinas							2464
Colorado				5558	4484	4395	4206
Condor				5911	6403	6421	6407
Constantina			18320	15521	17038	15063	11819
Coqueiros do Sul							2931
Coronel Barros							2420
Coronel Bicaco				8437	9238	9598	8778

Cotiporã						4159	4139
Coxilha							3033
Crissiumal			22648	19275	19578	18183	16321
Cristal						6075	6537
Cruz Alta	57515	64721	49441	57930	66171	68793	71135
Cruzeiro do Sul				8771	9341	10798	11468
David Canabarro				6281	5297	5093	4650
Derrubadas							4025
Dezesseis de Novembro						3978	3553
Dois Irmãos			11719	13803	15208	18951	17997
Dois Irmãos das Missões							2811
Dois Lageados						5615	3333
Dom Feliciano				14409	12614	12407	13609
Dom Pedrito	25795	25707	28266	32801	35149	38054	38979
Dona Francisca				3473	3121	3586	3760
Doutor Maurício Cardoso						7208	6742
Eldorado do Sul						17703	22852
Encantado	28599	34231	35193	18605	17797	18156	19287
Encruzilhada do Sul	36646	41069	43003	34548	27691	21479	22817
Engenho Velho							2268
Entre Rios do Sul						4041	3787
Entre-Ijuís						9955	10388
Erebango						3209	3131
Erechim	107035	119529	65972	48677	61114	72318	81932
Ernestina						3849	3811
Erval Grande			10446	10512	7977	7272	5915
Erval Seco				13508	14821	13021	9751
Esmeralda				8672	6399	5800	5528
Espumoso			31609	34965	32003	17010	16360
Estação						5531	5947
Estância Velha			11493	8916	14234	28190	31374
Esteio			22217	34597	50967	70547	75233
Estrela	28817	30825	27753	30752	37412	26686	26425
Eugênio de Castro						3541	3498
Fagundes Varela						2553	2467
Farroupilha	12511	12725	16106	19318	28995	45364	52821
Faxinal do Soturno			10467	9058	8782	9084	6754
Faxinalzinho						3085	3086
Feliz			11381	12727	13306	15565	10177
Flores da Cunha	9424	10326	12985	14626	15479	19869	20559
Fontoura Xavier				15312	14038	12092	11944
Formigueiro				9706	7875	7696	7654
Fortaleza dos Valos						4660	4803
Frederico Westphalen			42529	25567	29932	24935	27300
Garibaldi	17873	21236	19328	20812	23041	25926	28296
Garruchos							3394
Gaurama			14905	14787	14234	6499	6362
General Câmara	10788	12291	12165	13242	11697	11548	11159
Gentil							1831
Getúlio Vargas	23244	26770	25733	27189	28118	20042	19029

Giruá			24237	25425	28597	26828	25377
Glorinha						4587	4718
Gramado			11144	12378	16325	22095	25118
Gramado dos Loureiros							2552
Gramado Xavier							3742
Gravataí	22894	27853	46271	52462	107438	181035	206023
Guabiju						1737	1919
Guaíba	21220	22796	21900	33680	55054	83102	85969
Guaporé	44371	49851	33278	25227	24624	19825	18732
Guarani das Missões			8505	10416	11309	11500	11076
Harmonia						3074	3340
Herval	9543	9916	8568	7954	7281	7169	7548
Horizontina			19588	20996	24670	17023	16993
Hulha Negra							5003
Humaitá			11454	11262	9948	6030	5594
Ibarama						5111	4862
Ibiaçá				7323	6735	5893	5468
Ibiraiaras				8495	7615	7806	7283
Ibirapuitã						5897	5306
Ibirubá			17179	19339	19898	17816	18478
Igrejinha				7062	12032	20514	24503
Ijuí	42934	49509	63350	52738	70932	75157	75575
Ilópolis				3424	3619	3860	4092
Imbé						7352	9510
Imigrante						3961	3915
Independência				9046	8317	7491	7595
Inhacorá							2347
Ipê						5718	5543
Ipiranga do Sul						2348	2301
Iraí	14966	37959	36047	13012	13125	11583	9382
Itacurubi						3370	3575
Itapuca							2646
Itaqui	16564	19162	23311	28402	33311	40057	43022
Itatiba do Sul				8069	6677	6657	6000
Ivorá						2563	2598
Ivoti				7070	8874	16326	13199
Jaboticaba						5748	4732
Jacutinga				6999	6535	6307	4367
Jaguarão	15704	16255	18376	22451	23270	27755	29819
Jaguari	18615	18737	18282	17825	15935	12749	12736
Jaquirana						4053	4320
Jóia						7507	7870
Júlio de Castilhos	21269	24618	29174	24539	25612	25133	21972
Lagoa dos Três Cantos							1584
Lagoa Vermelha	59433	83210	37811	28791	28270	28733	29402
Lagoão						6037	5707
Lajeado	40742	47710	56170	56992	63739	63944	62819
Lajeado do Bugre							2352
Lavras do Sul	12482	12135	12441	11494	9225	8830	7670
Liberato Salzano				10161	10639	8662	7371
Lindolfo Collor							3813

Linha Nova							1509
Machadinho			22087	10044	8099	7338	6321
Manuel Viana							6059
Maquiné							7124
Maratá							2354
Marau			25688	26418	27001	25167	25348
Marcelino Ramos		24888	18229	8828	7769	7080	6819
Mariana Pimentel							3364
Mariano Moro				4142	3343	2997	2631
Mata				7347	6168	5578	5701
Mato Castelhano							2267
Mato Leitão							2990
Maximiliano de Almeida				7044	6952	6633	6233
Minas do Leão							7186
Miraguaí				8400	7685	5999	5504
Montauri						1786	1801
Monte Belo do Sul							2818
Montenegro	47713	50385	56953	46676	48816	49099	49316
Mormaço							2372
Morrinhos do Sul							3576
Morro Redondo						6070	5958
Morro Reuter							4737
Mostardas				14290	12969	9089	9303
Muçum			7724	7923	7904	7127	7217
Muliterno							1784
Não-Me-Toque			14163	10968	12774	14028	13905
Nicolau Vergueiro							1769
Nonoai			29829	29757	28433	29929	12666
Nova Alvorada						2653	2686
Nova Araçá				2296	2259	2868	3140
Nova Bassano				6381	6272	6762	7286
Nova Boa Vista							2315
Nova Bréscia				9360	6995	5174	4699
Nova Esperança do Sul						3589	3778
Nova Hartz						10013	12917
Nova Pádua							2373
Nova Palma				7995	8030	7656	6091
Nova Petrópolis			12261	13223	13866	16767	15298
Nova Prata	22625	26935	32579	20818	21111	15076	16440
Nova Roma do Sul						2959	3099
Nova Santa Rita							12467
Novo Barreiro							3836
Novo Hamburgo	19251	29447	53916	85364	136503	205668	226070
Novo Machado							5046
Novo Tiradentes							2689
Osório	33885	43068	53268	55569	60506	36857	33782
Paim Filho				10692	10642	5395	4875
Palmares do Sul						11248	12596
Palmeira das Missões	107390	84895	56693	58658	65998	52968	38933
Palmitinho				13247	13576	11669	7204
Panambi			17874	16193	23871	29379	31647

Pântano Grande						10017	10401
Paraí				4167	4529	5110	5540
Paraíso do Sul						6565	6713
Pareci Novo							2948
Parobé						31995	40480
Passo do Sobrado							5465
Passo Fundo	80138	101887	93179	93850	121156	147318	156333
Paverama						7202	7580
Pedro Osório			16582	16261	15016	14862	14662
Pejuçara				3431	3577	4039	4213
Pelotas	104553	127641	178265	207869	259950	291100	307667
Picada Café							4038
Pinhal						2740	2612
Pinhal Grande							4383
Pinheirinho do Vale							4506
Pinheiro Machado	12867	14215	12760	14260	14356	15396	13302
Pirapó						3819	3593
Piratini	19351	21019	23916	24444	20126	17655	17347
Planalto				17584	17707	17875	11603
Poço das Antas						1558	1953
Pontão							3786
Ponte Preta							2332
Portão				7501	10737	19489	22460
Porto Alegre	272232	394151	641173	885545	1125447	1263403	128887 9
Porto Lucena			11016	13007	12204	9415	7230
Porto Mauá							2962
Porto Vera Cruz							2758
Porto Xavier				12406	12193	10934	11247
Pouso Novo						2215	2207
Presidente Lucena							2047
Progresso						6923	6667
Protásio Alves						2340	2247
Putinga				6841	6144	5243	4985
Quaraí	17118	15526	17759	19741	19438	22083	23244
Quevedos							2639
Quinze de Novembro						3430	3533
Redentora				11543	10293	9176	8520
Relvado						2566	2383
Restinga Seca			15095	15795	14436	15242	15553
Rio dos endios							5441
Rio Grande	60802	77915	100378	116488	146115	172422	178256
Rio Pardo	35412	40039	47908	53699	50130	42924	37787
Riozinho						3389	3684
Roca Sales			9786	10706	8820	9557	8978
Rodeio Bonito				13830	13511	10852	7837
Rolante			16381	14866	11772	13420	16689
Ronda Alta				16028	16657	11689	11278
Rondinha				8308	8498	7126	6675
Roque Gonzales				10589	9758	8808	8161
Rosário do Sul	23783	28049	29296	37788	39260	40464	40897
Sagrada Família							2806
Saldanha Marinho						3330	3257

Salto do Jacuí						10876	12249
Salvador das Missões							2820
Salvador do Sul				15213	14331	8388	6520
Sananduva			21819	13299	14168	14448	14777
Santa Bárbara do Sul			10003	9191	12371	9941	10027
Santa Clara do Sul							4508
Santa Cruz do Sul	55041	69805	76854	86787	99636	117773	100433
Santa Maria	75597	83001	120975	156609	181579	217592	233351
Santa Maria do Herval						5185	5482
Santa Rosa	84528	120012	45871	39550	52231	58287	62553
Santa Tereza							1965
Santa Vitória do Palmar	14077	15168	17726	23458	27170	34462	34054
Santana da Boa Vista				11643	8916	8408	8530
Santana do Livramento	47414	48411	55974	63388	68111	80252	85554
Santiago	27793	31300	34420	41054	46627	51755	53703
Santo Ângelo	68829	89601	76255	80754	93674	76592	75511
Santo Antônio da Patrulha	59735	67292	54738	53626	41357	40607	40541
Santo Antônio das Missões				11589	12689	13257	13201
Santo Antônio da Palma							2239
Santo Antônio do Planalto							2047
Santo Augusto			21886	14812	17461	17832	15137
Santo Cristo			28088	15076	15312	15147	15048
Santo Expedito do Sul							2762
São Borja	29694	38835	50009	52392	58202	63783	63208
São Domingos do Sul						2561	2740
São Francisco de Assis	20374	22889	25672	27422	25727	26667	20680
São Francisco de Paula	29389	40910	41012	31805	23140	19251	18631
São Gabriel	40995	38472	46304	51934	56741	59040	60605
São Jerônimo	38269	49841	57584	38279	46880	27684	19712
São João da Urtiga						5212	4979
São João do Polêsine							2583
São Jorge						2874	2896
São José das Missões							3161
São José do Herval						2456	2501
São José do Hortêncio						2800	3079
São José do Inhacorá							2467
São José do Norte	17692	22254	27868	18824	21747	22071	22767
São José do Ouro			17354	14304	12252	11464	7044
São José dos Ausentes							3080
São Leopoldo	52049	75601	63938	64433	98592	167907	180617
São Lourenço do Sul	28392	31476	33447	39886	41603	41420	42527
São Luiz Gonzaga	62319	73652	55537	41061	47540	41671	40233
São Marcos				9169	11824	15857	17359
São Martinho				8763	8035	7352	6741

São Martinho da Serra							3147
São Miguel das Missões						7413	7424
São Nicolau				10961	11990	6874	6542
São Paulo das Missões				9354	9565	8523	7680
São Pedro da Serra							2474
São Pedro do Butiá							2942
São Pedro do Sul	15409	14693	15976	21815	20998	20381	19930
São Sebastião do Caí	39509	40134	27768	25252	27180	16833	19163
São Sepé	21408	25291	32774	26674	26870	28075	24624
São Valentim			13341	20216	15797	7709	7388
São Valentim do Sul							2322
São Valério do Sul							2557
São Vendelino						1458	1621
São Vicente do Sul	16479	15070	14991	7976	7344	7576	7898
Sapiranga			11984	16402	37288	58675	65909
Sapucaia do Sul				41744	79367	104885	114012
Sarandi	39195	55645	28689	17957	20549	22351	17854
Seberi			20560	14326	15495	13532	12486
Sede Nova						3734	3524
Segredo						6950	6804
Selbach				4509	4472	4579	4605
Sentinela do Sul							4234
Serafina Corrêa				8076	9323	8458	9754
Sério							3040
Sertão				10041	9039	8938	7693
Sertão Santana							5143
Severiano de Almeida				5255	4436	4430	4317
Silveira Martins						2380	2526
Sinimbu							12984
Sobradinho	28622	31921	33524	28250	29045	20140	20201
Soledade	70279	95869	71550	46443	47569	30582	28303
Tapejara			19978	22566	21140	18887	16076
Tapera			13328	8618	10365	10937	10650
Tapes	22291	23571	24835	25334	23733	19762	14478
Taquara	54327	51585	33010	31167	41375	42467	47574
Taquari	27907	27884	22453	26786	28913	25024	26322
Taquaruçu do Sul						3060	3073
Tavares						5075	5068
Tenente Portela			39261	34227	30645	23674	14716
Terra de Areia						10407	10732
Teutônia						17578	19969
Tiradentes do Sul							8558
Torres	20575	30853	35389	41129	41615	37474	31124
Tramandaí				12353	19221	20130	27874
Travesseiro							2372
Três Arroios						3288	3253
Três Cachoeiras						7999	9272
Três Coroas			6041	6370	10474	15087	17276
Três de Maio			38555	31363	33036	26535	24785
Três Forquilhas							3211
Três Palmeiras						5030	4841

Três Passos		111808	38366	43228	45615	40761	30085
Trindade do Sul						6927	6251
Triunfo	11687	12659	12904	14608	13860	17923	19536
Tucunduva			14020	15289	13856	12538	6657
Tunas						4388	4415
Tupanci do Sul							2117
Tupanciretã	21033	25196	28453	24835	26650	23240	23041
Tupandi						2325	2661
Tuparendi			13273	14639	13899	12481	9636
União da Serra							2208
Uruguaiana	34818	48773	63713	74813	91497	117456	124881
Vacaria	32874	41722	57360	57107	58563	58610	58534
Vale do Sol							10362
Vale Real							3668
Vanini						1826	1909
Venâncio Aires	28205	31405	39931	43734	48282	55482	57071
Vera Cruz			10264	11527	13937	17912	19557
Veranópolis	16272	20546	23098	23399	23247	16916	18122
Viadutos			10203	9609	8761	8889	6494
Viamão	17313	20954	50803	66443	117657	169176	196685
Vicente Dutra				9812	8585	6624	6305
Victor Graeff				4955	4122	3872	3890
Vila Flores						2650	2892
Vila Maria						4059	4107
Vila Nova do Sul							4121
Vista Alegre						3148	3061
Vista Alegre do Prata						1783	1731
Vista Gaúcha						2749	2768
Vitória das Missões							4137
Xangri-lá							6931

Nota: Alterações de topônimos:

- Alfredo Chaves (Veranópolis)
- Aparados da Serra (Bom Jesus)
- Bom Jesus do Triunfo (Triunfo)
- Cai (São Sebastião do Cai)
- José Bonifácio (Erechim)
- Livramento (Santana do Livramento)
- Santo Antônio (Santo Antônio da Patrulha)
- São Vicente e General Vargas (São Vicente do Sul)

Tabela organizada com o apoio do Laboratório de Estudos Regionais.Departamento de Geografia.UFRGS por: Adriane Monteiro Viana e Rosa Cristina Ferreira Ramos.

NOTÍCIAS DO IHG

ELEIÇÃO E POSSE DA DIRETORIA

Em cinco de agosto de 1996, foi eleita e empossada a Diretoria que regerá os destinos do Instituto no biênio 1996/98, assim composta:

Presidente: **Sérgio da Costa Franco**; 1º Vice-Presidente: **Luís Alberto Cibils**; 2º Vice-Presidente: **Earle Diniz Macarthy Moreira**; Tesoureiro-Geral: **Fernando Otávio Miranda O'Donnell** [1];Tesoureiro: **Coralio Bragança Pardo Cabeda**; Secretário-Geral: **Raphael Copstein**; Secretário: **Paulo Jaurès Pedroso Xavier**; Responsável pela Biblioteca: **Ruy Ruben Ruschel**; Orador: **Carlos de Souza Moraes.** Conselho Fiscal: **Gervásio Rodrigo Neves, Laudelino Teixeira de Medeiros, Moacyr Flores**.

Encontro de Santa Catarina

Nos dias 4, 5 e 6 de setembro de 1996, realizou-se em Florianópolis o Congresso de História e Geografia Catarinense, comemorativo ao 1º centenário do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. O evento, dirigido e organizado pelo Professor Walter Piazza, presidente do instituto co-irmão daquele Estado, promoveu igualmente um encontro dos institutos históricos e geográficos, ao qual estiveram presentes o Prof. Dr. Arno Wehling, presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, mais os presidentes das organizações de Santa Catarina, Bahia, Sorocaba e Rio Grande do Sul. Segundo relatou nosso presidente, Sérgio da Costa Franco, foi oportunidade para uma útil troca de experiências acerca da organização, métodos de trabalho e comportamento das instituições que assumiram compromisso com a guarda e preservação da memória nacional.

O IHG de Santa Catarina custeou as despesas de deslocamento e estada de seus convidados.

(1) Demitiu-se.

Sesquicentenário da morte do Visconde de São Leopoldo

O Instituto promoveu eventos evocativos do sesquicentenário da morte do Visconde de São Leopoldo, transcorrido em 6 de julho de 1997. Em colaboração com o Departamento de Atividades Culturais do Solar dos Câmara, vinculado à Assembléia Legislativa, publicou-se uma paquete sobre a vida e obra do homenageado, em edição patrocinada pela Mesa do Legislativo gaúcho.

Em data de 5 de agosto, 77° aniversário do Instituto, a Assembléia Legislativa dedicou o grande expediente da sessão à celebração da efeméride do Visconde de São Leopoldo e homenagem ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul. Foi orador o deputado Jair Foscarini. Logo a seguir, no recinto do Solar dos Câmara inaugurou-se mostra de livros, manuscritos e peças museológicas, tudo relacionado ao primeiro historiador do Rio Grande do Sul.

A sessão de assembléia geral estatutariamente prevista para a data de 5 de agosto foi realizada no auditório do Solar dos Câmara.

NOVOS MEMBROS DO INSTITUTO

Eleição de membros efetivos

Foram eleitos membros efetivos do Instituto:

. Em dois de outubro de 1996, o historiador Telmo Lauro Muller. Empossado em 20 do mês seguinte, apresentou trabalho intitulado *Lindolfo Collor fruto da imigração alemã*. Foi saudado em nome do Instituto, pelo confrade Carlos de Souza Moraes.

. Em dois de novembro de 1996. Miguel Frederico do Espírito Santo. Tomou posse em sete de maio do corrente ano com a apresentação do trabalho *O Rio Grande e as luzes*. A saudação, em nome do Instituto, foi feita pelo confrade Sérgio da Costa Franco.

. Em quatro de dezembro de 1996, Véra Lucia Maciel Barroso. Primeiro membro efetivo, do sexo feminino, admitido pelo Instituto, no quadro de membros efetivos. Foi empossada em 11 de junho do corrente ano, tendo apresentado o trabalho intitulado *Santo Antônio da Patrulha no cenário regional - olhares e fronteiras*. Foi saudada pelo confrade Ruy Ruben Ruschel. Após a cerimonia de posse, a professora Véra Lucia recepcionou os presentes servindo-lhes produtos típicos de Santo Antônio da Patrulha.

. Em quatro de junho passado foram eleitos membros efetivos Margareth Marchiori Bakos e Heinrich Hasenack. Deverão tomar posse brevemente.

Posse de Telmo Lauro Müller

Discurso de saudação de Carlos Souza Moraes

Exmo. Dr. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul
Distintas autoridades, meus senhores, minhas senhoras,
Meus confrades.

Sempre que usamos a palavra, em ocasiões como esta, relembramos o passado, o tempo em que, residindo em Porto Alegre e acadêmico de Direito, frequentávamos constantemente as sessões de nosso Instituto, para ouvirmos os novos integrantes e vivermos o ambiente em que se cultivava a História, que sempre nos fascinara, e numa época em que a televisão não dominava tanto os nossos lares como nos dias presentes.

E como nos regozijávamos em conhecer os novos historiadores, que vinham ser empossados, e não esquecíamos o acontecimento em que, aluno ainda do secundário, nos aproximara, certa vez, de Aurélio Porto, com quem conviveríamos por muitos anos e com ele desfrutaríamos da companhia nas visitas que, no Rio, nos levou a conhecer a Arquivo Nacional e outros órgãos públicos ligados à história bem como inúmeros expoentes dessa disciplina, entre os quais relembramos Alcides Bezerra, diretor do Arquivo e donde trouxe alguns exemplares de suas obras. De Aurélio Porto, guardamos até hoje também exemplar dos nossos Estatutos que ele nos ofertou, não imaginando que, um dia, integraríamos a instituição e recordaríamos as visitas à sua sede, subindo as velhas escadas, já carcomidas pelo caruncho e ameaçava seriamente sua biblioteca. Relembramos, ainda, a figura austera, mas profundamente comunicativa de nosso presidente perpétuo Adroaldo Mesquita da Costa, presidindo, em idade avançada, mas sempre assíduo às suas sessões, nos trabalhos do sodalicio que ele tanto dignificou. E com ele visualizamos muitos de seus integrantes que ajudaram a fazer a sua grandeza tais como Othelo Rosa, Souza Docca, Afonso Guerreiro Lima, Florêncio de Abreu e Silva, Eduardo Duarte, Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, Armando Dias de Azevedo, De Paranhos Antunes, Olyntho Sanmartim e Guilhermino Cesar.

E nessa rememoração, que nos é muito grata, principalmente quando não são esquecidos aqueles que tanto ajudaram o nosso Instituto, como o seu inesquecível guardião Thomaz Carlos Duarte, que passou parte respeitável de sua existência cuidando dela com carinho, com dedicação sem par. Nunca o esquecemos.

Sempre que recebemos novo integrante, vivemos um dia de festa, porque estamos construindo e consolidando nosso sodalicio onde se procura servir e destacar a cultura.

A conquista desta nova sede, no mesmo local onde o Instituto viveu tantos anos, foi árdua. Foi necessário imaginação, disposição e coragem de uns poucos sócios, que para realizar a posse definitiva da velha casa, demoli-la e substituí-la por esta nova sede, mais ampla e moderna, embora não possua os espaços de que necessita para acomodar devidamente o seu acervo, sempre crescente, e proporcionar ao seu quadro de funcionários condições melhores de trabalho e a seus frequentadores ambiente mais acolhedor.

Infelizmente, o poder público, sempre às voltas com problemas sobrelevantes, não tem podido socorrer devidamente nossas instituições culturais, públicas e priva-

das, com recursos adequados, para vencerem as suas dificuldades, enquanto a Argentina e Uruguai chegam até a reunir em volumes, bem postos e melhores compostos, material de arquivo, com que premiam os estudiosos e pesquisadores, que não precisam recorrer permanentemente aos arquivos públicos e vasculhar manuscritos.

E o que é ainda lamentável é a circunstância perversa que determina a perda de material precioso e, por vezes, irrecuperável, pela ação da traça e do caruncho, inimigas poderosas, ante a ineficiência e incapacidade do poder público, que vai se omitindo em providencias, enquanto os arquivos se vão deteriorando e desaparecendo, juntamente com a destruição de jornais e outros materiais valiosos.

Meus senhores, minhas senhoras,

Hoje, empossamos novo companheiro de luta, para prosseguirmos nossa caminhada e assegurarmos nossa sobrevivência. A admissão de um novo companheiro é sempre motivo de alegrias. Não podemos parar. É preciso sempre convocar mais colaboradores, que possuam disposição de trabalhar e realizar.

A admissão do professor Telmo Lauro Müller é um reforço precioso para o nosso desiderato. Ele tem currículo de formação cultural e experiência na edificação das boas causas que o recomendam muito.

Desde cedo, dedicou-se ao ensino e à história, sobretudo a que diz respeito à contribuição do imigrante alemão, ao nosso desenvolvimento. Sempre foi um estudioso do processo de aculturação, versando com proficiência o entrosamento do elemento de origem germânica no processo de expansão material e cultural de nossa população. A contribuição das levas imigrantistas alemãs, que, a partir de 1924, vieram trazer a sua colaboração, para o enriquecimento do país, representa acontecimento da maior significação que se tem verificado através dos anos.

A integração se fez sem convulsão e nem choques, que pudessem abalar a adaptação e evolução dos núcleos populacionais que se foram destacando, prosperando e reduzindo os claros do povoamento. Além disto, o progresso despertado e instalado pelos esforços e capacidade dos núcleos iniciais impulsionaram extraordinariamente o progresso do país.

A importância das cidades surgidas, os institutos culturais advindos da iniciativa e do trabalho dos descendentes do imigrante é tão notável quão gratificante, que jamais podemos deixar de louvar a iniciativa da colonização alemã.

Telmo Lauro Müller é um calejado professor. Viveu na colônia durante muitos anos e enriqueceu o seu cabedal de conhecimentos, que o fazem um dos maiores conhecedores de história de nossa colonização alemã. Como educador de curso primário, depois secundário mais tarde peregrinou pela nossa rede escolar como inspetor de ensino da secretaria Estadual de Educação.

Sempre solicitado nunca descansou. Ensinou sempre, participando de simpósios de história e realizando conferências, a propósito da mesma matéria, em diversas regiões do nosso Estado como em outros Estados.

Já deixou a marca de seus conhecimentos. Tanto assim que dispõe de diplomas e reconhecimento de várias instituições nacionais, como sócio correspondente do Museu Imperial de Petrópolis, do Instituto Histórico e Geográfico do Distri-

to Federal, sócio da Associação Riograndense de Museologia, de Porto Alegre e sócio benemérito do Centro Literário de São Leopoldo.

Além dessas distinções é diretor, desde a fundação do Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, presidente do Conselho Municipal de Cultura de São Leopoldo e coordenador permanente dos simpósios de história da imigração e colonização alemã, que de dois em dois anos, se realizam na cidade de São Leopoldo.

É bacharel em Geografia e História, com diploma registrado, como licenciado em geografia e história. Também enriquece o seu currículo como museólogo diplomado e registrado.

Vê-se, assim, que o recipiendário é um historiador ilustrado e respeitável com que o Instituto enriquece o seu quadro social.

Ele ainda se recomenda por outros destaques: possue a Cruz do Mérito, desde 1988, da República da Alemanha, pelo ensino, estudo e registro da história da imigração alemã no Rio Grande do Sul e pelo estreitamento das relações entre o Brasil a República Alemã.

Também conquistou o título de Educador Emérito, do governo rio-grandense, em 1988, em reconhecimento aos serviços prestados à causa da educação.

E, recentemente, foi galardoado, como mérito cultural, pelo governo do Rio Grande do Sul, com a medalha Negrinho do Pastoreio, ante os relevantes serviços prestados em favor da pessoa humana.

Estudioso incansável, está, permanentemente, trabalhando. Na sede do Museu Visconde de São Leopoldo, faz quase diariamente, a grupo de escolares que comparecem, com professores, por empenho destes, dissertações sobre colonização e ensino, com peregrinação às salas do Museu, que guardam reminiscências da imigração e colonização.

São aulas apreciadíssimas e concorridas. Também se ensina história do Brasil.

Colabora em vários jornais semanalmente, tratando dos mais variados assuntos, destacando-se os relativos a motivos leopoldenses.

Deixou-nos, já, os seguintes livros: Colônia - História e Memoriais, Cozinha - Alemã- Receituário, Colônia Alemã, Imagem do Passado, Colônia Alemã - 160 anos de História, Sociedade Ginástica, São Leopoldo - Cem Anos de História, Herança de Geração em Geração, Amor ao Próximo, Nacionalização e Imigração Alemã, 1824 - antes e depois. História da Imigração Alemã para Crianças (trilingue: português, alemão, dialeto (Hunsrück))

O nosso novo consorcio vem dirigindo, com proficiência, destacadamente, o Instituto Histórico de São Leopoldo, que ele ajudou a fundar e o vem presidindo dedicadamente e sem faltar a uma sessão, como fazia o nosso presidente perpétuo Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.

Muito podemos esperar do Prof. Telmo Lauro Müller, que saúdo, certo de que ele bem dignificará nossa casa.

Ler os livros do Prof. Telmo Lauro Müller é adentrar em profundidade na evolução da colonização, que tanto proporcionou ao Brasil em riquezas materiais

e culturais, que representam contribuição admirável, empolgante e inesquecível, que haveremos sempre de louvar e dignificar.

Os que quiserem conhecer o que foi a vida de sacrifícios de nossos colonos através destes 172 anos decorridos, em que transformaram a selva, o mato, as colinas e os banhados em fontes de produção, de riqueza e alegrias, leiam os livros do Prof. Telmo Lauro Müller. Eles encantarão e se tornarão, por muito tempo, obras de cabeceira pela riqueza de informes de nossas populações, que souberam e puderam criar escolar e clubes de recreio, quando o governo não lhes podia alcançar o indispensável.

Quanta coisa eles exibem e como despertam admiração, respeito e reconhecimento! Lá está o colono na roça, na choupana, na casa, no recreio e nas manifestações culturais. As fotografias acompanham sempre os acontecimentos e paisagens.

Aí está, rapidamente, o que o nosso novo confrade lega ao Instituto, que haverá de receber, por certo, muito mais no decurso do tempo.

Posse no I.H.G.R.G.S.
20 de novembro de 1996.
Telmo Lauro Müller

Minha saudação ao Exmo. Sr. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, em cujo nome saúdo a todos os membros desta Casa;

Minha saudação às autoridades presentes ou representadas;

Minhas senhoras e meus senhores.

Entre surpreso, emocionado e agradecido ingresso nesta Casa que reúne uma plêiade de expoentes nos campos da História, da Geografia e ciências afins. Por vir do berço da imigração alemã, São Leopoldo, não posso deixar de relembrar os nomes capilés que já marcaram passagem aqui: os padres jesuítas Carlos Teschauer, João Batista Hafkemeyer, João Lütgen, Luís Gonzaga Jaeger e Lindolfo Collor, todos fundadores deste Instituto em 11.8.1920, de um total de 55 fundadores. Atualmente, Carlos de Souza Moraes, decano dos advogados leopoldenses e verdadeiro baluarte cultural à margens do Sinos, o rio "que imita o Reno" na palavra de Vianna Moog, e o Pe. Arthur Rabuske, o incansável e inteligente historiador da Companhia de Jesus, ilustram esta Casa.

Agora, ao lado desses nomes brilhantes, vem ocupar uma Cadeira um nome cuja opacidade dará ainda mais realce aos citados.

E quem é esse oitavo leopoldense neste sodalício?

Nasci na colônia alemã de Lomba Grande em 17.9.1926, então município de São Leopoldo. Setembro é o mês do Kerb em minha terra. É sabido que Kerb é a festa da inauguração das igrejas nas colônias alemãs fossem elas católicas ou evangélicas. Daí haver Kerbs com esses adjetivos. Kerb é uma corruptela de Kirche (alemão gramatical), igreja, passando pelo dialeto Kerch para chegar à palavra Kerb, entre os hunsrücker gaúchos. Hunsrücker são imigrantes da Renânia que povoaram os vales Sinos e Caí. Pois por pouco nasci no salão de baile da Sociedade Atiradores Lombagrandense, em pleno Kerb, pois morávamos ao lado dela. Enquanto meu pai tocava seu violino na bandinha local, minha mãe, ouvindo os acordes musicais, devia estar eufórica com o terceiro filho, por sinal bonitinho; os primeiros anos de escola colonial foram marcados pela lousa, o lápis de pedra, a palmatória e a vara. Minha vida foi marcada por uma origem modesta mas espargida pela civilização plantada pelos imigrantes alemães. Essa marca profunda criou meu campo de trabalho. Depois a mudança para São Leopoldo e a coragem de meu pai, já então com oito filhos, de me colocar no então Ginásio Sinodal a quem devo a metade do que viria a ser pela base da retidão, do trabalho, da disciplina, do cumprimento do dever e do embasamento religioso. Depois foi a vez do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, Porto Alegre, onde recebi uma nova "Weltanschauung". E aí a pergunta marcante: qual profissão?

Por essa época eu havia lido num almanaque de farmácia que "os nascidos em setembro terão suas espadas cobertas de glória" mas não consegui entrar na Escola de Cadetes, por razão de idade, com o que perdeu o Brasil um grande

general. E o almanaque dizia em continuação: "...ou serão advogados brilhantes". Aí tive a prova provada de que horóscopo é apenas uma coluna na imprensa para atrair leitores em busca de soluções que nunca lá estão, porque minha vocação explodiu quando li um texto de uma professora há pouco formada em letras na PUC/RS e falava nos encantos do magistério. Foi o estalo de Vieira! Daí para a Faculdade de Filosofia da UFRGS, curso de Geografia e História, foi um passo em atendimento ao gosto acentuado por essas disciplinas.

Tenho que dar um passo atrás para dizer que a passagem pelo conhecido "Julinho" foi marcada por muitas visitas com colegas ao plenário da Assembléia Legislativa, no velho casarão da Duque, ao tempo de Egidio Michaelsen, Edgar Luiz Schneider, Brochado da Rocha, Mén de Sá, Brito Velho e outros. E o caminho da Assembléia até o velho Mercado Livre, donde saíam os ônibus para São Leopoldo, esse caminho passava pela Riachuelo onde meu gosto pela História fez voltar minha atenção para um velho casarão, estilo português, suponho, vidraças com repartições pequenas e uma placa indicativa: I.H.G.R.G.S. Pela afinidade, cheguei a me interessar por um emprego naquela casa sem saber ao certo o que lá acontecia. O que eu queria mesmo era estudar História e Geografia e viver delas. É a primeira vez que conto essa história e parece-me que ela vem a propósito quando ingresso nesta Casa, hoje em sede nova.

Ao lado da atividade profissional propriamente dita, tive a ventura de festejar 37 anos no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo, cujo acervo é uma marca na história da imigração alemã. Depois, ampliando horizontes, 21 anos de Instituto Histórico de São Leopoldo. Alguns livros, trabalhos em congressos e semelhantes atestam a preferência pela temática imigratória. Acredito que isso possa ter influído para que alguns eleitores desta Casa me confortassem com seus votos.

No cumprimento de meu trabalho e interesse ligados basicamente à História e à Geografia imigrantista, tive minha atenção voltada para um nome que é um grande fruto da imigração alemã: Lindolfo Collor, sobre quem, agora, teço algumas considerações.

Começo dizendo que numa decisão quase incompreensível mas de grande alcance, meu pai decidiu mudar-se para São Leopoldo. Fizemos a viagem em duas carretas de boi ao sentido contrário dos primeiros imigrantes que da histórica Feitoria do Linho-Cânhamo foram para lá. Em São Leopoldo moramos em casa de aluguel, na Av. 3 de Outubro (hoje Teodomiro Porto da Fonseca) onde minha mãe deve ter chorado as mais doridas lágrimas porque sentia-se perdida na "cidade grande". Mas no terreno da rua São Miguel (hoje Lindolfo Collor) que fazia limite lateral com o nosso, morava uma senhora que em poucos dias tornou-se a grande interlocutora de minha mãe, já que a língua alemã era comum às duas. Aquela mulher em idade bastante avançada nós apenas conhecíamos como a "velha Collor".

Um dia na porta dos fundos da casa dela apareceu um senhor de porte marcante, calça escura, camisa branca, suspensórios. Ficamos sabendo que era o filho da "velha Collor". Quando Vianna Moog, outro nome leopoldense ilustre, numa conferência o descreveu em sua intimidade diária, inclusive a maneira de se vestir, tive diante de mim aquela figura parada na porta dos fundos de sua casa na rua que

leva o seu nome. Era o próprio Collor. E bem mais de 50 anos depois, aqui estou para tecer considerações sobre essa figura ímpar quando tomo posse no Instituto do qual ele é fundador.

Na minha ótica, a história do Rio Grande do Sul apresenta uma data de grande magnitude que bem pode dividi-la em "antes" e "depois" de 1824, ano do início da imigração alemã. Pois é dessa imigração que provém o nome Lindolfo Collor, aliás Boeckel, nome do pai, depois Collor nome do padrasto.

Depois de 1824, o Rio Grande apresenta a pequena propriedade de braço livre; a policultura agrícola ao lado da presença dos Handwerker, artesãos: o Weber (tecelão), o Schmidt (ferreiro), o Gerber (curtidor), o Schuhmacher (sapateiro) e tantos outros. Não admira, pois, que esse artesanato fosse o início da industrialização e que o Vale do Sinos viesse a ser um aglomerado industrial. Um desses artesãos foi Johann Boeckel, caprichoso sapateiro, e ainda músico da bandinha de seu irmão Martin. Seu filho Lindolfo, nascido em São Leopoldo em 4.2.1890 e batizado na velha capelinha evangélica construída pelos imigrantes, seria um nome notável em nossa História, tanto que Vianna Moog, já citado, ao falar sobre Lindolfo Collor e a Revolução de 30, disse:

> *"... devia estar escrito que o primeiro Ministro do Trabalho haveria de sair do Vale do Sinos, e provir de descendentes da imigração e colonização alemãs que se instalou no século passado na Feitoria Velha para dali irradiar-se por todo país. É que essa imigração foi a principal condicionadora das mudanças que se vêm operando há 150 anos em nossas estruturas sociais* (escrito em 1976)".

E esse Ministro do Trabalho sempre esteve preocupado com as estruturas sociais tanto que 1917, em plena 1ª Guerra Mundial, escreveu no jornal "A Tribuna" do Rio de Janeiro:

> *"Engana-se profundamente quem supuser que, dentro da nova ordem de coisas que nasce com o fim da luta das potências, seja possível ainda ir iludindo a verdadeira situação do proletariado e adiando a sua definitiva incorporação na civilização ocidental..."*

Bem mais tarde, já nos primórdios da Revolução de 30, no Manifesto da Aliança Liberal ele voltaria à mesma temática. Terminada a Revolução, ele insiste com Vargas na criação do Ministério do Trabalho que fora um dos itens propostos pelo movimento, por onde se pode saber que já houve políticos que cumpriam promessas de campanha. Getúlio não queria o Ministério já, mas para acalmar o "Alemão", apelido de Collor nos meios políticos, ele foi criado e o próprio Collor seria o primeiro Ministro do Trabalho do Brasil. Assim, ele escreve em 26.8.931 numa exposição de motivos de uma lei:

> *"Muitos anos passamos nós sem fazer praticamente nada no terreno da legislação social.... Se estamos chegando tarde, cumpre-nos envidar todo o possível para chegar bem".*

Collor era uma cultura ampla e que fazia com raro brilhantismo o que hoje é um brilhantismo raro: tinha o domínio da língua portuguesa, sendo detentor de um estilo puro e agradável. Dá gosto lê-lo como, por exemplo, o discurso que fez em 1929, ao ser homenageado com um jantar em sua cidade natal:

"... Voltando de novo à minha terra natal, à terra de meus pais e dos meus primeiros sonhos, emerge-me à lembrança uma página, há muito lida, de André Gide. Ao filho que lhe torna à casa, depois de longa ausência, dirige o pai a afetuosa reprimenda: "Filho, por que te separaste de mim?". "Mas eu nunca me separei de ti, meu pai, porque tu estás em toda parte!"

E o homenageado completa: eu nunca me separei de ti, cidade dos meus encantos e das minhas esperanças...

Naquele mesmo discurso Collor faz um retrospecto histórico e diz de onde veio:

"Contam-se os meus antepassados, da operosa estirpe dos Boeckel, entre os mais antigos povoadores deste trecho da terra rio-grandense. Rememoro-lhes comovida-mente o trabalho fecundo que desenvolve-ram em benefício da nascente comunhão social. Da sua perfeita adaptação ao meio brasileiro, do entranhado carinho com que através de gerações amaram e serviram a colônia, a vila, a cidade, o município, só se pode dizer que foram iguais a quantos antes deles, aqui vieram buscando uma nova pátria, trabalhar lealmente pela sua dignidade e seu engrandecimento".

Ao falar dos seus, relembrar-lhes as qualidades, ele sintetiza:

"Foi nesse ambiente de trabalho, de honradez e de civismo que começou a plasmar o meu espírito".

Das muitas facetas da vida de Collor não é possível omitir sua marcante presença na política e destaco uma passagem de um discurso:

"Digamos que o espírito partidário está sofrendo colapsos entre nós. Quando os partidos se corrompem ou degeneram, alçam o colo as facções... Se o livre jogo dos partidos significa a saúde das democracias, é o predomínio das facções sintoma de moléstia grave".

E segue:

"Os partidos completam o Estado democrático; as facções o destroçam".

E completa citando Charles Benoist:

"O homem duma facção é o grão da anarquia e da tirania".

Ainda na parte política é preciso notar seu desapego a cargos e seu apego a princípios. Em 1936, quando novos sintomas políticos fermentavam, ele diz em manifesto do Partido Republicano Riograndense:

"Os cargos nada valem para mim, a não ser como instrumentos para a realização do bem-comum. Detesto a política de acomodações, dos conchavos, das guerrilhas e das perfídias. Esse não é o meu clima... Entre uma transigência e um sacrifício, prefiro o sacrifício..."

E sobrevieram os dias dúbios vaticinados por Collor na síntese do 10.11.1937, o Estado Novo de Vargas, que para o Barão de Itararé era "o estado a que chegamos".

Como em 1932, quando Collor discordante de Vargas pelo não cumprimento das promessas da Revolução, retirou-se do governo, assim em 1937, saiu da linha de frente e, recolhido, escreveu uma obra que orgulha nossa bibliografia - "Garibaldi e a Guerra dos Farrapos". A dedicatória atesta quem foi o Autor:

"Ao Rio Grande do Sul, terra de gente simples e boa, cujo passado é um protesto perene contra todos os regimes de violência, à minha terra e à minha gente dedico este livro".

Lindolfo Collor, uma vida notória que teve forças para enfrentar tempestades políticas; teve forças para enfrentar pressões e desafios; teve forças para lançar as bases da legislação social; teve forças para enfrentar exílios, não teve forças para enfrentar uma gripe e suas complicações. Morreu em 21.9.1942, aos 52 anos de idade.

Vianna Moog seu particular amigo volta a me socorrer:

"E depois? Bem, depois... tudo em torno dele é silêncio. Um silêncio dificilmente explicável e identificável, não sei bem se em conseqüência da depressão que se faz em torno daqueles que em vida muito dão de si..."

E o silêncio também encontrou uma resposta no jornalista Naio Lopes de Almeida:

"...a força da ditadura Vargas que não queria sombras e se considerava auto-suficiente".

Agora repito palavras do próprio Collor:

"... entre a vantagem e o sacrifício fico com o segundo".

Para terminar, com o que o auditório fica aliviado, trago o testemunho de Leda Collor de Mello, dileta filha e cuja amizade honrou-me sobremaneira. Disse-me ela que o pai muito enfermo recebeu um mensageiro de Vargas que lhe ofereceu uma Embaixada ao que Collor respondeu com as palavras que Leda ouviu:

"Como posso representar uma ditadura em outro país?".

Eis, senhoras e senhores, alguns momentos da vida de Lindolfo Collor, grande fruto da imigração alemã.

Termino com Machado de Assis que disse que "falar dos mortos é como rezar por eles".

ELEIÇÃO DE MEMBROS CORRESPONDENTES

Foram eleitos membros correspondentes, em sessão de dois de outubro de 1996: **Adilson Cezar** (Sorocaba, São Paulo), **Alfredo Manuel Sanches Muños** (Viña del Mar - Chile) e **Hélio Leôncio Martins** (Rio de Janeiro). Em dois de junho, do corrente ano, **Eliseo Popolizio** (Corrientes, Argentina).

Em virtude de ter transferido residencia desta capital para Camaquã, o confrade Luiz Carlos Barbosa Lessa solicitou e teve aprovada pela Assembléia Geral a sua transferência da categoria de membro efetivo para a de correspondente.

AMIGOS DO INSTITUTO

Por resolução da Assembléia Geral, foram concedidos títulos de Amigo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul ãs pessoas que fizeram

doações de livros, documentos , relíquias históricas e peças museológicas à Instituição. O Presidente do Instituto, no momento da entrega dos títulos fez a seguinte saudação:

Para alegria de seus atuais integrantes e crédito dos que dele participaram em outros tempos, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul sempre contou com fiéis e generosos amigos.

É evidente que a grandeza de uma instituição não se construiria apenas pelo esforço pessoal de seus associados, tanto mais sendo eles em pequeno número, encanecidos quase todos, e, salvo exceções, desprovidos de maior patrimônio. O saber, a ciência ou o empenho intelectual raramente se traduzem em acúmulo de pecúnia.

Entidade cultural como esta, nem sempre lembrada pelas organizações governamentais, não poderia ter acumulado copiosa biblioteca, rico acervo de documentos históricos e significativas peças de museu, se não tivesse contado, ao longo de seus 76 anos de vida, com a plena confiança da comunidade, - uma confiança que se expressa através de freqüentes doações de livros, de arquivos pessoais, de objetos de arte e de relíquias históricas.

A despeito de vivermos recolhidos a uma indiscutível modéstia, esquecidos, quando não ignorados pelos veículos de comunicação, os concidadãos percebem que aqui se cultivam simultaneamente a memória coletiva e as ciências humanas, os valores nacionais e as tradições da comunidade. A seriedade e a constância dos trabalhos que aqui se desenvolvem, sem facciosismos nem preconceitos, gerou um clima de confiança no meio social. Tal confiança exterioriza-se, de modo singelo e espontâneo, na prestação de serviços e nas mais diversas doações a benefício de nosso acervo cultural.

Mas devo reconhecer que não temos sido, como devêramos ser, publicamente agradecidos a tantos colaboradores e amigos. O estatuto social, preocupado em fixar regras exigentes de austeridade, dificulta sobremaneira a concessão de títulos de sócio benemérito ou de sócio honorário. Em face disso, em toda a sua longa vida associativa, o Instituto Histórico e Geográfico só reconheceu formalmente benemerência em 9 pessoas e outorgou a qualidade de sócio honorário a cinco cidadãos, o último deles em 1942. Porém cremos que essa parcimônia no homenagear e no agradecer não seria evidência de ingratidão, mas da seriedade e rigor com que sempre se encararam, nesta entidade, as manifestações públicas de apreço.

Decidimos no ano passado, entretanto, que, pelo menos as mais recentes provas de simpatia e generosidade em relação ao Instituto mereceriam, de nossa parte, uma pronta resposta, através da única maneira possível e viável de expressar nossa gratidão: a entrega pública de um diploma de "AMIGO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL" em sessão aberta e solene.

É claro que a simplicidade deste gesto não pode exprimir todo o agradecimento de que sois credores, - prezados amigos -, porém materializa de algum

modo um reconhecimento que pré-existia nas mentes e nos corações dos membros efetivos desta Casa.

Corremos o risco de esquecimentos indesejados, pelos quais desde logo apresento escusas. Omitimos conscientemente a outorga do modesto diploma a pessoas falecidas, ou àquelas que, tendo feito doações ou prestado benemerências há muito tempo, já não podem ser lembradas pelos atuais integrantes da instituição. Mesmo uma entidade afeiçoada ao culto da memória pode incorrer em tal gênero de pecado. Mas não faltará ocasião de se sanarem omissões. Temos, felizmente, uma sólida consciência de permanência e continuidade nas ações e programas deste Instituto.

Pela inconveniência e até a impossibilidade de fixar precedências entre nossos homenageados, pois a gratidão é sentimento que não se mede nem se ordena segundo regras aritméticas, faremos a respectiva chamada seguindo ordem alfabética. Só pedimos vênia para excepcionar e dar primazia aos descendentes de nossos confrades falecidos, no caso, os filhos dos saudosos companheiros Arthur Ferreira Filho, Lourenço Mário Prunes e Riograndino da Costa e Silva. A forma com que souberam eles expressar a imorredoura integração de seus pais com este Instituto, torna-os, de algum modo, extensão da personalidade de seus genitores. Vendo-os aqui, estamos vendo entre nós aquelas grandes figuras, que nesta Casa foram padrões de inteligência, de conduta fraterna e de espírito público.

Chamo, em primeiro lugar, segundo a ordem alfabética de prenomes, os descendentes do venerando Coronel Arthur Ferreira Filho, os quais, da biblioteca paterna fizeram substancial doação ao acervo cultural do Instituto.

— Senhora Eunice Fonseca Ferreira;
— Senhora Helena Ferreira Haase;
— Senhor Júlio de Castilhos Ferreira;
— Senhora Lívia Ferreira Armando;
— Senhora Maria Fany Ferreira Tabbal;
— Senhora Terezinha Dirce Ferreira Cornelly.

Chamo, a seguir, os descendentes do Desembargador Lourenço Mário Prunes, meu prezado professor de Geografia Humana, os quais doaram a esta Casa a biblioteca de seu ilustre pai, enriquecendo decisivamente nosso acervo bibliográfico nas áreas da Geografia, da História das Américas e da ciência Política.

– Senhora Eleonora Zettler;
– Senhora Gelsa Maria Fernandes;
– Doutor José Luís Ferreira Prunes.

Peço vênia para convocar, logo a seguir, a senhor Teresinha da Costa e Silva Puglia, filha de nosso estimado confrade falecido, general Riograndino Costa e Silva. Doando ao Instituto a biblioteca de seu honrado pai, bem como o respectivo arquivo pessoal, que é o testemunho de toda uma vida dedicada ao estudo e ao serviço público, dona Teresinha consolidou uma integração que já existia, perfeita, entre aquele consócio e esta entidade.

Convido a receber seu diploma nosso constante amigo e colaborador, coronel Alfredo Carlos Teixeira Leite. Pesquisador de história econômica do Brasil, em

especial sob o aspecto da influência britânica, sua senhoria tem retribuído os serviços que nossa biblioteca lhe presta, com o espontâneo custeio de encadernações e restaurações de volumes que o tempo e o manuseio desgastaram. O Instituto não poderia deixar de lhe prestar este público reconhecimento.

Zeloso investigador da bibliografia gaúcha, organizador dos já tradicionais encontros de micro-história, o Professor Astrogildo Fernandes é um constante freqüentador de nossa sede, sendo sempre o prestimoso intermediário de doações de livros e publicações diversas, quando não o mensageiro de lançamentos ignorados, ocorridos nos mais remotos rincões do Estado. É um dos colaboradores permanentes desta Casa.

Não poderia ser esquecido, como um dos mais prestimosos amigos do Instituto, o Dr. Hélio Ricardo Alves, odontólogo aposentado, que preenche os dias de sua jubilação com a paciente coleta e recuperação de fotografias antigas, que a sua arte de desenhista converte em admiráveis desenhos a bico de pena, ou também com a redação de crônicas e reminiscências. As repetidas doações que vem fazendo ao Instituto, seja para enriquecer nossa coleção iconográfica, seja para acrescentar nossos arquivos com documentos raros, como é o caso dos papéis particulares do comerciante Francisco Antônio Borges, do século passado, justificam a homenagem que ora lhe prestamos.

Convido, igualmente, a receber seu diploma de "Amigo do Instituto Histórico e Geográfico" ao escritor e jornalista Homero de Castro Jobim, que doou à nossa biblioteca duas grandes e importantes enciclopédias, afora outros volumes de historiografia brasileira.

Inserindo-se entre os doadores de peças de arquivo, que vieram enriquecer a documentação relativa à história gaúcha, registramos a pessoa de nosso amigo João Manoel Menna Barreto, ofertante de expressiva coleção de papéis pertencentes ao general honorário João Rodrigues Menna Barreto. Convido-o a receber seu diploma.

Graças sobretudo à dedicação, amizade e interesse cultural de nosso saudoso confrade, general Rinaldo Pereira da Câmara, este Instituto se tornou detentor de valiosas coleções de documentos do próprio general Rinaldo, de seu avô e biografado, Marechal Câmara, e de seu também ancestral José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de São Leopoldo. Nos contatos com a família Câmara e no resgate dessa preciosa documentação, teve um relevante desempenho o Dr. José Antônio Ferreira Corrêa da Câmara, que se mostrou decidido amigo de nossa instituição. Convido-o a vir receber o testemunho de nosso reconhecimento.

O Dr. José Francisco de Andrade Neves Meirelles, com a acuidade e o discernimento de quem sabe dar correto destino aos arquivos familiares, doou a esta entidade uma bela coleção de documentos pertencentes ao seu genitor, Dr. Miguel Meirelles, ex-prefeito de Santa Maria, e ao general Francisco Ramos de Andrade Neves, com grande folha de serviços ao Exército e à Nação. O Instituto lhe é grato e quis testemunhar-lhe sua gratidão.

Sem esquecer as atenções e auxílios dispensados a esta entidade por dona Mila Cauduro, enquanto no desempenho do cargo de Secretária da Cultura, o Insti-

tuto também lhe expressa neste momento, um público agradecimento, lembrando que, ainda em vida do saudoso amigo Dr. Raul Cauduro, o casal nos fez doação de uma preciosa relíquia histórica: o quadro dos constituintes rio-grandenses de 1891, que adorna hoje uma das paredes do 2º andar.

Finalmente, convido a receber este modesto diploma de "Amigo do Instituto Histórico" ao meu prezado amigo (e médico) Dr. Nicanor Letti, que há muitos anos vem sendo um provedor contumaz do acervo cultural desta Casa. Seja pela doação de uma grande coleção de teses defendidas no passado perante a Faculdade de Medicina de Porto Alegre, seja pela oferta de um raríssimo, senão único, filme documentário sobre a Revolução de 1923, seja pela entrega de interessantes peças dos arquivos pessoais do Dr. Protásio Alves e do ex-deputado Osvaldo Hampe, e de documentos da história política do Estado, o Dr. Letti se fez credor definitivo de nossa gratidão.

Concluída esta tarefa, caberia ainda uma referência genérica e impessoal ao confrades vivos e ativos que, através de espontâneos presentes ao Instituto, vêm, de igual modo, enriquecendo nosso patrimônio. Seria impróprio conceder-lhes o título de "amigos", quando são membros do sodalício e naturalmente interessados em favorecer o acervo da instituição. Mas estejam certos de que a diretoria lhes é reconhecida e sabe compreender o quanto vai de desprendimento em seus gestos, ao trazerem para o patrimônio coletivo velhas relíquias pessoas ou de família.

Muito obrigado pelas vossas presenças, que nos honraram.

Cedo a palavra a quem dela quiser fazer uso.

PARECER

A Câmara Municipal de Cachoeira do Sul solicitou a este Instituto parecer a cerca da mudança de nome de rua naquela cidade. Invocou para tanto o art. 5º da Lei Municipal nº 1084, de 19-11-1964, que só agora nos é apresentada. Nele se consigna:

Em se tratando de nome pertencente à história e ao culto nacional a destituição só se fará mediante prévio parecer do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Para cumprir este artigo o Sr. Edgar Müller, Presidente da Câmara de Cachoeira do Sul nos remeteu o presente expediente. Solicita ele que nos manifestemos sobre o projeto de Lei apresentado àquela Câmara pelo Sr. Vereador Glênio Rosa, que autoriza a revogar a Lei s/nº., de 22-2-1956 que deu a denominação de VINTE QUATRO DE MAIO a uma via pública urbana. Deseja agora o Sr. Vereador nominá-la JORNAL DO POVO.

Costuma-se assinalar ruas, avenidas e logradouros públicos de cidades com nomes de personagens ou datas de acontecimentos memoráveis. É reconhecido este costume como providência educativa das autoridades constituídas para oportunizar aos usuários reflexões sobre as personalidades que se fizeram notáveis por suas ações em prol do bem comum da coletividade em que viveram.

Também oferecem à consideração geral das gerações, ao longo do tempo, fatos ou acontecimentos que contaram com a participação de seus conterrâneos a movimentarem-se e atuarem em decisivas oportunidades.

Estas referências da geografia urbana constituem-se, afinal, em elementos formadores da identidade das cidades. Estão presentes nas lembranças de todos usuários ou visitantes. Como cartões postais que difundem e marcam uma cidade. Integram toda uma população.

Para melhor consideração de seus objetivos, entendemos não ser recomendável trocar nomes de ruas, avenidas ou logradouros públicos.

A denominação VINTE QUATRO DE MAIO é rememoração de fato histórico ímpar ocorrido na Campanha contra o Paraguai. Na época o Brasil foi mobilizado para repelir atos de guerra desencadeada por aquele país sul-americano, então, sob o domínio de um ditador.

Cachoeira participou, incentivada pela oratória do dr. Antonio Ângelo Cristino Fioravanti (1818-1870). Alistaram-se cerca de mil e quinhentos homens que, sob o comando do futuro brigadeiro José Gomes Portinho, destacaram-se em sangrentos combates. Muitos chefes militares cachoeirenses combateram sob o mando de Portinho. Como Argemiro Pereira de Moraes, Joaquim Gomes de Carvalho, Hilário Pereira Fortes (depois barão de Viamão), Antonio Eusébio da Fontoura e seu irmão José Propício da Fontoura, entre tantos mais. Cada um contribuindo para elaboração de verdadeiros capítulos da história política e militar cachoeirense.

A denominação atual daquela via pública - VINTE QUATRO DE MAIO - patenteia sacrifícios de tantas vidas e resume todas as vitórias daqueles cachoeirenses que tão bem representaram sua cidade e, com o Rio Grande do Sul, vitoriaram o Brasil e a liberdade. É recomendável não vestir um Santo, desnudando outro.

Estamos certos que não faltará uma digna rua ou avenida para os cachoeirenses homenagearem a imprensa séria, correta e independente representada pelo respeitável JORNAL DO POVO - uma presença consagrada, desde 1928, na admiração e simpatia de seus incontáveis leitores.

Porto Alegre, 13 de junho de 1997.
(a) Paulo Xavier, relator
(a) Laudelino Teixeira de Medeiros
(a) Early Diniz Macarthy Moreira

ATIVIDADES INTERNAS

1995

7 julho 1995 - Sessão Pública: *As duas pátrias de Rafael Pinto Bandeira*. Orador: Dr. Walter Fernando Piazza.

3 agosto 1995 - Sessão Solene comemorativa dos *75 Anos de Fundação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*. Orador: Dr. Fernando O'Donnell

agosto - Lançamento do nº 131 (1995) da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.*

9 agosto 1995 - Sessão Pública: *Abordagem à personalidade de Souza Docca.* Orador: Earle Diniz Macarthy Moreira.

22 novembro 1995 - Sessão Pública: *A evolução da imprensa gaúcha e o "Correio do Povo"* Orador: Sérgio da Costa Franco.

6 dezembro 1995 - Inauguração do retrato do Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira na sala de sessões do IHGRGS, alusivo ao bicentenário de sua morte.

1996

21 agosto 1996 - Sessão Solene comemorativa do *Centenário da Escola de Engenharia/UFRGS.* Orador: Dr. Mozart Pereira Soares.

20 novembro 1996 - Sessão Solene - *posse do membro efetivo Dr. Telmo Lauro Müller.*

1997

26 março 1997 - Sessão Solene - Outorga do Título de *Amigo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.*

7 maio 1997 - Sessão Solene - *posse do membro efetivo Dr. Miguel Frederico do Espírito Santo.*

11 junho 1997 - Sessão Solene - *posse do membro efetivo Professora Véra Lucia Maciel Barroso.*

Reuniões de Diretoria

5.7.1995
2.8.1995
6.9.1995
4.10.1995
1.11.1995
13.3.1996
16.4.1997
3.4.1996
24.4.1996
8.5.1996
7.8.1996
11.9.1996
13.11.1996
12.3.1997
2.10.1996

Assembléia Geral

6.9.1995
8.5.1996
3.7.1996 - eleição da nova Diretoria
5.8.1996 - posse da nova Diretoria
21.8.1996
5.11.1996
4.12.1996
12.3.1997
2.4.1997
4.6.1997
2.7.1997

OBITUÁRIO

ALFREDO VICENTE SCHERER

Nascimento:05 de fevereiro de 1903
Falecimento:09 de março de 1996
Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul a partir de 22 de dezembro de 1977.

Nascido em Bom Princípio, então distrito de São Sebastião do Cai, RS. Ingressou no Seminário Provincial de São Leopoldo em 1914, onde fez curso de Humanidades, Filosofia e depois de Teologia e, posteriormente, na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma (1924), onde fez estudos de Teologia. Foi secretário particular do Arcebispo Dom João Becker, a partir de 1928. Em outubro de 1930 acompanhou ao Rio de Janeiro, como Capelão Militar, as tropas revolucionárias gaúchas. Ainda como Vigário da Paróquia de São Geraldo, foi designado Bispo Auxiliar de Porto Alegre. Sucedeu Dom João Becker como Bispo de Porto Alegre em 1940. Em 1947 foi designado, pelo Papa Pio XII, Arcebispo de Porto Alegre.

Foi designado - em 1969 - pelo Papa Paulo VI para o Sacro Colégio de Cardeais. O Papa João Paulo II, em 1981, aceitou sua renúncia e, como Arcebispo Emérito de Porto Alegre, passou a exercer a função de Provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre até o seu falecimento.

ARTHUR FERREIRA FILHO

Nascimento: 20 de setembro de 1899
Falecimento:25 de março de 1996
Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul a partir de 05 de agosto de 1960

Nasceu no município de São José do Norte, em Bojurú. Exerceu diversos cargos públicos, sendo Juiz Municipal em Bom Jesus (1925), Intendente do mesmo município em 1928; Delegado de Polícia em Passo Fundo (1934) e, depois, Prefeito Municipal do mesmo município (1938 - 1942). Prefeito de São Leopoldo em 1947. No período de 1956/1958 dirigiu a **Biblioteca Pública do Estado**.

Entre suas obras destacam-se a " **História Geral do Rio Grande do Sul**", publicada em 1958 e em quinta edição e " **Revoluções e Caudilhos**", publicada em 1962. Exerceu, interinamente, a presidência do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e, até 1969, a presidência da Academia Sul-Rio-Grandense de Letras.

CARLOS REVERBEL

Nascimento: 21 de julho de 1912
Falecimento: 27 de junho de 1997
Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul a partir de 29 de setembro de 1966.

Nascido em Quadrai e vivendo sua infância em São Gabriel, no Rio Grande do Sul, veio a exercer atividades jornalísticas, como redator chefe da" **Revista do Globo**" e secretário da revista **"Província de São Pedro"**. No jornalismo diário foi redator do " **Correio do Povo**" e da " **Folha da Tarde**", ambos de Porto Alegre, tendo exercido também a função de redator do " **Diário de Notícias**"

Publicou 148 artigos sobre J. Simões Lopes Neto, entre 1940 e 1992.

Suas memórias foram escritas em 1993, por Claudia Laitano na obra " Arca de Blau Memórias de Carlos Reverbel.

Além de seu amplo trabalho de recuperação da obra de J. Simões Lopes Neto, publicou: " **O gaúcho. Aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata**" (1986); " **Um capitão da Guarda Nacional. Vida e Obra de J. Simões Lopes Neto**" (1981) e ." **Assis Brasil**" (1990), dentre outras.

Após seu falecimento sua biblioteca particular foi adquirida pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul..

MOACYR DOMINGUES

Nascimento: 30 de março de 1924
Falecimento:11 de novembro de 1996
Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul a partir de 05 de dezembro de 1974.

Nascido em Itapeva (São Paulo), fez seus estudos no Rio Grande do Sul. Cursou a Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre e a Escola de Aeronáutica dos Afonsos. Desempenhou atividade, durante a II Guerra Mundial no 1° Grupo de Caça da Base Aérea de Recife, pela qual foi condecorado com a Cruz da Aviação e Medalha da Campanha do Atlântico Sul. Serviu nas bases aéreas de Curitiba, de Porto Alegre e no Estado Maior da Aeronáutica. Teve participação no Correio Aéreo Nacional. Foi transferido à reserva no posto de Tenente-Coronel Aviador.

Realizou pesquisas históricas em Portugal e na Espanha para a elaboração da obra " **A Colônia do Sacramento e o Sul do Brasil**" (1973). Publicou:" **Antigas famílias patrulhasses - presença açoriana**". ; **"A nova face dos Muckers"** e **"Portugueses no Uruguai . 1764**".

Foi diretor , respectivamente, do **Arquivo Histórico do Estado do Rio Grande** do Sul, onde iniciou a publicação dos **Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul**, e do **Museu Júlio de Castilhos**.